

# MILITIA

ANO IX — N.º 55

JAN./FEV. - 1955



PADRE  
JOSÉ  
DE ANCHIETA  
S. J.  
APOSTOLO  
DO BRASIL.



# SUMÁRIO

NOSSA CAPA .....	98
EDITORIAL .....	5
DIVERSOS	
Conceito de Crime Militar — Dr. José Cândido da Silva .....	6
A Combustão Espontânea Como Causa de Incêndio — Professor Carlos Henrique Robertson Liberalli .....	8
Cooperativismo — Capitão Olívio Franco Marcondes .....	16
Papai Noel — Capitão Plínio D. Monteiro .....	19
Polícia, Fator em Evidência — 1.º ten. Alcides Lelis Moreira .....	20
Martine — Capitão Felix de Barros Morgado .....	26
A Penitenciária de Maceió — Major Olímpio de Oliveira Pimentel .....	31
O Soldado da Força no Trânsito — Cabo Milton Ramos .....	32
O Amazonas — Rio-Mar — Dr. Sílvio E. J. Marino .....	34
Atribuições de Uma Polícia Feminina — Professora Esther de Figueiredo Ferraz .....	36
O Resto — GIM .....	41
Outrora (soneto) — Capitão Péricles Nogueira Santos .....	42
Secção Feminina — Rita de Cássia .....	44
“A Educação Física e a Igreja” — 1.º ten. Ademar Ferreira .....	51
NOTICIÁRIO	
Posse da Nova Diretoria do Clube dos Oficiais .....	52
Conferência do Professor Heraldo Barbuy .....	61
O Curso “Militia” e os Novos Alunos-Oficiais .....	62
Visito o Corpo de Bombeiros o Cel. Sadock de Sá .....	63
Caixa Beneficente da Força Pública .....	64
Novo Secretário da Segurança Pública .....	67
Empossado Solenemente o Novo Governador do Estado de São Paulo .....	68
Conheça a Cruz Azul .....	70
No Comando Geral da Força Pública o Cel. José Canavó Filho .....	71
123 Anos de Bons e Leais Serviços Prestados a São Paulo .....	74
“Brigada Gaúcha” .....	76
15 Bombeiras-Auxiliares .....	77
Ecos do I Congresso Brasileiro das Polícias Militares .....	89
-NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Bahia .....	79
Ceará .....	80
Distrito Federal (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros) .....	81
Espírito Santo .....	82
Maranhão — Mato Grosso — Minas Gerais .....	83
Pernambuco — Rio Grande do Norte .....	85
Rio Grande do Sul .....	86
Santa Catarina .....	88
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Provas de Outubro .....	92
RECREAÇÃO	
Secção de Edipo .....	96

No

Jardim  
das  
Bolsas

se cultiva  
o bom gosto.



V. encontrará o que quiser em artigos  
finos de couro e outras utilidades

- para senhoras
- para cavalheiros.



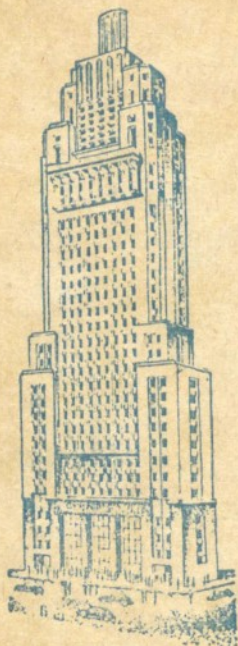
Goze do desconto de 10%.

apresentando sua carteira de  
associado do Clube dos Oficiais e do  
Centro Social dos Sargentos da  
Fôrça Pública.



# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

**SERVIÇO BANCÁRIO**

**RAPIDO**

**EFICIENTE**

**SEGURO.**

O nosso

**DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,**

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

**RECEBER DEPÓSITOS**

ou

**PAGAR CHEQUES**

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

**M A T R I Z :**

**PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO**

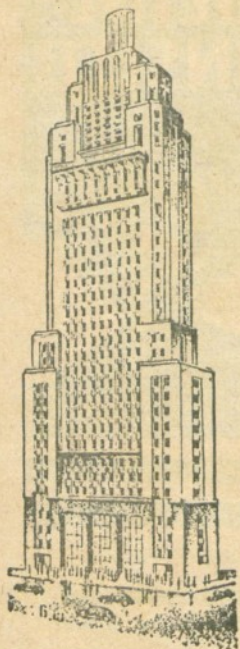
**CAIXA POSTAL, 789**

**Enderêço telegráfico: BANESPA**

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

**SERVIÇO BANCÁRIO**

**RÁPIDO**

**EFICIENTE**

**SEGURO.**

**O nosso**

**DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,**

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

**RECEBER DEPÓSITOS**

ou

**PAGAR CHEQUES**

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

**M A T R I Z :**

**PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO**

**CAIXA POSTAL, 789**

**Enderêço telegráfico: BANESPA**

**72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).**

★ GRANDE  
SUCESSO!

★ JÁ EM  
2.<sup>A</sup> EDIÇÃO!

# MANUAL do POLICIAL de TRÂNSITO

TENENTE ANTONIO MENDES  
DA FORÇA PÚBLICA DO E. DE SÃO PAULO



SÃO PAULO

1953

*"Excelente a impressão que tive do seu trabalho. Preciso, minucioso, bem orientado e sobretudo muito útil ao preparo dos guardas de trânsito".*

VICENTE SAGUAS PRESAS JÚNIOR  
Ten. Cel. Diretor do Serviço de Trânsito

*"Com seus capítulos perfeitamente ordenados, com ótima distribuição e explanação da matéria, além de oportunas ilustrações dos acidentes mais frequentes, o MANUAL DO POLICIAL DE TRÂNSITO será um valioso guia para todos os que se defrontam, diariamente, com os problemas de trânsito...".*

ANTÔNIO MOTA FILHO  
Vice-Diretor da Escola Oficial de Trânsito

*"Mas, não deve ficar restrito ao nosso meio. Pela sua própria essência, impõe-se seja facilitada a sua divulgação pelas demais Polícias Militares e por tôdas as entidades congêneres, civis e militares, com responsabilidade no policiamento de trânsito".*

ARRISSON DE SOUZA FERRAZ  
Major Diretor de Ensino do C.F.A.

Pedidos à "MILITIA", pelo Reembolso Postal ou por intermédio dos Representantes nas Unidades da Federação.

Preço: Cr\$ 25,00.

Desponta, cheio de esperanças e — por que não dizê-lo? — de incertezas e de dúvidas, o ano de 1955. Sucede ao do IV Centenário da “cidade que mais cresce no mundo”, sobremodo expressivo na vida de São Paulo.

Prazam os céus que o tempo, o espaço e as condições de 1955 possibilitem a continuidade das espantosas realizações dos bandeirantes do progresso.

São Paulo cresceu e se agigantou em 1954. nas mais variadas atividades humanas.

E “Militia”, com tôdas as deficiências. intentou também dar novos passos.

Fixou normas que traduziram incessante campanha na obtenção do total irmanamento das Polícias Militares do Brasil.

Traçou princípios orientadores da ação de nossas milícias, tendentes todos à efetivação do bem-estar social, através do aperfeiçoamento do sistema e dos processos policiais.

Indicou diretrizes assecuratórias do aprimoramento técnico, moral e intelectual dos policiais-militares e lutou, intransigentemente, pela sua adoção.

Publicou valiosos trabalhos de milicianos idealistas e de excelentes colaboradores, difundindo pontos essenciais à evolução das Polícias Militares do Brasil.

Não sabemos, ainda, se os frutos do trabalho serão bons e nem mesmo se existirão, já que as sementes podem ser más ou improdutivas. Mas, sabemos que “Militia” cumpriu sua finalidade, fazendo algo — certo ou errado — mas com pertinácia, em consonância com as convicções de seus diretores e, essencialmente, dentro das linhas normativas que se propôs.

# Conceito de Crime Militar

*Dr. José Cândido da Silva*

Juiz-Auditor da Justiça Militar de Goiás

Questão controvertida em Direito, tem sido a da competência da Justiça Militar. Para solucioná-la, juizes e Tribunais têm enfrentado os mais diversos ângulos do problema. Opiniões de variados matizes já foram expostas em sentenças e acórdãos. Forçoso é convir, entretanto, que não existe ainda uma jurisprudência em condições de ser considerada inequívoca, pacífica e uniforme. Há, de fato, uma orientação vencedora sobre esse assunto, no âmbito do Supremo Tribunal Federal. Mas sempre envolvendo decisões por "simples maioria de votos", e, jamais, uma unanimidade em condições de colocar um ponto final às constantes dúvidas. A matéria é complexa e, por isso mesmo, merece a atenção dos juristas verdadeiramente interessados na interpretação do texto legal. Não basta acompanhar, de olhos vendados, o roteiro de uma jurisprudência vacilante. É preciso conhecer seus fundamentos, estudá-los face aos dispositivos constitucionais, vale dizer, torna-se imprescindível "agitar o problema", propiciando uma conclusão que melhor atenda aos elevados interesses das Corporações militares estaduais.

O Egrégio Supremo Tribunal Federal assentou o ponto de vista de que "não é militar o crime cometido por encarregado do policiamento". Essa tese vem prevalecendo no setor jurisprudencial, ainda que venha sofrendo a

contradita de alguns Eminentíssimos Ministros.

Como Juiz-Auditor da Justiça Militar do Estado de Goiás, tenho defendido ardorosamente o princípio de que "serviço de policiamento é autêntico serviço militar". Não quero desmerecer o mérito dos argumentos expostos pelos que o combatem. Pretendo, apenas, alinhar as bases de minha convicção.

O conceito de crime militar deve ser entendido "rationae legis". Crime cometido por militar contra militar, ainda que motivos particulares e em lugar não sujeito à jurisdição militar é da exclusiva competência da justiça especializada, face à redação cristalina do art. 6.º letra "a" do Código Penal Militar. Ora, o referido diploma legal considera também crime militar, em tempo de paz, o praticado por militar em serviço. (art. 6.º letra "c"). E a lei não distingue a natureza do "serviço".

Nos termos do art. 183 da Constituição Federal, "as polícias militares, instituídas para a segurança interna e a manutenção da ordem nos Estados, nos Territórios e no Distrito Federal, são consideradas, como forças auxiliares, reservas do Exército". As milícias estaduais foram organizadas para A SEGURANÇA INTERNA E A MANUTENÇÃO DA ORDEM NOS ESTA-



DOS. Como forma de "manutenção da ordem", surge de modo inequívoco o "serviço de policiamento". Não resta dúvida de que a ordem é mantida através do policiamento exercido pelas corporações militares nos Estados. E' uma atribuição precípua e constitucional. Decorre do preceito legal. Vive em função do art. 183 da Constituição Federal.

Ademais, o policiamento nos Estados passa a ser um "dever militar". Violá-la será sujeitar o infrator à responsabilidade disciplinar, de acôrdo com os regulamentos e leis militares.

Estou certo de que "competindo à Côrte Suprema uniformizar a interpretação das leis da União, claro que de-

vem os juizes locais ter na jurisprudência daquela Côrte indispensável fonte de consulta. Mas é de se reconhecer aos juizes das Instâncias inferiores o direito e o dever de interpretar a lei de acôrdo com o que a consciência lhes ditar e com os recursos de que estejam apercebidos". (Ac. 8841, de 7 de novembro de 1936, da Câmara Cível da então Côrte de Apelação de Belo Horizonte, publicado em a Revista Forense de janeiro de 37, pag. 124).

A tese aqui manifestada será vitoriosa num futuro muito próximo. Estamos a caminho de uma fiel interpretação do texto legal, que melhor atenderá ao interêsse dos militares e das próprias Corporações Estaduais.

# Consumir

# Produtos

# Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.

# A COMBUSTÃO ESPONTÂNEA COMO CAUSA DE INCÊNDIO

Conferência pronunciada na Primeira Companhia Independente de Bombeiros da Fôrça Pública, em 2-VII-54 «Dia do Bombeiro».

Não sei a que atribuir a honra do convite para a palestra com que porei à prova a vossa paciência. Confesso que, acedendo à amável insistência do meu prezado amigo capitão José Limongi França, eu o fiz consciente das minhas limitações: o que poderia eu dizer-vos de novo ou de interessante num domínio em que deveria ser eu o ouvinte e algum dentre vós o conferencista?

Entretanto, rebuscando bem no fundo das minhas especializações científicas e didáticas, no campo da química e da farmacotécnica industrial, sempre encontrei um filão no qual mesmo um minerador bisonho poderia garimpar alguma coisa de valioso para oferecer-vos. De valioso não apenas de um ponto de vista exclusivamente cultural, mas, também, prático. E embora eu tenha a certeza de que a maior parte dos fatos que vos apresentarei já sejam do vosso domínio, nenhum inconveniente vos advirá, salvo o do enfadamento, de que esses fatos sejam reexaminados, talvez sob aspectos menos familiares.

Proponho-me a tratar da *combustão espontânea como causa de incêndio*.

Aliás, seria mais exato falar de *inflamação espontânea*, porque, como sabeis, pode haver combustões lentas, sem chama, e que não chegariam a produzir incêndio. Mas como o fenômeno aparente da inflamação pressupõe o fenômeno subjacente da combustão, sem o qual aquêle não se processa, preferimos falar em combustão, que é a causa da inflamação, a qual já é incêndio em início.

Um pouco de história talvez sirva para amenizar a aridez de um tratamento rigidamente científico do assunto. Pois, vamos à história.

Como sabeis, o fogo é a origem de tãda a civilização. O fato de o tratar-des mais como inimigo não vos deve fazer esquecer-lhe o aspecto benéfico, que, desde as mais remotas culturas, se impôs ao espírito do homem. Uma das primeiras indagações de ordem científica que deve ter feito a Humanidade primitiva foi, sem dúvida, contemplando a chama ardente do lar ou da pira, indagar de si própria, porque razão alguma coisa queima. O fogo parecia escapar-se das substâncias em combustão, como algo que delas fizesse parte essencial. E essa crença ficou arraia-

gada no estabelecimento dos quatro elementos da matéria: a terra, o ar, o fogo e a água, que desde Empédocles, em 465 A.C. e Aristóteles, um século depois, dominaram a filosofia da ciência durante dois mil anos, até o advento de Lavoisier, o pai da Química moderna.

Assim, para os sábios desse período, quando uma lenha queima, o seu ar sai sob a forma de fumaça, sua água sob a de umidade, seu fogo sob a de chama, e a cinza que fica é a terra.

E' verdade que uns três séculos antes de Lavoisier, a linguagem havia mudado um pouco. Os alquimistas e, depois deles, Paracelso no século XVI, haviam fixado os princípios constituintes da matéria em três: o enxôfre, o mercúrio e o sal, que nada tinham de comum com as substâncias designadas habitualmente por esses nomes, mas representavam qualidades ou atributos da matéria. O enxôfre era o princípio da inflamabilidade, o mercúrio o princípio da volatilidade, e o sal o princípio da fixidez. Assim, quando a madeira queimava, a chama se devia ao enxôfre, as matérias volatilizadas ao mercúrio, e a cinza ao sal.

Aparentemente ninguém se dava conta do papel que o ar externo desempenhava no fenômeno da combustão. Ninguém, não. Um homem, houve, em pleno século XV, que teve a noção do significado do ar na queima, e trezentos anos antes de Lavoisier, assemilhou a manutenção da vida ao fenômeno da combustão. Esse homem foi Leonardo da Vinci, o maior dos gênios que a Humanidade produziu, e cujo quinto centenário há dois anos comemoramos. Lê-se em seus escritos que "o fogo consome continuamente o ar que o sustenta", e que "no ar que não

mais pode alimentar a chama nenhuma criatura terrestre pode viver, como não vive a chama".

Em meados do século XVII foi tomando corpo essa idéia, de que o ar era indispensável à formação do fogo. Boyke, Hooke e Mayox, todos na Inglaterra, na segunda metade da centúria, destacaram a função do ar na manutenção da chama. Mas, no início do século seguinte, surge uma nova teoria, a do flogístico, defendida pelo alemão Stahl que, tendo recebido imensa aceitação, retardou de um século o reconhecimento da verdadeira natureza da combustão. Segundo Stahl, existia, nos três reinos da natureza, assim como no ar, uma substância extremamente sutil, o flogístico, que constituía o fundamento da combustibilidade, e que se desprendia dos corpos ao queimarem. Reconhecia-se, entretanto, que, para a produção da chama era necessário que concorressem o ar e o flogístico.

Foi Lavoisier quem mostrou, por suas imortais experiências, que não era o ar, mas um dos componentes do ar, que chamou oxigênio, o responsável pelos fenômenos da combustão, e que toda a queima é uma oxigenação. Assim chegamos ao que sabemos hoje.

Quando se produz uma chama, que pode chegar a transformar-se em incêndio, na imensa maioria dos casos, procura-se uma causa externa que haja desencadeado o fenômeno da combustão. Na prática, pensa-se geralmente em termos de imprudência de fumantes, de centelhas geradas por eletricidade estática ou em curto-circuitos. Outras vezes, porém, tais causas podem ser afastadas com absoluta certeza, e então se deve procurar alhures as razões do sucesso. Tais casos têm aparecido, tan-

to em incêndios em terra, em fábricas e depósitos, como a bordo, em cargas de navios. Segundo a vossa própria ca-suística, que me foi gentilmente comunicada pelo capitão Limongi, já se registrou no pôrto de Santos um incêndio em embarcação que transportava uma carga de hidrossulfito de sódio, e outro num carregamento de carne congelada envolvida em estôpa. Casos terá havido, em terra ou a bordo, nos quais talvez tenham sido incriminados outros fatores, e que mais certamente se teriam referido à inflamação espontânea.

Em primeiro lugar, como se processa a inflamação espontânea? Sempre em virtude de uma combustão lenta prévia, exceto nos casos em que um atrito pode gerar uma diferença de potencial elétrico, capaz de produzir uma centelha que promove a inflamação ou a explosão. Neste caso especial está a inflamação espontânea do trigo em grão ao se encherem os silos, porque o atrito de uns grãos contra os outros pode gerar faíscas que inflamam o pó que deles se desprende. Também essa era a razão pela qual, antes que se tomassem providências adequadas, se registravam incêndios de gasolina por ocasião de enchimento de tanques, porque o atrito do líquido escoado, com as paredes da tubulação era suficiente para desenvolver uma diferença de potencial.

Mas essas não são, propriamente falando, inflamações *espontâneas* porque houve uma causa externa, a centelha, embora gerada do próprio movimento do material inflamável. Na combustão espontânea há sempre uma oxidação, ou, melhor, uma oxigenação, uma reação química, portanto, que precede ao aparecimento do fogo. Essa oxigenação pertence ao grupo das reações exo-

energéticas, aquelas que se produzem com despreendimento de energia, geralmente sob a forma de energia calorífica. Para que haja combustão espontânea é necessário, portanto, que exista material facilmente oxidável. Se esse material facilmente oxidável estiver em contato com material combustível outro, em quantidade importante, então se gerará o incêndio. Quais são os tipos mais freqüentes de material oxidável susceptível de produzir tais acidentes? Os seguintes:

Fibras têxteis brutas

Metais finamente divididos

Pós muito finos de substâncias orgânicas

Produtos naturais susceptíveis de fermentação.

A esses acrescentaremos as substâncias potencialmente explosivas. Esta enumeração não significa necessariamente que esses materiais possam ser considerados perigosos (exceção naturalmente feita aos explosivos). Para que se desenvolva uma inflamação espontânea é preciso que concorram certas circunstâncias, das quais algumas são bem conhecidas, mas outras permanecem obscuras. Assim, temos como condições necessárias para a combustão espontânea:

- 1 — Material combustível oxidável ou fermentescível
- 2 — Presença de ar
- 3 — Insuficiente propagação de calor gerado na reação.

Expliquemo-nos: um material combustível encerrando substâncias oxidáveis entra em reação lenta como o oxigênio do ar. O calor gerado na reação propaga-se dificilmente pela natureza do material ou sua embalagem. O a-

cúmulo do calor chega a um ponto em que se produz a chama.

Mas essas condições para a combustão espontânea, se são necessárias, não são suficientes. Há mister de vários outros fatores pouco definidos, em ausência dos quais o fenômeno não progride. A presença de traços de metais, sob a forma de compostos de níquel, manganês ou cobre, pode funcionar como catalisadora da reação oxidativa. Note-se que vestígios desses metais sempre se encontram nas fibras têxteis brutas. As condições de temperatura ótima, as quais diferem para cada processo e para cada produto, também são variáveis em extremo. Tudo isso faz com que seja muito difícil prever em que conjunto de circunstâncias se poderá desencadear o fenômeno da combustão sobre um dado substrato a êle sensível.

Isto não é razão, entretanto, para que se não estudem e conheçam devidamente os possíveis elementos que entram em um possível acidente de combustão espontânea. Ao lado do interesse puramente científico e técnico, existe o interesse legal do problema. E do ponto-de-vista da prevenção, sempre será útil procurar fazer com que concorra o menor número de fatores desencadeantes.

Começemos a exemplificar com as fibras têxteis. Todos estais cientes da frequência da inflamação espontânea de fardos de algodão. As fibras do algodão, como toda as fibras vegetais, são ôcas, cheias de ar, quando não de secreções. A superfície de contacto com o oxigênio do ar é multiplicada muitas vêzes, pois se exerce no exterior e no interior das fibras. O algodão é celulose e esta não se oxida em pre-

sença do ar. Mas o algodão bruto sempre encerra pequena quantidade de óleo das sementes (o óleo de algodão). Quando o algodão é prensado nos fardos, as sementes que estiverem misturadas acidentalmente às fibras são esmagadas e liberam o óleo que contém. Esse óleo vai oxidando-se, produzindo calor, que se concentra até poder chegar ao ponto de queimar a fibra. A 150° a fibra de algodão já se começa a decompôr. Essa combustão lenta, caminhando ao longo das fibras pode atingir no interior do fardo, um espaço mais rico em ar, onde recebe novo e repentino alimento. E pode gerar-se a chama.

Tabaries de Granseignes, autor francês que estudou o assunto, refere que um fardo de algodão que havia caído no Tamisa foi retirado cinco anos depois. Jogado sobre o cais, abriu-se e imediatamente se incendiou. O brusco acesso de ar à combustão lenta que experimentava a fibra bastou para provocar a inflamação.

Com outras fibras vegetais, o linho e o cânhamo, são mais raros os casos de incêndio espontâneo. Deve haver aí uma resistência maior da fibra à combustão, porque o óleo de linho, isto é de linhaça, como o chamamos, apresenta maior facilidade de oxigenação que o óleo de algodão.

Há, porém, outra fibra, a juta, que apresenta grande facilidade de inflamar-se espontâneamente. Ignoro a casuística nacional, mas a literatura estrangeira refere casos de incêndio de navios carregados de juta, em pleno Oceano Índico.

E' evidente que, para o fenômeno produzir-se, há necessidade de uma temperatura elevada. A maioria das referências aos incêndios espontâneos de

fardos de fibras trata de países quentes e mares tropicais, onde já se tem registrado a temperatura de 60-70° nos porões dos navios.

Um farmacêutico-químico geral da Marinha francesa, Marcelli, verificou que à temperatura de 20°, são mínimos os riscos de inflamação de têxteis engordurados, mas a 35° não são desprezíveis, a 50° aumenta sua probabilidade e a 60-70°, então, o perigo é real. Entre nós, não é impossível que essa temperatura seja atingida no verão, em porões de navios, ou em depósitos industriais de ventilação insuficiente, com coberturas não isolantes, expostas ao sol.

Outro fator importantíssimo no desencadeamento do fogo em casos tais, é a presença de oxigênio. Evidentemente o teor em oxigênio do ar atmosférico não varia sensivelmente. Mas, como vimos no exemplo do fardo caído no Tamisa, a brusca abertura de um volume onde há combustão lenta pode ser suficiente para despertar o fogo. Sabeis, melhor que ninguém, que não se deve abrir bruscamente a porta de um depósito onde lavra fogo surdo. Mas, em certas circunstâncias, raras mas possíveis, pode haver súbito acesso, até de oxigênio puro, a um material em combustão lenta, e aí a irrupção da chama será violenta. E' o caso de vassamento ou ruptura de torpedos metálicos contendo oxigênio comprimido, fato perfeitamente capaz de se verificar em usinas, em navios (que são muitas vezes usinas flutuantes) em que o oxigênio comprimido é corriqueiro, visando a solda autógena, e mesmo o uso fisiológico, como nos submarinos ou nas enfermarias de bordo. Pois uma atmosfera que contém normalmente, ao nível

do mar, 21% de oxigênio em pêso, se receber apenas um fraco suplemento de oxigênio se torna perigosa: a 23% de oxigênio já são consideráveis os riscos de combustão de fibras têxteis em presença de traços de óleo. Como facilmente se compreende, qualquer vassamento de válvula em um tubo de oxigênio pode levar a êsse teor. O próprio comprimido pode ser perigoso, porque levará grande quantidade de oxigênio ao foco da combustão lenta.

Marcelli conta um caso sucedido em uma usina de carga de tubos de oxigênio na França, que ilustra trágicamente o perigo. Houve ruptura de um dispositivo regulador e um jato de oxigênio atingiu um operário próximo. O pobre homem ardeu imediatamente sem que tivesse sido possível prestar-lhe socorro. Só restou dele um fragmento de sapato meio calcinado. Não havia qualquer chama nem possibilidade de centelha. Mas o macacão do operário estava sujo de óleo de pintura, em que êle se ocupara anteriormente. Na véspera havia colocado o macacão sobre um radiador, e outros operários tinham empilhado em cima seus próprios macacões. A concentração do calor favorecera a oxigenação do óleo e uma combustão lenta se instalara em algum ponto. No dia seguinte, bastou o jato de oxigênio para que a chama irrompesse com violência quase explosiva.

O exemplo ainda nos chama a atenção para um possível foco de incêndio: os detritos e restos de estôpa de algodão, que tenham sido utilizados para limpar tintas e materiais de pintura, sempre ricos de óleos secativos (portanto facilmente oxidáveis) e que depois são jogados para um canto, às vezes na

proximidade de foços caloríficos (tais como caldeiras e tubos de vapor).

Experiências de laboratório mostram que não se trata de uma simples hipótese. Se se umedece uma estôpa com óleo de linhaça, aguarras e resinato de manganês (como é o caso de uma tinta secativa) e se coloca em uma estufa a 70-80°, a estôpa começa a emitir vapores e, ao fim de algumas horas, se inflama, ao passo que com uma estôpa limpa nada sucede.

Sou tentado a aproximar desses casos, o sucedido aqui, no pôrto de Santos, com o carregamento de carne congelada envolvida em estôpa, e que se inflamou espontaneamente. A primeira vista, o caso é paradoxal porque a temperatura muito baixa não fornece condições favoráveis para a combustão. Somente em presença de um suplemento de oxigênio poderia ser facilitada uma combustão lenta, que poderia estar sofrendo a estôpa eventualmente manchada de óleo ou, mais verossimilmente, do próprio sebo da carne. Esse aporte de oxigênio poderia ter sido fornecido pelo nitrato de sódio (salitre), conservador permitido para carnes congeladas, de que ajuda a manter o aspecto natural e a côr vermelha.

E' bom salientar que os óleos minerais (lubrificantes por exemplo), não sendo oxidáveis nas condições correntes, não constituem perigo de favorecer a combustão espontânea de material têxtil.

Por essas razões, os serviços de segurança das marinhas de guerra de diversos países prescrevem que os resíduos de estôpa empregados na limpeza de bordo sejam lançados em recipientes contendo água e que o próprio depósito de estôpa esteja em local fe-

chado e ventilado, munido de extintores e sob estreita vigilância. A inobservância dessa precaução pode levar a sérias conseqüências. Há alguns anos, uma explosão a bordo de um submarino francês, que recarregava as baterias, matou dois homens e feriu outros. O inquérito mostrou que, atrás da bateria, havia um pedaço de pano sujo de óleo e semi-carbonizado, que no meio da mistura de hidrogênio e de oxigênio que se desprendia dos acumuladores havia desencadeado a explosão.

Examinemos agora outro tipo de substâncias perigosas, produtoras potenciais de incêndios espontâneos, seja gerando chama, seja por explosão. Esse tipo de substâncias é extraordinariamente freqüente na indústria química, em seus vários ramos, e constitui, muitas vezes, a carga de navios, caminhões e trens, uma vez que, em sua imensa maioria, é importado do estrangeiro.

Reunirei nesse exame tanto substâncias inflamáveis espontaneamente, como substâncias explosivas. Destas, afastarei os explosivos propriamente ditos, porque estes são empregados como tais, e são bem conhecidas as precauções que os rodeiam. Como "substâncias explosivas", apenas serão objeto de atenção nesta palestra aquelas substâncias químicas empregadas para numerosos fins, e que se podem tornar eventualmente origem de explosões, e daí, de incêndios.

Qualquer material oxidável ou combustível, finamente disperso, é um explosivo em potencial. O simples amido ou a farinha de trigo suspensa no ar em pó finíssimo pode ser um tremendo explosivo: 12 gramas por metro cúbico

de ar, em contato com uma chama, podem derrubar um edifício.

Mas também certos pós metálicos, como o zircônio e o titânio, inflamam-se espontaneamente quando secos. Por este motivo são sempre acondicionados e expedidos sob água ou misturas de água e álcool. O mesmo, como sabeis, acontece ao fósforo branco, sempre acondicionado sob água, ou ao sódio e o potássio, sob querosene, porque decompõem a água. Com esse tipo de material, a possibilidade de acidente é a de ruptura insuspeitada do recipiente, com perda e evaporação do líquido. O material, secando e entrando em contacto com o ar, poderá inflamar-se e comunicar a chama a combustível próximo, como palhões de embalagem, caixas de madeiras, etc.

O perigo de ruptura do recipiente deverá ser assinalado também para líquidos que, em si próprios, não são inflamáveis, mas extraordinários promotores da combustão (comburentes). Exemplo significativo será o do peridrol, que é a água oxigenada concentrada, a 130 ou 150 volumes, e que é importado em escala relativamente considerável.

Todos estamos habituados a olhar a água oxigenada farmacêutica como produto inofensivo. De fato o é porque contém apenas 3% de peróxido de hidrogênio. Mas o peridrol, que contém cerca de 35% peróxido de hidrogênio, é um composto perigosíssimo. A ruptura de recipiente que contenha esse líquido pode levar grande quantidade de oxigênio a materiais que estejam experimentando combustão lenta, por exemplo, palhões de embalagem úmidos, em fermentação, e gerar chama, ou explodir por choque subsequente.

Aliás, de modo geral, todo composto muito rico em oxigênio é suspeito e deve ser olhado como perigoso. Isto porque ele encerra dentro da sua própria molécula o oxigênio necessário para a sua combustão, independente do aporte do oxigênio exterior. Os compostos que, ao lado da riqueza em oxigênio, contêm nitrogênio, então, são os mais suspeitos de todos. Quando a proporção de oxigênio em uma molécula, for tal que baste à transformação de todo o carbono em anidrido carbônico, todo o hidrogênio em água, sem que haja grande falta nem excesso, a potencialidade explosiva atinge o máximo.

Vários compostos deste tipo resistem bastante à decomposição explosiva espontânea, quando puros, e a sua manipulação é considerada segura. Vem um dia, em que, sob o império de circunstâncias diversas, o produto explode e há uma catástrofe. Foi o que aconteceu com o nitrato de amônio, adubo sintético de imenso uso em todo o mundo, que, fabricado às toneladas, é depositado em enormes silos. Há uns trinta anos, uma explosão de nitrato de amônio destruiu as usinas de Oppau, na Alemanha, e ainda está na memória de todos o desastre de Texas City, há cerca de um decênio, em que a explosão desse mesmo produto gerou incêndios que destruíram grande parte da cidade. Entretanto, o nitrato de amônio puro é inofensivo. Basta, porém, a sua contaminação com material combustível, para que ele se converta em um temível explosivo.

Quando se trata de compostos já muitos conhecidos, o perigo é menor porque toda a atenção se volta para ele e o luxo de precauções restringe em geral as possibilidades de acidente. Mas,



o fato é que numerosas substâncias químicas são potencialmente explosivas, em reações, e no entanto, permanecem quase ignoradas como tais, por parte dos próprios químicos e técnicos de laboratório. As metal-aminas oxigenadas, por exemplo, compostos freqüentemente preparados em laboratório e indústria, só há pouco tempo é que revelaram o seu aspecto explosivo, totalmente desconhecido antes. O nitrato de cromo amoniacal (nitrato de hexamina-cromo III), a mais comumente empregada das cromi-hexaminas, é quase tão explosivo quanto o TNT!

Compreende-se quantos azares poderão surgir do transporte e da manipulação descuidada de material deste tipo.

Outras vezes, a capacidade explosiva é fraca, porque é pequeno ou nullo o volume de gases gerados na reação embora exotérmica. Mas o calor produzido pela decomposição espontânea ou provocada por um imponderável, é tal que poderá gerar incêndio. Mencionei em vossa casuística o caso do incêndio a bordo do Naboland, navio surto no pôrto de Santo, provocado pela inflamação espontânea de hidrossulfito de sódio. O hidrossulfito, cujo nome químico atual é ditionito de sódio, é composto largamente usado em indústrias têxteis e químicas, sendo portan-

to objeto de intensa importação. Na maior parte dos tratados de química que consultardes não achareis referência ao fato de poder êle inflamar-se. Realmente, o ar sêco é estável. Mas em presença de umidade, oxida-se rapidamente em pirossulfito ou metabissulfito de sódio, chegando até à incandescência. Atualmente já se lê nos rótulos de algumas embalagens de hidrossulfito a advertência de conservá-los protegidos da umidade. Eis um dos casos em que a água poderá gerar o fogo.

Senhores:

Já vai longa esta palestra e desnecessário será alongá-la mais ainda, para, à custa do interêsse com que me lisongeis, exhibir uma erudição de mau gôsto. Visei, dirigindo-me principalmente a especialistas na complexa ciência da luta contra os acidentes geradores ou gerados do fogo, salientar mais uma vez quanto a química constitui seu importante fundamento, mas também quanto resta ainda a fazer no domínio da sua prevenção. A especialidade do bombeiro moderno é cada vez menos empírica e cada vez mais científica. E qual é a finalidade da Ciência? "Conhecer para prever a fim de prover", na luminosa definição de Augusto Comte. Conhecendo, prever-se-á. Prevendo, prover-se-á.

— // —

*Fotografia*

**MODERNA**

**VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.**

**R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAULO**

MILITIA



CLICHES  
TRACO  
TRICROMIA  
AUTOTIPIA

# COOPERATIVISMO

— Cap. Olívio F. Marcondes

A prática verdadeiramente cooperativista e, por isso mesmo, fecunda, surgiu na Inglaterra com os 28 tecelões de Rochdale e «consistiu na reunião de recursos próprios e na divisão dos benefícios proporcionalmente às compras efetuadas por cada sócio e aos depósitos feitos» na sociedade que fundaram, em 1944, com o objetivo de manter um armazém para a venda de gêneros alimentícios, vestimentas, etc.; empreender a fabricação de artigos cuja produção fosse conveniente, para dar trabalho aos seus associados que se encontrassem em má situação financeira; comprar ou alugar terras para exploração; construir casas para os sócios; cuidar da educação em seu seio, e propagar a temperança, abrindo um estabelecimento adequado.

«A sociedade fundada pelos 28 tecelões alugou, para funcionar, um armazém por 250 francos, conservando um capital de 450 francos; fez pequena provisão de sal, manteiga e de grão de aveia e, num sábado, à noite, iniciou as vendas aos seus associados». Da receita das vendas reservava 5% para o pagamento dos juros das quotas subscritas pelos associados e para a amortização dos débitos dos imóveis adquiridos; 2% para a biblioteca e a escola a serem instaladas, e o restante para distribuição entre os seus consumidores, proporcionalmente às compras de cada um».

Um ano depois de fundada, a sociedade já possuía 64 sócios e apresentou um lucro de 800 francos. Vinte anos após, possuía 6.826 sócios, suas vendas atingiram a ..... 7.000.000 de francos e os lucros foram de 1.000.000 de francos. Decorridos mais 24 anos, contava com 16.342 sócios. Em 1935 a biblioteca da referida sociedade possuía ... 18.000 volumes e a sua escola era freqüentada por centenas de menores. Já mantinha uma assistência para enfermos e uma caixa para emprestar aos sócios o necessário à aquisição de suas casas.

A partir de 1850, inúmeras outras sociedades cooperativas surgiram na Inglaterra com idêntico progresso. Uma delas, a «Cooperativa Wholesale Society», com sede em Manchester, possui mais de 14 estabelecimentos de produção de calçados, confeitos, conservas, biscoitos, móveis, sabão, tecidos de flanela, etc., que fornecem aos seus consumidores». Mantém, ainda, oficinas para o preparo da carne, do chá, do café, do azeite, etc.. Tem mais de 6.500 empregados».

O exemplo da Inglaterra começou a ser adotado na Alemanha, com a prática criteriosa da cooperação, em 1902.

Em 1935 a Alemanha já possuía 1.068 cooperativas de consumo unidas, com 950.000 sócios.

Na Inglaterra, na Alemanha, na França, na Bélgica, na Itália e

nos Estados Unidos as cooperativas de consumo têm sido fonte de economia popular e a base de toda e qualquer organização cooperativa que opere, também, com outras finalidades, tais como as de empréstimos aos sócios, de produção e de serviços assistenciais e educacionais.

Fundada, inicialmente, por um grupo de cooperados, a cooperativa começa por comprar para posterior fornecimento, realizando, assim, «a economia resultante dos lucros do intermediário varejista e da compra em grosso». Os lucros líquidos vão crescendo de volume até a sociedade poder fornecer empréstimos aos sócios, surgindo, então, a secção ou cooperativa de crédito, que incrementa, sempre, «o surgimento da cooperativa de produção». A cooperativa de consumo reduz o custo de vida, permitindo a realização de certa economia; «realizada esta economia, obtém lastro para a instituição das caixas de créditos (empréstimos); organizando as caixas de crédito, conseguem reunir consideráveis capitais; de posse desses capitais, vai facultando aos produtores a obtenção do salário e do lucro, restituindo, enfim, o capital ao seu verdadeiro dono, por meio das cooperativas de produção».

Pode-se admitir que nenhum meio é mais propício para a prática do cooperativismo do que o nosso — da Força Pública — constituído por uma classe de interesses idênticos, composta de elementos em serviço ativo e na inatividade, capazes de estabelecerem uma grande sociedade cooperativa, objetivando

«realizar um benefício pecuniário e melhorar a condição doméstica e social de seus membros», pela constituição inicial de um apreciável capital dividido em ações. Temos, na reserva, camaradas que poderiam exercer, a contento e mediante razoável remuneração, as funções administrativas de tal instituição.

O Departamento de Assistência ao Cooperativismo do Estado prestaria assistência para a constituição e administração da cooperativa. O nosso atual Armazém de Reembolsáveis poderia ser convertido, inicialmente, em uma cooperativa de consumo, objetivando transformar-se logo que possível, em cooperativa de consumo, produção, economia e trabalhos domésticos, para as espósas e filhas dos sócios, e de educação secundária, para os filhos dos mesmos, prevendo a repartição de seus lucros líquidos assim: «2% para a amortização do débito dos móveis e imóveis adquiridos; 4% para o aumento do capital de movimento e constituição do fundo de reserva, repartidamente; 5% para a criação de uma escola de trabalhos e economia domésticos, para as espósas, filhas e irmãs maiores dos sócios, de ensino secundário para os seus filhos e irmãos, e de uma biblioteca e publicações de propaganda; o restante seria distribuído entre os consumidores, proporcionalmente às compras de cada um.

Seria a prática do cooperativismo, «em virtude da qual o indivíduo não deixa de gastar, para guardar e acumular, mas recupera parte daquilo que teve que gastar, porque se trata de gêneros de pri-

meira necessidade!» «Reembolsa a diferença entre o preço líquido e o preço corrente que é devorada pelo intermediário», no comércio comum.

Cooperativas de consumo, produção e economia doméstica, pode-

riam ser constituídas pelos componentes das Polícias Militares do Brasil, que possuem ambiente propício para a iniciativa, com reais proveitos para a economia e melhoria da condição social dos mesmos.

## A MINHA HOMENAGEM À CRUZ AZUL DE S. PAULO

*Dentre as casas de Saúde de São Paulo, sobressai, pela sua organização impecável, a Cruz Azul.*

*Idealizada por um punhado de militares generosos, vem ela prestando inestimáveis serviços aos seus associados que, sem distinção, são ali recebidos com todo carinho.*

*Dirigida por uma Diretoria cônica de sua responsabilidade, possui uma Administração modelar e um Corpo Médico admirável, no qual se encontra, além de outros distintíssimos profissionais, a simpática Doutora Gersony França, amiga incondicional de seus doentes.*

*Rendendo, por êste meio, uma singela homenagem à Cruz Azul, na qual estive recentemente internada, estendo esta homenagem a todos os funcionários e enfermeiros, os quais, sempre incansáveis, não poupam esforços para minorar os sofrimentos de seus abrigados.*

*A todos, pois, os meus agradecimentos pelo carinho com que me trataram*

MARINA PEREIRA PACHECO.

# PAPAI NOEL

Cap. Plínio D. Monteiro

Se não me engano o velhinho é eslavo, chama-se S. Nicolau, e passou para nós por intermédio da literatura francesa, e daí a denominação de Papai Noel.

Inúmeras tentativas têm sido feitas procurando vestir esse personagem de lenda com roupas mais compatíveis com o tropicalismo do nosso clima, e tornar seu feitio acorde com as nossas origens. Já foi tentado o lançamento do Vovô Índio, e mais recentemente, o do Pai João. Ambos perfeitamente originários do "folklore" brasileiro, ligados à formação da raça, de acôrdo com as lendas indígenas e africanas. Homenagem ao quase desaparecido autóctone e ao braço escravo esteio de nosso sistema econômico da Colônia e do Império.

Mas, esses movimentos nativistas não encontraram eco no comércio, que não viu vantagem alguma em abandonar um "slogan", com muito custo lançado no espírito deste povo que não cultua as suas poucas tradições, por um novo personagem que para se popularizar consumiria muito esforço e muita verba de publicidade.

Assim, é que alienígena como é, Papai Noel é o sonho de fim de ano do menino brasileiro — branco, preto, caboclo ou mulato; descendente de latinos, eslavos, árabes, nipônicos ou germânicos — e não adianta tentar modificar a lenda importada que já se vai tornando nossa também.

Papai Noel é tão importante, que quase relega a um plano secundário a verdadeira e sublime figura do Natal — o Cristo Nazareno. O mais humano

e ao mesmo tempo o mais celestial revolucionador da fé, da moral e dos costumes ocidentais, fica ofuscado dentro da sua própria festa, em face do velho de longas barbas brancas, vestido espalhafatosamente de vermelho, num veículo tirado por animais curiosíssimos para nós, pois muito poucos brasileiros devem ter visto uma rena "in vivo".

E, é tão comercialmente aproveitada a figura de Papai Noel, que algumas instituições de assistência social lançam sempre, às vésperas do Natal, seus Papais Noéis em busca de donativos para, se valendo do ambiente festivo, minorar o sofrimento dos infelizes que nesses hospitais, asilos e outras casas do gênero, buscam amparo. Bastante justo. É mesmo um meio de, pelos britadores da persistência e da assiduidade, romper a crosta de indiferença dos egoístas, de quebrar a carapaça de corações empedernidos, para obter um pouco de cooperação e solidariedade humanas.

Entretanto, esses Papais Noéis que pedem em vez de distribuir coisas às crianças, colocam os pais em difíceis dilemas. Eu ouvi um garoto de 4 anos, após lançar na mão de Papai Noel pedinte, um óbulo que seu genitor mandara ali depositar, perguntar em sua inocência:—

— Não é Papai Noel que me daria presentes?

Sim, é, meu filho; e pense assim enquanto você puder, porque para saber as duras realidades que virão destruir seus doces sonhos infantis, você terá muito tempo...

# POLÍCIA

## FATOR EM EVIDÊNCIA

Ten. Alcides Lellis Moreira

A Fôrça Pública do Estado de São Paulo está aparelhada para formar excelentes policiais de rua. Possui uma Escola Policial-Militar das mais bem montadas de nosso País e a sua eficiência, em programação e meios, proporciona aos novos policiais aí formados um cabedal de conhecimentos importante.

Por outro lado, o elemento humano que atualmente vem procurando as fileiras da centenária Corporação tem revelado verdadeiro pendor para as atividades policiais, mostrando mesmo um interesse acentuado frente aos mais difíceis problemas de polícia.

Escola e elemento humano representam as parcelas de maiores expressões na soma de exigências para a formação do elemento mantenedor da ordem pública. Não são elas as únicas que, adicionadas, resolveriam a intrincada, porém palpitante equação. Outras, em plano de igual destaque, existem e são também cuidadas com real interesse.

Na Fôrça Pública é preocupação primeira saber-se se há falhas a serem sanadas ou remediadas; se o interesse da sociedade lucra com alguma medida a ser tomada e qual seria esta medida.

Assim, cuida-se da evolução, pois ela é um fato. O Brasil cresce e São Paulo é um dos seus sustentáculos. São Paulo agiganta-se e a tradicional Fôrça adotou o errôneo princípio de dormir

sobre os louros de sua fabulosa bagagem de glórias.

Pois bem, ao mesmo tempo que se estuda o tão explorado mas importantíssimo fator seleção, trata-se, também, com carinho, da EVOLUÇÃO CULTURAL do elemento básico — o soldado.

A tarefa de formar policiais é árdua, pois não se pode improvisá-los de momento para outro. Eles exigem uma formação demorada e complexa que só é obtida após prolongados meses de estudo, esforço, dedicação, vocação profissional, aliados à prática adquirida com a resolução de múltiplos e variados casos policiais.

A lógica e o bom senso nos autorizam a dizer da necessidade de se dar aos elementos de execução um verdadeiro equilíbrio de suas ações, colocando-os em condições de encararem a sua missão sem embaraços, fator indispensável para que se conquiste a confiança e simpatia da coletividade. Este equilíbrio cresce na razão direta dos conhecimentos relativos às funções que lhes são afetas.

Certo é que um policial com noções sobre Código Penal e sobre Lei das Contravenções Penais, será mais útil à sociedade do que um bisonho e incapaz elemento, embora com boas intenções.

Ninguém duvidará das vantagens de se manter no serviço de trânsito um

policial conhecedor dos regulamentos e portarias atinentes à sua missão. Seria contraproducente colocar nos cruzamentos das vias públicas homens incapazes de dirigir o tráfego.

Ninguém mais em condições de bem servir ao povo do que um policial que, com os recursos necessários de linguagem, domina facilmente situações difíceis, impondo-se pelos conhecimentos sobre socorros de urgência, pelas noções sobre direitos individuais e pela capacidade de iniciativa frente a incidentes, incêndios e calamidades.

São irrefutáveis as vantagens de se dar ao policial de rua um eficaz pre-

paro físico, despertando nele o interesse pelos desportos.

Certamente o prestígio e o renome da famosa Real Polícia Montada do Canadá e a projeção dos homens da Scotland Yard não foram dádivas do acaso. A importância social dessas entidades policiais é fruto da experiência, estudo, e de longas caminhadas à procura do aprimoramento profissional.

Eis alguns dos fatores que, inegavelmente, têm sido postos em evidência pelos homens da Força Pública que, de fato, desejam dar à gente de São Paulo um serviço de policiamento à altura das tradições da Terra Bandeirante.

Artigos p/ cama e mesa — Toalhas, Cretones, Cobertores, Colchas,  
Atoalhados, Guarnições, Opalas, Casemiras, Linhos, Veludos, Lãs,  
Organdís, Tobralcos Etc.

CASA *Lider* DE TECIDOS

Desconto especial para os elementos da Força Pública  
e seus familiares.

RUA 25 DE MARÇO, 740  
FONE 32-4247

SÃO PAULO

O amor próprio se envaidece com as homenagens, o orgulho as dispensa e a vaidade as publica.

MEILHAN

# DA PROVA EM MATÉRIA CRIMINAL

Segundo a lição de João Mendes Júnior, para fazer justiça é preciso aplicar a lei ao fato. A verdade do fato e o conhecimento da lei são, conseqüentemente, os elementos primordiais da administração da justiça. As partes incumbem expor os fatos e pedir a aplicação da lei, provando aquêles, eis que a lei não necessita ser provada: presume-se ser ela conhecida de todos, devendo tão só ser interpretada. Desempenhado-se de seu dever jurisdicional, profere o Juiz a sentença, a qual deve ser a conclusão lógica das duas premissas:— a prova dos fatos e a aplicação da lei adequada aos mesmos fatos.

Observa Couture que os fatos e atos jurídicos, quando dão motivo a um processo, são objeto de afirmação por parte daqueles a quem afetam. O Juiz, entretanto, sendo normalmente alheio a êsses fatos, sôbre os quais deve pronunciar-se, não pode, logicamente, fiar-se nas simples afirmações das partes, e deve dispor de meios para controlar a sua exatidão. E' mister comprovar a verdade ou a falsidade de tais afirmações, para poder firmar uma convicção a respeito. Considerada em sentido processual, pois, a prova é um meio de contrôlo das proposições que os litigantes formulam em Juízo. Encarada sob o ponto de vista das partes, a prova é também uma forma de provocar a convicção do magistrado.

Daí o dizer de Mittermaier:— a sentença que há de versar sôbre a verdade dos fatos da acusação, tem por base a prova. Promover a prova dos

*Agnello Camargo Penteado*  
(Juiz Auditor Suplente, por concurso,  
da Justiça Militar do Estado de  
S. Paulo).

fatos alegados, tal é mister da acusação, enquanto o acusado se esforça em apparecerem as contrárias, apresentando as que o desculpam. O Magistrado instrutor estabelece, por sua parte, a prova de diversos fatos decisivos no processo e, por fim, os Juizes fundam sua decisão sôbre aquêles fatos que vêm como demonstrados. Sôbre a prova, portanto, gira a parte mais importante das prescrições legais em matéria de procedimento criminal.

Por isso, todo o procedimento penal, no que respeita ao conjunto de provas, só tem importância, afirma Malatesta, sob o ponto de vista da certeza atingida, ou não, relativamente ao delicto, porquanto todo o juízo só pode resolver-se em uma condenação ou absolvição. E' precisamente a conquista da certeza quanto ao crime que legitima a condenação, assim como é a dúvida, ou, por outras palavras, a não aquisição da certeza do delicto, que obriga a absolvição.

O objetivo principal da Lógica Judiciária Penal consiste, conseqüentemente, em indagar como é que da prova pode legitimamente nascer a certeza em relação ao delicto. Êsse o motivo por que Pereira e Souza afirmava que a prova é a alma do processo, enquanto que Bentham, indo além, preceituava



que o processo nada mais é que a arte de administrar as provas.

Em sentido lato, prova é tudo aquilo que pode trazer ao espírito a realidade ou a certeza de um fato:— é o meio objetivo pelo qual o espírito humano se apodera da verdade. Provar é estabelecer a existência da verdade, é a atuação tendente a convencer da existência da infração penal e do seu autor ou autores. Para Mittermeyer a soma dos meios produtores da certeza constituiu a prova.

A verdade, na sua noção lógica, é a conformidade do pensamento com a realidade e, na sua noção ontológica, é a conformidade do objeto com a idéia, pelo que doutrina João Mendes Júnior que a verdade é a adequação da coisa e do intelecto e que, para firmar esta reciproca equação, a inteligência busca certificar-se, sendo a certeza a firme adesão do intelecto ao objeto, como ensinava Santo Tomás. A verdade é o que é:— “Dizer o que é, é, e o que não é, não é, eis a verdade”, dizia Aristóteles. Resulta de uma relação de conformidade entre o que o espírito pensa e o que é, na realidade, e a concordância entre um fato real e a idéia que dele forma o entendimento. A certeza é o estado de espírito que adere, sem receio de errar, a uma verdade conhecida:— “quies mentis in vero”.

O espírito do Juiz face ao fato do delicto, é o insigne Mestre João Mendes Júnior ainda quem nos esclarece, passa por todos os estados da mente: em primeiro lugar, a ignorância; em segundo, a dúvida; em terceiro, a suspeita; em quarto, a opinião e, em quinto, a certeza. A queixa, a denúncia, o corpo de delicto transformam a ignorância em dúvida; o flagrante delicto, a confissão extra-judicial, ou os depoimentos de testemunhas, transformam a dúvida em suspeita; a reiteração judicial dos depoimentos, a confissão judicial e outros veementes indícios, transformam a suspeita em opinião; a prova plena transforma a opinião em certeza. Enquanto o estado de dúvida permanece, o Juiz está indeciso, não se manifesta; mas no momento em que surge a suspeita, há uma adesão do espírito, vai principian-do uma decisão do juízo, para colocar o acusado em estado de prevenção. E, si esta suspeita produz o assentimento da mente, há uma opinião, manifesta-se um grau mais forte na decisão, pela qual o Juiz se inclina a crer, ou não, na acusação. A pena não pode ser imposta sem a certeza, sem uma decisão final, que produza a firmeza do juízo.

Oportunamente trataremos, em particular, das provas admitidas pelo Código de Justiça Militar.

---

**NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS**

**PELA GRAVARTE LTDA.**

# EXAMES PSICOTÉCNICOS

1.º ten. Sérgio Vilela Monteiro

Havíamos parado alguns momentos em um bar da avenida S. João, quando entrou um indivíduo corpulento e mal encarado, saído de um carro. Falando alto, contava suas proezas e de seu chefe. Envolveu nomes de altas personalidades e, epopeicamente, contou não ter respeitado um sinal semafórico. Trabalhara muito, sempre a 90 km./hora. Mas, dizia, nada lhe aconteceria.

E' provável que isso não passe de frebís idéias de um cérebro paranoico ou de gabolices de um farrão. Mas, de qualquer forma, ressalta mais um sinal dos tempos, dê-se nosso século atômico e também neurótico. Tão neurótico que os homens se extasiavam diante de uns borrões horríveis por se julgarem em presença da arte. Outro dia palestrando com um grande psiquiatra tive a oportunidade de ouvir suas impressões sobre êsse tipo de neurose coletiva.

Mas, há meios aproximadamente seguros de ao menos se evitar que tais indivíduos venham a ocupar postos, onde põem em perigo a tranqüilidade social.

A sociedade se caracteriza por normas cujos padrões ideais podem ser amplos ou restritos. Do maior ajustamento dos comportamentos individuais a êsses padrões, resulta o equilíbrio social. Sabemos que há indivíduos cujos comportamentos patológicos não se ajustam a êsses pa-

drões. E' tarefa de psicólogos e psiquiatras examinar êsses indivíduos e afastá-los de certas tarefas ou mesmo segregá-los da sociedade comum.

Os jornais apontam constantemente os resultados catastróficos desses desajustamentos. Indivíduos psicologicamente incapazes de dirigir veículos provocam desastres pavorosos.

Ao que nos parece ocorrem duas cousas em nossa capital:

1.º — Não temos selecionado convenientemente nossos motoristas, e 2.º — Há muitos cargos ocupados por pessoal incompetente.

Seria pleonasmo vicioso exemplificar aqui êsses dois fatos, pois os jornais relatam constantemente os corolários dessa verdade.

Podemos afirmar ainda, com certa segurança, que os exames de motoristas procedidos em São Paulo, são insuficientes, pois integramos várias vezes as bancas de exames.

Nos países europeus é procedido, além dos exames especializados, rigoroso exame psicotécnico. Entre nós isso é feito no Distrito Federal, em serviço a cargo do eminente psicólogo dr. Emilio Mira y Lopes. As estatísticas daquela instituição, onde vários oficiais da Força Pública já estagiaram, são eloquentes ao afirmarem o elevado número de anormais afastados da direção dos veículos.

Não só condições técnicas e especializadas deve exigir um exame de motoristas, mas rigoroso exame clínico e psicológico.

Quantas vezes um indivíduo preenche as primeiras e ãa verdade não passa de um epilético, neurótico ou mesmo um esquizofrênico.

Certa vez examinando candidatos ao alistamento na Fôrça Pública, vimo-nos frente a um rapaz de excelente aspecto. Nas provas de conhecimento e inteligência revelara grau superior. Entretanto, na prova de personalidade pareceu-nos estar em presença de um epilético, devido o elevado número de traços agressivos e impulsivos revelados no teste miocinético.

Após rigoroso inquérito provou-se o que o teste já afirmara.

Nosso arquivos apresentam uma variedade de casos interessantes que, infelizmente, não podemos descrever em detalhes.

A Fôrça Pública possui o DASOP, (Departamento de Alistamento, Seleção e Orientação Profissional). Seis de seus oficiais estiveram um ano e meio trabalhando com o dr. Mira y Lopes, na Fundação

Getúlio Vargas, no Instituto de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação e da Prefeitura do Distrito Federal. Além disso, dois oficiais realizaram estágio de psicologia aplicada na Sorbonne, «Chemin de Fer», «Regie Societé Renault» e Instituto de Orientação Profissional de Paris.

O «quantum» realizado por esse Departamento seria tarefa de longa palestra, aliás já realizada na Fôrça Pública. Para seu aperfeiçoamento, o nosso serviço carece de um médico psiquiatra e de vários aparelhos para aplicação de provas de psico-motricidade.

Para tanto, contamos com a boa vontade e compreensão de nossas autoridades que, por certo, reconhecerão a utilidade da seleção, se estendida uniformemente a todos os elementos da Secretaria da Segurança Pública e aos motoristas da capital, em geral.

Acreditamos que a união de alguns serviços evitaria que desequilibrados andassem às soltas com suas máquinas de fazer mortos, ou que policiais do tipo maníaco-perverso torturassem presos indefesos.



**PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS**

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
MAIS BARATO!**

# MARTINE

Cap. Félix B. Morgado

— «Martine! Alors, tu viens?»

Martine, com o rosto cheio de espuma de sabão, apareceu no topo da escada que ligava a parte residencial da casa ao Café du Marché. Estava ainda de camisola e chinelos.

— «Oui, papá .... oui, oui»

M. Bergougnoux foi até a porta do café e observou o céu. A manhã estava magnífica, ensolarada. Manhã de julho. Consultou o relógio, uma velha cebola, cheio de tampas e inscrições, que habitava um dos bolsos do seu colete de veludo verde-garrafa.

— «Six heures. C'est trop tôt, mon Dieu!»

Accouat só viria às oito horas. Até lá poderia adiantar um pouco o serviço do bar. Meteu-se atrás do balcão e pôs-se a encher garrafas na torneira do reservatório de vinho, embutido na parede. Vinho tinto. Em pouco tempo encheu quatro dúzias. Tinha muita prática. Era um servicinho que fazia há uns vinte anos.

A chegada de Sultaine, a cadeira pastora de lombo escuro e ventre mostarda, indicou que Martine já havia descido. Gritou-lhe, sem desviar o olhar da torneira:

— Traga-me logo o café, que o pessoal do Mercado está para chegar. Depois não haverá mais tempo.

Ia continuar o seu trabalho quando chegou M. Kogler, o proprietário do açougue ao lado, ensanguentado da cabeça aos pés. Limpou as mãos no longo avental e se debruçou sobre o balcão.

— «Bonjour, mon vieux. Voyez, il y a du sang partout. Je m'en fiche, moi. Un verre de rouge, s'il vous plait.»

O açougueiro bebeu dum só fôlego o copo de vinho que M. Bergougnoux lhe botou à frente. Era o seu café da manhã, como o de muitos franceses de Saumur. Vinho, pão e queijo de cabra. Estalou a língua, satisfeito, soltou um sonoro arrôto e acendeu um «gauloise» azul.

— Alors, vai pescar? perguntou, apontando os caniços que M. Bergougnoux havia encostado num canto do bar.

— Oui ... Accouat já deve estar chegando. Vamos juntos.

— «Vous avez la chance». Eu bem que gostaria de ir também. Faz tempo que não fisgo nem mesmo uma «ablette.»

— Saint-Germain sur Vienne é o melhor lugar, na época.

— Bien sûr...

Martine chegou com o café e os «croissants.» M. Bergougnoux se apressou a tomar o seu «petit-déjeuner», pois Accouat já businava lá fora. Não que se incomodasse muito com a pressa do amigo. Estava habituado às suas manias, inclusive à da pressa, que talvez fôsse a menos acentuada. Accouat estava sempre correndo atrás de alguma coisa. E bem por isso vivia tropeçando. Muito melhor era a filosofia de vida de M. Bergougnoux, cuja base era a de que há tempo para tudo, inclusive para morrer.

Coerente com o seu modo de pensar (não era nenhum adolescente, «un gosse», tinha formado sua mentalidade através de duros embates, sentimentais quase todos), comeu lentamente seu «croissant» molhado no café com leite. Depois, foi ao canto do bar, calçou suas botas impermeáveis, pegou os caniços, a sacola onde levava boa variedade de iscas (grãos de trigo, «asticots», engado), além de reservas de anzol e carretéis de linha de «nylon». M. Bergougnoux considerava a pesca uma arte. Lía muito a respeito e praticava durante toda a temporada. Pertencia ainda a uma associação local de amigos da pesca, e participava de todos os campeonatos do Anjou.

Lá fora Accouat fez urrar mais uma vez a busina de sua «bagnole», um monstruoso Renault que já devia ter seu lugar reservado num museu. Era o cúmulo da teimosia

um calhambeque daqueles rodar. Mas havia outros iguais em Saumur.

— «Allons-y, mon vieux. En voiture!»

— :: —

Martine, depois que o pessoal do Mercado bebeu o seu vinho matinal, passou um pano molhado no balcão, nas mesas e no espelho comprido que ocupava toda uma parede do bar. Parou um instante, para mirar-se entre as grandes letras vermelhas do reclame «Liqueurs Combier» pintadas ao longo do espelho. Ajeitou sua farta cabeleira ruiva, que emoldurava um bonito rosto oval de faces rosadas, onde dois olhos quase negros, um pequeno nariz petulante e uma bôca de lábios bem traçados, completavam um semblante de extranha beleza.

— Estou meio magra... ou não estou? Chiií... olhem só estas sardas na ponta do meu nariz! Tenho tomado muito sol, essa é a verdade.

Martine estava nesse solilóquio, quando Jean Marie entrou.

— «Bonjour, mademoiselle».

Martine teve um sobressalto, mas se recompôs logo, fazendo um gesto de quem terminava de lustrear a superfície do espelho.

— «Bonjour, monsieur». Deseja alguma coisa?

— Meia garrafa de «rosé, s'il vous plait».

Jean Marie sentou-se ao lado duma das mesas do fundo. Acendeu um cigarro e abriu o «Nouvelle République» que trouxera consigo. Notícias banais: decisões de «monsieur le maire», concursos de cães pasto-

res, a presença de Capucine, o maravilhoso modêlo, no Baile do «Carrousel de Saumur». Procurou a página das «courses». Tinha uns bons palpites para as de «Chantilly». Estava distraído com a leitura e não viu que Martine se postara à sua frente, sem encontrar um espaço na mesa para colocar a «fillete de rosé» que êle pedira. Foi necessário que ela provocasse uma tossezinha.

— Perdão, perdão, «mademoiselle». Estava tão distraído!

— «Ça ne fait rien, monsieur».

Do seu lugar Jean Marie podia ver Martine mover-se lèpidamente atrás do balcão. Percebeu-lhe o belo rosto ornado de cabelos ruivos (como os de Nicole), o corpo esguio e ágil. Quanta graça e vida! E que estranha impressão causavam aquêles olhos quase negros (como cerejas bem maduras) num rosto rosado, emoldurado de cabelos ruivos.

Pelo espelho colocado à frente do balcão, Jean Marie percebeu que a moça do bar também o observava. Quando Martine verificou a indiscreção do espelho, sorriu encabulada. Agradava-lhe o tipo de Jean Marie, embora devesse ser bem mais velho que ela. Devia ter uns 40 anos, ou seria muito? Engraçado, nunca o tinha visto em Saumur, uma cidadezinha onde todos se conheciam. Devia ser um forasteiro a negócios, ou alguém em férias atraído pelos castelos do Loire.

A cadela pastora saiu do seu canto e veio roçar as pernas de Jean Marie.

— Sultaine! gritou-lhe Martine.

— Não se incomode, «mademoiselle»...

— Martine... «Je m'appelle Martine».

Martine! Belo nome. Um nome adequado, sem dúvida. Quantos anos teria Martine? Não mais do que vinte, era capaz de afirmar. «Tandis que lui»... bem, sua idade não devia ser avaliada pela aparência física, marcada pelas rugas duma velhice precoce que corria por conta duma vida agitada e cheia de vicissitudes.

— Martine!

— «Monsieur...»

— Não, não é nada. Eu estava pensando.

—::—

Jean Marie mudava a isca do anzol quando Martine, seguida de Sultaine, parou ao seu lado. A tarde estava magnífica e os telhados de ardósia brilhavam intensamente à luz do sol. Jean Marie estava no cais do Loire, bem à frente da Mairie. Ia jogar o anzol, mas, ao notar a presença da jovem, deteve-se.

— Continue, «monsieur». Posso espiar um pouco?

— «Mais oui, Martine». Com a sua presença tenho certeza que êsses peixes ficarão mais camaradas. Há uma hora que estou aqui e quase nada pesquei!

Martine sentou-se ao seu lado, com a naturalidade duma criatura que julga que deve fazer o que lhe parece acertado e agradável. «Não é assim que deve ser? Ou tenho que perguntar àquela velhota que se aquece ao sol se estou me portando como uma «jeune fille» bem educada?»

— Sabe, «monsieur...»

— Quero que me chame de Jean Marie, Martine.

— Sabe «monsieur»... perdão. Sabe Jean Marie, depois que saiu do bar ontem... lá pelas 11 horas, não foi?

— Não me lembro, exatamente.

— Bem, a hora não interessa. É que fiquei pensando de onde você poderia ter vindo. Achei que seria de Paris, pelas suas maneiras, mas a pronúncia é da Touraine ou do Anjou, «n'est-ce pas?»

— Escute, eu nasci em Tours, mas grande parte de minha vida passei em Saumur. Você devia ser uma garôta nessa época. Voltei agora, depois duma longa ausência.

— Olhe, olhe só, Jean Marie! Pescou um «goujon»! Estou dando sorte.

Jean Marie tirou o peixe do anzol, sem pressa, e depois olhou demoradamente para Martine. Aquêles cabelos ruivos pareciam os de Nicole, mas era Martine que ali estava, exuberante de vida, a balançar as pernas e a jogar pedrinhas na água. «Une gosse», sem dúvida. Uma encantadora garôta.

— Não é bem isso que se passa, Martine. A sorte é que me deu você.

Martine fitou-o meio espantada, meio curiosa. Parecia ter ficado chocada com a repentina manifestação afetiva de Jean Marie.

— Perdoe-me, Martine. Estou bancando um velho presunçoso ao pretender atrair uma garôta como você. Acho que estou caducando.

Martine parecia estar distante, com a atenção voltada para muito

longe, lá pelos lados da ponte do Loire, ou na direção da gare onde um trem acabava de chegar. O vento brincava com a sua farta cabeleira ruiva. Permaneceu nessa atitude por algum tempo. Depois se ergueu e partiu, seguida de Sultaine.

— «Martine! Je vous en prie». Espere um pouco, preciso explicar...

A jovem, entretanto, não se deteve, e Jean Marie seguiu-a com os olhos até quando ela sumiu numa travessa da rua Saint-Jean.

—:—

Jean Marie abriu a janela do seu pequeno quarto de hotel. Havia reflexos de luz brincando nas tranqüilas águas do Loire. Do outro lado do rio, o Issay, já se preparava para dormir e poucas janelas permitiam que a iluminação interior dos velhos casarões de «tufaux» quebrassem o aspecto severo das sombrias fachadas. Dum bar próximo chegavam-lhe ruídos e voserio abafados, como se viessem do fundo duma «cave» de vinhos.

Além do Issay ficam as estradas que conduzem a Paris. São fitas de asfalto a serpentear pelos campos de trigo, por plantações quadriculadas de sebes de giestas, passando pelas pontes de mansos rios, cortando «villages» de nomes pitorescos e histórias românticas. «Tôdas as estradas têm destino certo», pensou Jean Marie. «Tôdas conduzem a Paris». Quantas vêzes interrompeu suas viagens — para não chegar a um destino certo — e se deixara ficar nalguma cidadezinha esquecida ao longo da estrada que conduzia a Paris. Tinha horror ao premeditado, ao determinismo das

coisas, e julgava que a felicidade existe para os que não se cansam de a procurar, para os que raciocinam sem jamais concluir. A conclusão é a realidade, e esta é sempre decepcionante e descolorida. Por isso deixara de vagabundear pelas estradas, por que tôdas elas têm destino certo.

Lembrou-se de Martine. Para êle Martine possuía o magnetismo do impossível, do irrealizável. Estava dentro da sua filosofia. Poderia constituir um capítulo à parte, mas tinha a mesma essência, se pudesse haver essência nessa sua concepção fantasista da vida. Mas, não são os segredos que despertam a curiosidade, não é o mistério que provoca a pesquisa? Jean Marie não acreditava que existissem seres humanos perfeitamente tranqüilos e conformados. «Todos têm o seu trauma, seus conflitos, seus recalques», afirmava a si mesmo. Poderiam julgá-lo um insatisfeito, poderiam. Mas, nem todos que obtêm uma coisa ficam satisfeitos, ou melhor, ninguém. É na ânsia de obter que reside o valor da coisa desejada. Não, êle estava certo.

Martine significava a adolescência. Êle também já fôra adolescente. E quem não gostaria de retornar a essa época, em que a inconsciência cria um mundo de atordoantes imagens sem consistência, fugazes, dum colorido extravagante e indefinido; indefinido como o próprio desejo do jovem que quer hoje, para não querer amanhã. «Acho que estou ficando maníaco, «mon Dieu!» Estou ficando velho e cansado. Dei para ter pesadelos acordado e idéias absurdas. Pareço o sapo que queria ser estrêla».

Jean Marie fechou a janela e se estendeu na cama. Ficou olhando um relógio de pêndulo que se achava sôbre a lareira. «A cada minuto que passa fico um pouco mais velho e o tempo não pára. Depois duma certa idade cai-se verticalmente para a monotonia e a invalidez duma velhice irremediável».

As pálpebras de Jean Marie estavam pesadas de sono. «Estou ficando velho, não há dúvida, e não terei fôlego para correr atrás de Martine. Suas pernas são longas e fortes. Deve ter a velocidade duma gazela. Resta-me sonhar... sonhar com ela».

# Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

— :: —

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397 — End. Teleg. «ARGUIISO» — S A O P A U L O



# A Penitenciária de Maceió

*Major Olympio de Oliveira Pimentel*

Li o artigo intitulado «Na Penitenciária», de autoria do padre Abelardo Romeiro Pereira, publicado no «Semeador», de 26 de novembro pretérito, editado na capital alagoana.

O ilustre prelado descreve, com minúcias, o «modus vivendi» dos presidiários naquele «Solar de Regeneração», onde não falta numeroso contingente de menores desajustados e até inocentes crianças «que ali se acham embora que em grades separadas». Céus! Como pode ser isto? As crianças separadas apenas por grades?

E' de pasmar

O piedoso sacerdote, na sua narrativa, diz haver acenado com o pão espiritual da esperança aos detentos, que estampavam nos semblantes a «transparência de uma tortura, de ânsia».

Pudéra!

E que após a missa percorreu o estabelecimento em companhia do seu diretor, coronel Pantaleão, indo de cela em cela, palestrando com os infortunados detentos. Estes externaram profunda gratidão ao distinto oficial, que há 9 anos dirige

os destinos daquela Casa de Expição.

Gostei dos conceitos emitidos sobre a respeitável personalidade do cel. Pantaleão (Antônio Pantaleão da Silva). Conheço bem esse ilustre irmão d'armas. Está êle realmente talhado para dirigir a Penitenciária de Maceió. E' oficial culto, honesto e trabalhador, além de possuir coração generoso.

Oxalá o govêrno lhe forneça os meios de que precisa para introduzir os melhoramentos indispensáveis; que pelo menos possa afastar daquele ambiente sombrio as pobres crianças.

Coronel Pantaleão, faço votos por essa oportunidade e estou certo de que sua obra estará coroada de pleno êxito.

Dirijo veemente apêlo não só ao govêrno alagoano, mas a todos os responsáveis pelo futuro da Pátria, no sentido de protejerem a infância abandonada — os homens de amanhã — afastando a da promiscuidade com elementos maus.

Não nos esqueçamos de que a grandeza e o esplendor de um país repousa na educação e na cultura de seus filhos.

★ ★ ★

O homem é o único animal que ri e chora, porque é o único que se impressiona com a diferença que há entre o que é e o que devia ser.

WILLIAM HAZLITT

# O Soldado da Fôrça no Trânsito

A Fôrça Pública do Estado de São Paulo, guardiã do patrimônio público, mantenedora da ordem e tranqüilidade, tem prestado, ninguém o nega, no setor de trânsito, inestimáveis serviços à população paulista.

O soldado do trânsito é um homem abnegado, um caráter escoimado, adestrado às lides policiais mais elevadas e é, quase sempre, incompreendido.

O paulista aprendeu a ver naquele soldado da Fôrça Pública, de capacete branco, um homem cuja honestidade não se compra por dinheiro algum. Os elementos da Fôrça no serviço de trânsito são a seleção mais aprimorada da Corporação. Não é preciso dizer que, há alguns anos, têm procurado a Secção de Alistamento da Fôrça Pública selecionar elementos portadores de curso ginásial, elementos de bom preparo intelectual e cuja formação moral é das melhores. Os testes psicotécnicos revelam-no.

Dessa maneira, formou-se uma elite. Creio que posso dizer assim dos componentes da Fôrça Pública que integram o serviço de trânsito.

Eu disse acima que o soldado do trânsito é, quase sempre, incompreendido. É-o, de fato. Não raro, vêem-se motoristas, na sua maior parte inescrupulosos, a oferecer dinheiro ao soldado do trânsito, a título de gratificação, como se êle fôra um elemento desmoralizado, um ho-

## *Cabo Milton Ramos*

da 1.ª Cia. de Policiamento de Trânsito,  
da Fôrça Pública de São Paulo.

mem não integrado no dever militar, na função policial. Nós, soldados do trânsito, fazemos a nossa súplica aos paulistanos de bom caráter: saibam considerar-nos, para que nós nos tornemos cada vez mais dignos da nossa espinhosa e árdua missão. Nós somos, no serviço de trânsito, juizes. Um juiz é impecável. Não deve pairar sôbre a personalidade do juiz qualquer dúvida.

O soldado da Fôrça Pública não usa perseguir o motorista. O infrator do trânsito é, fatalmente, multado. Vêzes há, porém, em que êle carece de um esclarecimento. E, então, o soldado do trânsito, cortez, solícito e educado, mas nunca visando gratificações, tem prazer em atendê-lo.

Seria a nossa maior satisfação sermos interpretados como o que verdadeiramente somos: policiais a serviço do povo.

O «o senhor sabe com quem está falando?» não causa ao soldado da Fôrça no trânsito nenhum temor. Porque êle trata a todos com urbanidade e respeito, de cabeça erguida e não precisa saber com quem está falando.

Com

**SACY**

*você tem um futuro brilhante!*



**O melhor creme para calçados!**

O interlocutor, seja deputado, delegado de polícia ou, mesmo, oficial à paisana, vê logo que embora o soldado não saiba com quem está falando, dá-lhe a investidura devida.

E o militar da Fôrça no trânsito, querendo trilhar os melhores caminhos no setor policial, queren-

do dar ao povo paulista um serviço de trânsito à altura da quadricentenária metrópole, pede ao povo de São Paulo, aos motoristas e às autoridades, e a todos, enfim, que saibam compreendê-lo, que saibam alcançar a sua missão e que prestigiem o seu trabalho, dando-lhe o apóio moral que êle merece.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure :

FOTO

"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Líbero Badaró, 651 — 2.º andar — Fone 37.1681 — SAO PAULO

# O AMAZONAS — Rio-Mar

— A GRANDE ENCHENTE DE 1953 —

## (I)

O Amazonas nasce nos Andes Peruanos, lá pelas bandas do Lago Titicaca, ou segundo alguns, no Planalto de La-Raya, com o nome de Vilcanota. Até hoje divergem os historiadores quanto às origens do rio que é o segundo do mundo em extensão; possui 5.800 kms., percorrendo, em território brasileiro, 3.165 kms., desde Tabatinga ao Atlântico, espalhando suas águas, em um complicadíssimo estuário, com cerca de mil tributários; lança no Atlântico, por segundo, um volume d'água calculado em oitenta mil metros cúbicos, isto é, 4 vezes o volume do Mississipi cuja extensão é de quatro mil kms. Sua largura varia desde a entrada em nosso território, com 2.700 metros, estreitando-se em Obidos, onde se reduz a 1.500 metros. Na confluência com o Xingú alcança sua largura máxima de treze kms.

E' navegável em grande parte de seu curso por embarcações de grande calado, pois sua profundidade é tal que em certos lugares sondas de trezentos a oitocentos pés não têm chegado ao fundo, o qual se calcula esteja de vinte a duzentos metros.

Rezende Rubim, no livro "Reserva de Brasilidade", conta que a canhonei-

ra portuguesa PATRIA, levantou ferros e zarpou com a tripulação assustada, por não ter encontrado o fundo ao lançar âncora.

A primeira linha de navegação fluvial iniciou seus serviços a primeiro de janeiro de 1853 com o navio Marajó, organizada que foi pelos ricos daquela época. Todavia, como o negócio não se mostrava vantajoso aos capitalistas, apesar de subvenção e privilégio exclusivo desde 1850, o Visconde de Mauá se encarrega da Cia. de Navegação, com o fito de "missão civilizadora", subscrevendo mais da metade das ações da Companhia, cita Cláudio Ganns ao biografá-lo. Só depois de 1866 é que os países da orla do Pacifico puderam atingir o Atlântico, singrando as águas barrentas do rio Amazonas. Este majestoso mar de água doce, que irriga uma área incalculável, com seu curso quase paralelo ao Equador, oferece terras em ambos os hemisférios, sujeitas a dois regimes, dada a diferença de épocas de chuvas; elas não conhecem as grandes estiagens e, só excepcionalmente, as grandes cheias como a de 1953, que ultrapassou as de 1918 e 1922.

A enchente não oferece surpresa nenhuma aos ribeirinhos, que

acham este fenômeno normal, construindo seus casebres sempre num ponto mais alto; não em terreno muito sêco e distante das margens, pois, de outro modo, não haveria a abundância de colheita que há nos terrenos ricos de "humus" depois da vasante. Este rio é dadivoso, sem dúvida, pois, além de enriquecer o Brasil aumentando sua fertilidade com 160 milhões de toneladas de fertilizante, anualmente, distribuídas pelas margens dos seus inúmeros tributários, enriquece a Terra Nova com as "Terras Caídas" provenientes dos desmoronamentos, e fertilisa a Flórida, nos Estados Unidos da América do Norte. E' maravilhoso!

No mês de fevereiro, ao redor do dia 15, tem início a cheia do Amazonas, alimentada pelas chuvas de verão do hemisfério sul, banhando as terras que lhe ficam à direita, mais altas e mais

ricas de afluentes. Depois deveria vir a estiagem; todavia, em meados de julho as chuvas do hemisfério norte levam o rio à nova cheia, alimentando com seu contingente líquido os rios da margem esquerda. A diferença de nível entre a vasante e a inundaçãõ é de 9 a 10 metros, não tomando este fenômeno caráter alarmante, porque a área ocupada pelo Amazonas e seus afluentes é de sete milhões de kms. quadrados. Esta pujança da bacia amazônica dá vazão àquela imensa massa líquida, drenando para o Atlântico oitenta mil metros cúbicos por segundo, oferecendo, ao encontrar suas águas, o fenômeno da pororóca, cujo estrondo se ouve a quilômetros de distância, e penetrando 500 kms. no oceano, numa corrente média de milha e meia por hora, de água doce e cõr barrenta, cuja visãõ é espetacular.

## **BENEFÍCIO AOS FAMILIARES**

Os familiares e parentes de elementos da Fôrça Pública, gozarãõ de desconto especial (50%) no preço da consulta, na

### **CLINICA SANTA CLARA**

RUA CAIO PRADO, 157 — FONES 34-9536 e 34-7774

sob a direçãõ dos Drs.:

**FLERTS NEBÓ E PLIRTS NEBÓ**

**CONSULTAS DAS 16 AS 18 HORAS**

Cuidado com o homem que não fala e com o cão que não ladra.

# POLÍCIA FEMININA

*Dra. Esther de Figueiredo Ferraz*

Conferência pronunciada na Faculdade  
de Direito da Universidade de São Paulo,  
na dia 29/IX/1953.

## — II — (Conclusão)

Deixemos, assim, de lado, a «blague» de Costa Rego, e passemos a ver como deve e como tem sido organizada a Polícia Feminina.

Quando o senador Mozart Lago apresentou a seus pares o mencionado projeto, e antes mesmo que o seu texto viesse a ser publicado na íntegra pela imprensa oficial, tive oportunidade de escrever algumas palavras sobre o assunto, temendo — como se verá a seguir — que a iniciativa se deixasse inspirar por um falso conceito de Polícia Feminina, conceito segundo o qual a função policial pode ser, indiferentemente, exercida, em qualquer campo e em qualquer circunstância, pelo homem ou pela mulher. E dizia textualmente: «Ignoramos ainda o espírito que presidiu à elaboração da futura lei; se teria sido intenção de seu autor criar uma polícia feminina paralela à masculina, operando nos mesmos setores, sujeita à mesma disciplina, investida das mesmas atribuições, ou se, ao contrário, lhe pretende con-

fiar encargos acentuadamente sociais, de assistência e prevenção, agindo particularmente nos casos em que estejam envolvidos menores, outros incapazes e mulheres. Fazemos votos para que seja esta última a orientação adotada, orientação, aliás, que tem inspirado quase que a totalidade dos países onde funciona, nos quadros da polícia, uma equipe feminina. Pois, como bem salienta a chefe do Serviço das Assistentes de Polícia de Paris, Mlle. B. Rolland, a ação da polícia feminina deve ter antes de tudo, um caráter preventivo, e aplicar métodos de amparo e assistência sempre mais fecundos e mais humanos que os repressivos.

Felizmente, vindo a São Paulo pronunciar uma conferência a convite do Centro Acadêmico XI de Agôsto, o senador deixou claro estar de acôrdo com a segunda alternativa, observando que a colaboração da mulher nas atividades policiais deveria se efetivar principalmente na

linha preventiva e curativa, deixada aos homens a parte repressiva e coercitiva, pouco adequada à verdadeira personalidade feminina.

Essa é, em verdade, a tese dominante nos vários países do velho e do novo mundo a respeito do espírito que deva informar a organização de uma Polícia Feminina.

A se acreditar nas informações que nos vêm por via européia, o primeiro país a criar a Polícia Feminina foi a Holanda, instituindo as funções de «assistentes de polícia». Encarregaram-se elas de proceder à investigação sobre menores em perigo ou, ao abandono, arrastados aos vícios da vagabundagem, da mendicância, da prostituição; de defendê-los contra os maus tratos, a falta de assistência; de realizar pesquisas sobre os casos de vagabundagem escolar e proporcionar-lhes remédio; de fiscalizar a entrada de cinemas, teatros, «dancings» e outros locais onde é proibido o ingresso de menores.

Mas os Estados Unidos, sempre prontos a disputar a primazia e a procedência em tôdas as iniciativas de cunho feminista, indicam o nome de Miss Alice Stebbins, Wells, de Los Angeles, como a da primeira «policewoman» de que se tenha notícia, nomeada para o seu cargo em 1910. Durante a grande guerra de 1914-1918, precisamente no período em que aumentaram assustadoramente os casos de delinqüência juvenil, bem como os crimes praticados por mulheres ou contra mulheres, ganhou forças em terras americanas, o chamado «police woman movement», chefiado pela ten. Mina Van Winkie, à testa do «Woman's Bureau Metropolitan Police Department Washington D.C.» De tal for-

ma se impressionaram as autoridades americanas com a eficiência dos serviços femininos, principalmente no que diz respeito à prevenção e repressão de crimes, que — em congresso realizado em 1922, pela Associação Internacional dos Chefes de Polícia — reconheceram que as «policewomen» são um elemento necessário e indispensável em todo departamento policial moderno. Em 1940 acusou o recenseamento norte-americano o total de 1.000 «policewomen» sendo que, de acordo com os cálculos estatísticos, tal número deveria atingir, em 1945, a casa dos 3.000.

Passemos à Inglaterra — precisamente a Inglaterra cuja organização policial Costa Régo invoca para criticar e ridicularizar a Polícia Feminina sonhada e arquitetada por Mozart Lago. Pois a Inglaterra tem um dos melhores e mais eficientes corpos policiais femininos de todo o mundo. Criou-o logo depois da 1.ª guerra mundial, constituindo, na Polícia Metropolitana de Londres, uma divisão de mulheres com tempo integral. O espírito conservador inglês reagiu, inicialmente, contra a novidade, e foi preciso que uma segunda grande guerra convencesse certas autoridades da província, da conveniência da mulher policial. Hoje, ao que nos informa David Thurlow, «a polícia feminina britânica é uma instituição notável e altamente conceituada. Os seus membros, além de fazerem patrulhamento nas ruas, revelaram-se, em muitos casos, eficientes detetives que têm prestado inestimáveis serviços ao Departamento de Investigação Criminal. O treinamento das policiais britânicas é completo. Para ingresso na

fôrça policial, a candidata deve ser solteira ou viúva e ter entre 24 a 35 anos de idade. Exige-se ainda que tenha no mínimo 1,71 m de altura, boa vista, bom ouvido e agilidade. Os dotes de inteligência são também indispensáveis. A candidata deve submeter-se a um teste educacional prévio. Se aprovada, passará a receber treinamento de onze semanas numa escola especializada. Aprende técnica de defesa pessoal (diz-se que se tornam hábeis no jiu-jitsu) elementos de legislação policial, etc. Terminado o estágio, e depois de se submeter a novos e difíceis testes, poderá ser admitida como policial e entrar para o serviço. Nos dois anos seguintes ainda ficará submetida à comprovação de capacidade, trabalhando ao lado de policiais já experimentadas, de maneira que seu treinamento prossegue ainda durante este primeiro ano de serviço. Os deveres da maioria das policiais estão ligados, principalmente, à proteção de mulheres e crianças. Nesse sentido, especialmente durante a guerra, foi de valor inestimável a sua colaboração com os serviços gerais da polícia britânica... A polícia feminina patrulha as ruas, faz inquéritos a respeito de mulheres e crianças desaparecidas, mendigas ou sem lar. Toma providências e lhes dá assistência nos tribunais. Presta serviço às mulheres que cumprem pena de prisão e auxilia as jovens a se afastarem de ambientes desaconselháveis».

Na Suíça, onde a primeira experiência foi realizada em 1921, pelo cantão de Berne, as mulheres não fazem serviço de rua, mas ficam de plantão, recebendo os casos que lhes são encaminhados por intermédio

dos agentes. Fugindo ao exemplo militarista alemão, as autoridades suíças sempre timbraram em evitar que suas «assistentes» se transformassem em «funcionárias da polícia», recrutando-as, assim, entre pessoas sós, isoladas, sem recursos, dominante de larga experiência em serviços sociais.

A Polônia, desde 1925, possui a sua Polícia Feminina. Ao que nos informa Mlle. H. Reybier, organizadora do serviço de «inspetores sociais de polícia» em Grenoble, a cidade de Varsóvia tinha, antes da segunda grande guerra, 58 assistentes de polícia, e as demais cidades polonesas, em seu conjunto, 62. Esta polícia era especializada na luta contra o tráfico de mulheres e menores, tendo encaminhado aos tribunais nos anos de 1926 a 1932, cerca de 137 casos de tráfico criminoso.

Passemos, finalmente à França, cuja Polícia Feminina me foi dado conhecer em Paris, pelo menos no que tange a uma de suas principais atividades: a de defesa dos menores. Quanto ao setor — prostituição — informações completas e minuciosas me foram dadas pela srta. Leopoldina Saraiva, chefe do Serviço de Recuperação Social e Moral da Mulher, da Secretaria de Saúde e Assistência Social, inegavelmente uma das maiores autoridades brasileiras no assunto, e que, na qualidade de representante nossa, tomou parte no último Congresso Abolicionista Internacional.

A organização policial feminina francesa compõe-se de uma equipe de «assistentes de polícia», isto é, mulheres portadoras de um diploma de assistente social que se submetem a um curso especializado na Polícia,



aí adquirindo o treinamento necessário ao desempenho de suas delicadas e complexas funções. O chamado «Serviço das Assistentes de Polícia de Paris» é, assim, no dizer de sua chefe, Mlle. Rolland, ao mesmo tempo um serviço de Polícia e um serviço social, uma vez que sua atividade é, não apenas repressiva como também, e principalmente, preventiva; fazendo-se uso, sobretudo, dos remédios assistenciais e educativos, e só se recorrendo à coerção quando absolutamente indispensável.

No que tange ao problema dos menores, o papel preventivo do Serviço é realmente impressionante, pois, «graças aos seus meios de ação — que incluem os da Polícia e os do Serviço Social — graças, também, à formação social de suas assistentes, pode êle indicar o tratamento recomendado para cada caso, a solução para os vários problemas que se apresentam, e, assim, salvar centenas de criaturas jovens, restituindo-as às condições de vida normal». Para ilustrar o seu ponto de vista com dados estatísticos, observa Mlle. Rolland que, em 1945, 1.295 casos foram tratados pelas assistentes de polícia no Departamento do Sena, casos êsses que interessavam a 2.229 menores. Pois bem, apenas 276 dentre êles foram remetidos aos Tribunais, porque era indispensável uma intervenção judiciária. Todos os outros se resolveram no próprio Serviço que, ou encaminhou os menores para obras assistenciais, internatos e escolas profissionais, ou os colocou em casas de família, ou lhes proporcionou trabalho compatível com sua idade e constituição física, etc.

Passando-se para o campo da prostituição, informa Mlle. Dolce

Rocca, prestando esclarecimentos à sra. Diná Saraiva, que as assistentes sociais operam em Saint Lazare, ao lado do ambulatório de controle venéreo e do serviço de hospitalização compulsória das meretrizes. Por outro lado, mantém contacto direto com todos os serviços sociais, tôdas as obras, todos os demais departamentos policiais da cidade. Assim, com acesso fácil a êsses diferentes serviços e entrada livre no Hospital de Saint Lazare, podem prestar às pobres mulheres tôda a sorte de auxílio, sendo mesmo consideradas as grandes defensoras das decaídas. Interrogam-nas quando são trazidas prêsas ao Comissariado, seja pela prática da «racolage», seja por atos atentatórios ao pudor público. Iniciam inquéritos a respeito de sua vida progressa. Remetem-nas para os hospitais ou para as casas de recuperação. Se devem responder a processo, acompanham-nas, ajudam-nas em sua defesa, procuram quem lhes patrocine a causa em Juízo. E o fichário que organizam — fichário contendo tôdas as informações sôbre a conduta, a personalidade, a carreira da prostituta — é secretíssimo e lhes pertence de maneira privativa, não sendo enviados à Chefatura de Polícia senão os dados indispensáveis ao processo criminal, quando existe tal processo.

Em várias outras cidades francesas está organizada, igualmente, a Polícia Feminina, sendo de se salientar a experiência tentada, com êxito invulgar, na cidade de Grenoble. A atividade desenvolvida pelas «inspetoras sociais de polícia» de Grenoble se desdobra em três direções principais: proteção da infân-

cia, proteção da mulher, prostituição. E aqui, como em Paris, procurou a Polícia Feminina, ao invés de substituir à masculina, completá-la, graças a um trabalho que é sobretudo preventivo, porque acentuadamente social, e apenas — em certos casos — repressivo, pois casos há em que a repressão exercida pela policial se torna necessária, o que é facilmente compreensível.

Não é preciso mais para justificar a conveniência da criação, entre nós, de uma Polícia Feminina. Bem sei que a tarefa não é simples e que não se pode improvisar, de um momento para outro, uma equipe de «assistentes sociais de polícia», ou de «inspetoras sociais de polícia». A função policial — maximé quando se trata de uma polícia incumbida de agir junto aos menores, mulheres e prostitutas — exige uma formulação longa e complexa, que só se consegue à custa de tempo, esforço, estudo e dedicação.

Mas São Paulo está mais que aparelhado para formar essa equipe policial feminina. Possuímos, em nossa capital, uma das melhores Escolas de Serviço Social do continente. Por outro lado, as jovens aí diplomadas que revelassem pendor para essa atividade bifronte que é a da assistente-policial, poderiam freqüentar, na Escola de Polícia da Secretariá da Segurança Pública, um curso especializado, sujeitando-se a um aprendizado e a um treinamento adequado, ingressando, depois, nos quadros policiais mediante concurso, ou por outra qualquer forma de seleção. Vejo aí, igualmente, um campo enorme aberto às alunas da Fa-

culdade de Direito que desejam encaminhar, para a Polícia, a sua vida profissional. Com os conhecimentos jurídicos adquiridos na Faculdade, estariam elas em condições — desde que completassem tais estudos com cursos intensivos feitos na Escola de Serviço Social e na Escola de Polícia — de desempenhar, na Polícia Feminina, um papel extraordinariamente importante. Pois, mais que quaisquer outras, poderiam pausar a sua ação preventiva e repressiva pelos eternos princípios do Direito que lhes foram transmitidos pelos Mestres desta Casa.

Porque «a mulher tem um imenso papel a desempenhar, um papel que só ela é capaz de desempenhar. onde quer que haja miséria, sofrimento material e moral. E onde se encontraria mais miséria e mais sofrimento que no setor policial, cujos serviços se ocupam das crianças, dos menores, das jovens, das mulheres sós, isoladas, sem recursos, dominadas pelas dificuldades da vida, procuradas, cobiçadas pelos que as querem explorar»?

Assim justifica a chefe das Assistentes de Polícia de Paris, aos olhos do mundo, a existência do seu Serviço. Suas palavras valem como um apêlo a tôdas as mulheres de boa vontade. Melhor: dirigem-se, indistintamente, a todos os homens de boa vontade, pois nada se faz, de produtivo e de duradouro, em matéria social, que não tenha a colaboração harmoniosa dos dois sexos. A nossa resposta, a resposta de todos nós, homens e mulheres paulistas, há de ser a criação da Polícia Feminina de São Paulo.

# O RESTO...

Escreveu GIM

Já fazia bem mais de dois anos que minha mulher andava me amolando para que fizesse um suporte de madeira a fim de servir de base ao fogão elétrico lá de casa, não só para evitar ferrugem, como para torná-lo um pouco mais alto.

Os caibros estavam ali, no meio da pilha de táboas, arrumadinhas ao longo do muro do quintal.

Falta de serrrote, martelo e pregos, não era. O caso é que se havia um tempinho vago, havia também, de minha parte, uma preguicinha, e quando esta desaparecia lá se ia também aquêle.

Um dia, não suportando mais a espera, ela resolveu agir. Pegou uma fita métrica, dessas de costureira. Desmoronou a pilha de táboas ao tirar os caibros, e se pôs de joelhos a medi-los, no pequeno espaço que ficou livre do emaranhado de táboas espalhadas.

Depois de medi-los, riscando-os com um lápis azul, foi tropeçando aqui e ali, resmungando, olhares fuzilantes para o meu lado, à procura das ferramentas.

Revolução tão grande nas coisas arrumadas há tanto tempo, no meu barracão Oásis, ainda estou para ver; mas afinal encontrou o que desejava.

Ao final de tremenda luta de duas horas, consegui: entortar meu serrrote de estimação, serrar o assento de sua cadeira também de estimação, quebrar um vaso de planta (se não me engano, de Antúrio), rebentar um ou dois fios do varal, e também, apesar da lista azul transversal, indicadora do caminho para o serrrote, conseguiu serrar um dos caibros em diagonal, formando com a dita lista o V mais perfeito deste mundo, honra lhe seja feita. Estava ela nessa faina terrível, cabelos caindo sobre o rosto, suando a valer, já em luta com o 2.º caibro, quando saí, passando ao largo.

Ao voltar, já tarde da noite, fui sorrateiramente ver o resultado da grande tarefa: - um caibro serrado em diagonal, outro, metade serrado, metade lascado, o serrrote torto, o martelo com o cabo quebrado e um bilhete sem destinatário, mas que deduzi estar a mim dirigido: "O PIOR JA ESTA FEITO. VAMOS VER SE VOCE FAZ AO MENOS O RESTO".

E o resto foi feito.

## OUTRORA...

*Hoje, velhinho, ao sôpro das derrotas,  
mas conservando uns restos de serena  
lhanéz — cruza êle a igreja entre as devotas,  
em passos firmes e elegância amena.*

*Outrora, dizem, quando moço, infindas  
e loucas aventuras houve. E ardente  
teve o carinho das mulheres lindas,  
que êle amou e adorou perdidamente!*

*E hoje, da igreja no silêncio grave,  
ao ver-lhe o olhar sereno, azul e suave  
e a austera fronte de tão nobres linhas,*

*inda bate, inda pulsa com saudade  
o coração de tôdas as velhinhas  
que êle outrora beijou na mocidade...*

*Cap. Péricles Nogueira Santos*



Monte  
5/2/54



# SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

## CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CASSIA

Redação de "Militia"  
Rua Alfredo Maia, 106  
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CASSIA

(Bacharel em Jornalismo  
pela Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo)

## FATO EM FOCO:

No dia 25 do corrente, precisamente, encerraram-se as comemorações do IV Centenário da nossa São Paulo.

Depois de um ano de intensa atividade, de festas, de exposições, de congressos e mostras retrospectivas, a terra dos bandeirantes como que voltou a viver a sua vida industrial, com mais denodo, com mais entusiasmo.

Depois de descidos os quatro pendões verde-amarelos que, durante trezentos e sessenta e quatro dias, estiveram hasteados no Viaduto do Chá, o paulista voltou a andar apressado, mantendo a vista sempre em direção a um ponto fixo, objetivo eterno de um povo progressista.

Já não olhamos para os mastros vazios, já não pensamos numa época passada, já não mais vivemos de recordações; olhamos, sim, para uma página em branco de nossa história que deveremos preencher com o mesmo orgulho, que sempre nos caracteriza.

São Paulo volta a trabalhar para si próprio, para todos os seus irmãos de outros Estados, para um Brasil sempre maior, buscando seguir as suas tradições, procurando elevar, ainda mais, o padrão de vida de seus filhos.

RITA DE CASSIA

## SER OU NÃO SER

Segundo consta, uma galinha, na Inglaterra, foi obrigada pelos cientistas a ingerir proteínas rádio-ativas, resultando, disso, o primeiro ovo-radioativo da história. Servirá este ovo de ponto de partida para a descoberta da causa da asma e da forma pela qual o organismo cria suas resistências às moléstias infecciosas.

A prisão de Greenville, nos Estados Unidos, foi conduzido um bêbado para que lá permanecesse até passar o seu estado de embriaguez. Todavia, passados três dias, o homem ainda continuava "alegre". Investigando o porquê do caso, descobriu o diretor da casa de detenção que um dos guardas possuía um bar próprio e se encarregava de fornecer bebidas ao preso.

Do Museu de História Natural de Nova Iorque foram roubadas quarenta flechas de índios peruanos. Segundo se apurou, os autores do crime foram alguns meninos que se apoderaram das flechas para brincar de índio. O caso pôs em desespero a população, pois, como era do conhecimento geral, as armas estavam envenenadas com curare.



Na intimidade

## ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

Leitora amiga, o saber vestir-se não é um bicho de sete cabeças e nem mesmo uma coisa inata. Pessoas há que jamais tiveram senso de harmonia, capacidade para perceber, logo à primeira vista, se determinada côr vai bem ou não com certos tipos de peles. Todavia, hoje já existem cursos de manequins, de maquiagem, onde qualquer moça pode aprender em curto espaço de tempo, o que melhor combina com seu tipo físico. Assim sendo, não vejo o porquê de tanto desespêro da parte de certas pessoas, cientes de sua incapacidade feminina.

A mulher tem obrigação de ser bonita e de ser elegante. Até mesmo uma pessoa feia, sabendo como

apresentar-se, conhecendo o que melhor, em materia de roupa e tipo de cosméticos, se coaduna com seu tipo, pode se transformar em bellos exemplos femininos, e isso porque não há beleza perfeita. Tôda mulher tem um defeito ou outro; cabelle, porém, usar de artificios e de intelligência, a fim de torná-los imperceptíveis aos olhos humanos.

— o —

Ser elegante não quer dizer andar corretamente trajada, na hora de sair.

Eis aquí alguns modelos íntimos, para orientá-las....

Se você sabe costurar, poderá facilmente executar, na máquina, estas peças simples que ao lado mostramos. Repare como são originaes.

— o —



### TESTE DE CONHECIMENTO

Quem foi "Fra Angélico"?  
RESPOSTA na pág. seguinte

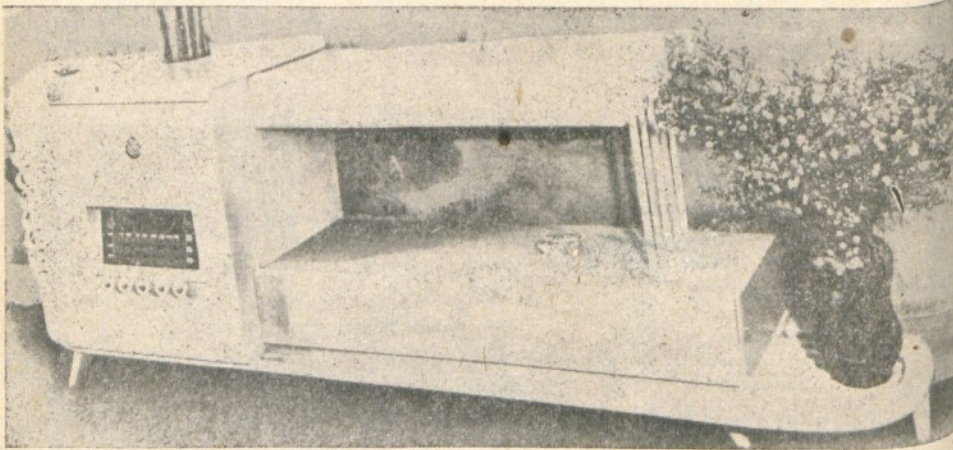
## CONSELHOS ÀS DONAS DE CASA

Se você, prezada leitora, gosta de ter suas próprias idéias em matéria de móveis e ornamentos caseiros, aqui estão duas ótimas sugestões. Se você gostar, é só executá-las. Garanto que não ficarão muito caras. Na verdade, quando se pode dispendir uma boa soma em dinheiro, mais vale ter coisas originais e práticas do que filiar-se ao número de pessoas que prefere comprar móveis e utensílios comuns, iguaizinhos ao das amigas ou vizinhas. Transmita a tudo que é seu e, em particular, à sua casa, um pouco da sua personalidade, um pouco de seu talento feminino.

— o —

1 — Belíssima mesinha para chá, muito prática, sendo móveis as duas bandejas superiores.

2 — Eis aqui um interessante móvel-rádio, criação do decorador René. Suas duas longas prateleiras, quando abertas, servem de discoteca.



### TESTE DE CONHECIMENTOS (Resposta da página anterior)

*"Fra Angélico" é o nome pelo qual ficou célebre o notável pintor da escola toscana, o dominicano Giovanni da Fiesole Angélico, cujo nome verdadeiro era Guidolino de Pietro. Nascido em Vecchio (Toscana), em 1338, fez irradiar, em suas composições, a graça fina, o misticismo e todo o fervor de seu espírito, como em permanente comunhão com Deus.*

*Sua piedade, simplicidade e candura lhe valeram o apelido de "Fra Angélico". Foi o último e maior dos pintores da transição entre a Idade Média e a Idade Moderna. Faleceu, em Roma, em 1455.*

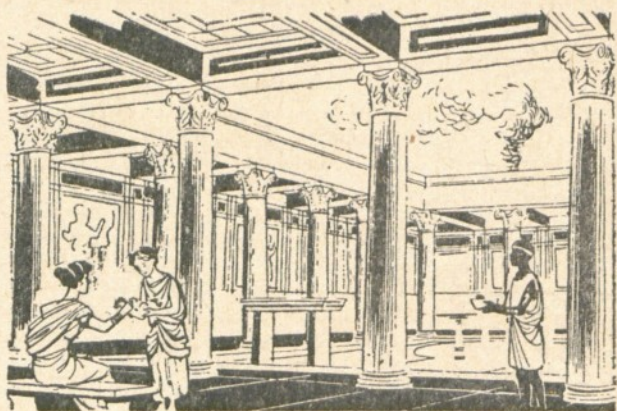


## SUGESTÃO

Para completar um vestido preto decotado, nada melhor que um bolero branco, de "guipure" ou de "laise", em flores abertas na fazenda. Se a fazenda preta for grossa, então prefira linho branco com grandes bordados em furos.



Há duas coisas no mundo  
Que eu quisera possuir  
O teu olhar tão profundo,  
E o teu modo de sorrir.



## CONVERSA ANTIGA

Há mais de 2.300 anos, na peça *Ecclesiazusae*, de Aristófanes, que foi um sucesso, dizia uma dama chamada Praxágora:

— Quero que a todos caiba um quinhão de tudo, e que toda propriedade seja comum; não mais haverá ricos e pobres; não mais veremos um homem a colher o fruto de terras sem fim, enquanto outro não possui nem mesmo o chão onde possa ser enterrado... E' minha intenção fazer com que as condições de vida sejam uma coisa só, para todos... Começarei por tornar propriedade comum a terra, o dinheiro, tudo que é propriedade privada.

— Mas quem é que vai fazer o trabalho? pergunta Blepyro, outro personagem.

— Ora, responde Praxágora, precisamos de ter escravos.

## QUADRINHAS = ALEGRES =

O meu amor é estudante  
Quintanista de Direito  
Quando passa para a aula,  
Parece um amor-perfeito.



## "ÚLTIMA COLHEITA"

Acaba de sair a segunda edição, revista e ampliada, do livro de poesias de Isidro Nunes Major da Polícia do Distrito Federal. Repleto de versos cantantes e harmoniosos, "Última Colheita" é digna de ser lida por todos os amantes da boa poesia.

## ENRIQUEÇA SEU "MENU"

Há donas de casa que acham bobagem variar o cardápio, diariamente. Assim é que jamais mudam a apresentação das iguarias ou os enfeites da mesa, esquecendo-se, por completo, que muitas vezes uma pequena jarra com flores pode tornar muitíssimo mais agradável o almoço rotineiro.

Pratos existem que podem ser confeccionados de maneiras diversas, abrindo, como se costuma dizer, o apetite dos componentes da família. As vezes, para pôr um ponto final no fastio que se apossa das crianças, basta caprichar um pouco no modo de apresentar um prato. Um simples tomate cortado em flor, colocado num prato de verduras frescas, dá-lhe mais vida, mais valor. Um prato de maionese, bem enfeitado, apetece muito mais que batatas e ervilhas, misturadas à última hora. Tenha mais saúde, mais bom humor, cuidando um pouco mais do seu estômago e do de sua família.

### PUDIM DE CÔCO

#### E CEREJA

##### — INGREDIENTES

90 g de cerejas; 200 g de farinha de trigo; 1/2 colher, de chá, de fermento "Royal"; 120 g de açúcar; 90 g de manteiga; 2 ovos; 1 côco ralado; 1 pitadinha de sal e 1 laranja.

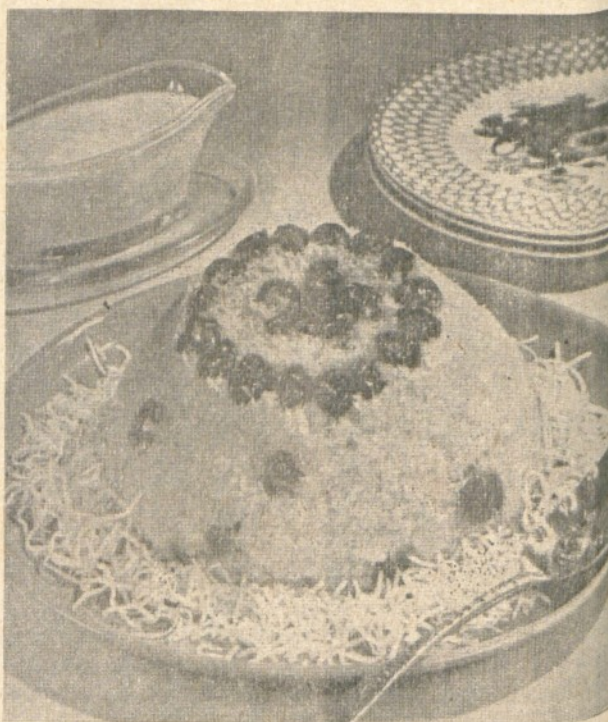
##### MODO DE FAZER

Unte muito bem a forma. Coloque um anel de cerejas no fundo, colocando algumas outras, cortadas ao meio e com pequenos pedaços de manteiga, em lugares determinados.

Em vasilha à parte, peneire a farinha, o sal e o fermento. Bata em separado, a manteiga com açúcar até conseguir uma espécie de creme. Misture tudo e comece a mexer como se faz com os pudins cremosos, salpicando côco à vontade. Umedeça o creme e misture com o suco de laranja e, querendo, corte alguns pedacinhos da casca

desta fruta e misture a massa. Posteriormente, quando tudo estiver bem batido, coloque na forma, cubra e deixe cozinhar, durante 2

horas, em "banho Maria". Vire para uma travessa aquecida, e faça uma orla com côco ralado e as cerejas restantes.





## ENFEITES DIVERSOS

### 1) — Carinhas

Faça uma massa com 300 g de açúcar; 1 xícara de água e de ponto de fio. Deixe esfriar. Junte 1 colher de chá, rasa, de manteiga, 100 g. de amêndoas moídas e depois socadas, ou farinha de amêndoa, e 3 gemas. Volte ao fogo novamente (fogo brando) e mexa sempre na mesma direção, até tomar ponto de enrolar.

Faça as bolinhas, passe-as ligeiramente em açúcar fino.

Com ameixas pretas, abertas, imite as cabeleiras das bonequinhas, e com tirinhas da própria ameixa faça as sobancelhas. Os olhos são feitos com duas cabeças de cravo da Índia,

e a boca com uma rodela de cereja. Arrume estas cabecinhas em pequenos cálices e termine com fitinhas na orla do cálice, dando pequenos lacinhos. Estas fitas podem ser de seda ou papel celofane.

Nota: Foram usados, para para estas cabecinhas, copinhos de matéria plástica, próprios para ovos quentes.

### 2) — Cestinhas de frutas

Como suporte das pequenas cestas, use pequenas canecas de louça, com o feitiço de carinhas. Tome forminhas de papel-chumbo; faça pequenos aros com o mesmo papel, abra-os um e dentro coloque frutinhas de marsipan ou de amêndoas, amendoim etc., com os respectivos coloridos.

### 3 — Ovos de Páscoa

Estes podem ser de louça, cheios de bombons. Também podem ser feitos em moldes de madeira, cobertos com glacê "Real" e enfeitados à vontade, recheados, posteriormente, com confeitos.

### 4 — Pintinhos

Esta massa pode ser de marsipan e modelada à mão. Cobrir com uma camada de geléia e, sobre esta, uma camada de côco ralado bem fino. O bico será feito de amêndoa levemente dourado; os olhos, pedacinhos de ameixa ou cravo; e os pés, de tirinhas de laranjas cristalizadas e recortadas.

## ENROLADINHOS DE SALSICHAS

### MASSA

#### Ingredientes

200 g de farinha de trigo, peneirada; 200 g de queijo Parmesão, ralado; 200 g de manteiga.

#### MODO DE FAZER

Amasse primeiro a manteiga com a farinha de trigo e depois acrescente o

queijo ralado. Continue a amassar até a massa ficar bem ligada e bem homogênea. Abra-a então com o rôlo e corte os biscoitos. Não deixe ficar nem muito fino e nem muito pequeno. A seguir, frite 10 salsichas pequenas e deixe escorrer bem a gordura. Abra cada biscoito novamente com o rôlo, coloque

dentro 1 salsicha e o enrole, prendendo bem as pontas. Passe um pouco de manteiga, dissolvida numa gema de ovo, por cima dos enroladinhos de salsicha, e os leve para assar em forno quente, de 8 a 10 minutos, ou até os biscoitos ficarem bem coradinhos.

Sirva-os ainda quentes.



## RECEITUÁRIO AMOROSO

Aparecida Lemes — Jacareí — As receitas pedidas, com exceção de "Fios de Ovos", já foram publicadas nesta seção. Brevemente atenderei ao seu pedido. Sempre às ordens.

Fonseca — Capital — Não vejo mal nenhum em se freqüentar um "Curso para modelos". Pelo contrário, além de aprender a escolher o tom e os modelos de roupa que mais convém ao seu tipo, aproveitará, outrossim, a se maquiagem acertadamente. Conte à sua progenitora a verdade; não saia às escondidas, pois você não está praticando crime algum.

### CORRESPONDENTE GACCHO

Estudante de curso superior, que aprecia trocar correspondência com colegas de outros Estados, deseja manter contacto epistolar com um representante universitário do Rio Grande do Sul. Se você, gaúcho, está interessado, escreva diretamente para:

M.J.P. de Alvarenga

Agência do Corfeio de Jabaquara  
São Paulo



## LER E APRENDER

1 — Nódos de gordura desaparecem mediante a aplicação de benzina no ponto afetado, passando-se a seguir um pouco de amoníaco diluído em água, com uma boneca de algodão, para evitar que a côr do tecido seja prejudicada.

2 — Para dar aos móveis de madeira fina um brilho bonito, conservando-os também por mais tempo, uti-

lize uma mistura, em partes iguais, de azeite de cozinha e essência de terebentina. Basta esfregar um pano umedecido nessa mistura, uma vez por semana.

3 — Convém retirar das respectivas latas as frutas em conserva, pelo menos duas horas antes de serem servidas. Isso fará com que o oxigênio do ar lhes restitua o gosto que perderam

durante a permanência nas vasilhas.

4 — Se, ao lidar com objetos de cobre, notar nas mãos um cheiro característico, deixado pelo contacto com o referido metal, poderá eliminá-lo esfregando na pele alguns ramos de salsa. Depois de lavadas, as mãos não apresentarão mais cheiro algum.

# "A Educação Física e a Igreja"

Ten. Ademar Ferreira

Dentro em breve estará circulando a obra do ten. cel. Arrisson de Souza Ferraz, «A EDUCAÇÃO FÍSICA E A IGREJA».

Não pretendo fazer a apresentação do livro, porque o seu prefácio de autoria de D. Antônio Maria Alves de Siqueira, Bispo titular de Aricanga e Auxiliar de Sua Eminência Reverendíssima D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Cardeal Arcebispo de São Paulo, é um verdadeiro hino de louvor ao trabalho, que está planejado com maestria e sabiamente executado.

Pode parecer a muitos que a Igreja condene as práticas desportivas, mas, pela leitura desta obra, tiraremos conclusões do quanto ela tem contribuído para a difusão da Educação Física em todos os seus aspectos. A compreensão da necessidade do aperfeiçoamento do corpo para se atingir a pureza da alma foi pregada por Jesus Cristo, e tem sido sobejamente repetida por todos os grandes mestres da cristandade.

A obra apresenta um conteúdo essencialmente histórico, sem chegar ao excesso da minúcia, sendo a agradável leitura produto de um profundo e concencioso estudo, que por certo trará a todos que a leia vantagens pelos aspectos novos, que apresenta, de um tão pouco investigado assunto.

Presta o autor, nosso professor de História da Educação Física, nos saudosos bancos da tradicional Escola da Força Pública, precioso serviço à cultura física, faz justiça à obra da Igreja, aliás bem multifária, nesse setor, e enriquece a biblioteca especializada com um trabalho que merece, pela sua essência, a mais ampla divulgação.

Aconselho a todos os elementos que se interessam pela cultura física, a todos colegas que labutam pela formação étnica da nossa gente, especializados ou não, a leitura de «A EDUCAÇÃO FÍSICA E A IGREJA».

*Fotogravura*

**MODERNA**

**VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.**

R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAULO

# CLUBE DOS OFICIAIS

As 20 hs. do dia 12 de fevereiro último, no Auditório «Maestro Antônio Fernandes», à rua Jorge Miranda, realizou-se a cerimônia de posse da Diretoria do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública, recentemente eleita para o biênio 1955-1956.

Compareceram à solenidade o general Honorato Pradel, Secretário da Segurança Pública, cel. João de Quadros, Presidente da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, cel. Homero da Silveira, Presidente da Cruz Azul de São Paulo, cap. de Fragata Hélio

Auler, Chefe do Escritório de Compras da Marinha, representantes do Governador do Estado, dos Secretários da Justiça, da Agricultura, do Trabalho, Indústria e Comércio e do Comandante Geral da Fôrça Pública. Viam-se ainda comandantes de corpo e chefes de serviço da Corporação, oficiais e grande número de pessoas gradadas.

Aberta a sessão, e sendo a mesa presidida pelo gen. Honorato Pradel, foi declarada empossada a nova Diretoria, assim constituída:

Presidente — *Ten. Cel. Rubens Teixeira Branco*

1.º Vice-Presidente — *Ten. Cel. José Gladiador*

2.º Vice-Presidente — *Major Médico Orestes Barini*

Suplente — *Major Paulo de Andrade Corrêa*

1.º Secretário — *Capitão Ênio Colaço França*

2.º Secretário — *2.º Ten. Alberto Fernandes da Silva*

Suplente — *2.º Ten. Jair Foresti*

1.º Tesoureiro — *Ten. Cel. Res. Nelson Carvalho Rosa*

2.º Tesoureiro — *1.º Ten. Ademar Gomes da Silva*

1.º Gestor do Patrimônio — *Cap. Simpliciano Silveira Machado*

2.º Gestor do Patrimônio — *1.º Ten. José Picelli*

Suplente — *1.º Ten. Salomão José Nassif*

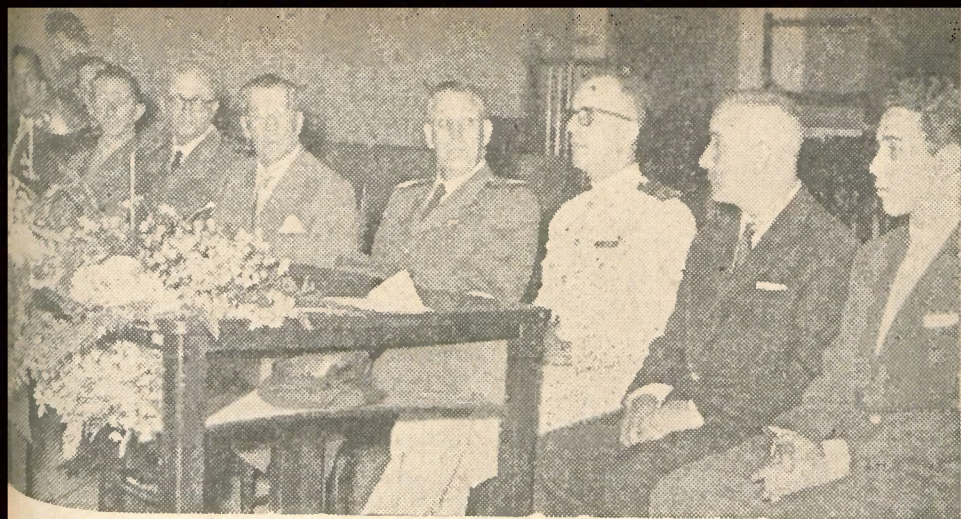
Orador — *Cap. Jaime dos Santos*

Suplente — *1.º Ten. Hildebrando Chagas.*

A seguir, o maj. Olimpio de Oliveira Pimentel, 1.º Secretário, cujo mandato expirava, leu o discurso do Presidente da Diretoria anterior, visto o cel. Odilon Aquino de Oliveira, titular daquele cargo, encontrar-se

internado no Hospital da Cruz Azul, onde havia sido submetido a delicada intervenção cirúrgica.

Logo após, usou da palavra o ten. cel. Rubens Teixeira Branco, novo Presidente da Associação.



Aspecto da mesa que presidiu aos trabalhos, vindo-se ao centro o general Honorato Pradel, secretário da Segurança Pública de São Paulo

Pela importância das orações proferidas, as quais constituem o relato das atividades da Diretoria anterior e o programa da empossada, publicamo-las, a seguir..

«Militia», registrando o acontecimento felicita os novos dirigentes do Clube dos Oficiais da Força Pública, e lhes augura feliz e profícua gestão..

Discurso do coronel Odilon Aquino de Oliveira, transmitindo a presidência do Clube dos Oficiais da Força Pública

Com plena consciência do dever cumprido, na certeza de ter sempre agido, no exercício de nossas funções, visando o engrandecimento da gloriosa Força Pública, acima de quaisquer sentimentos pessoais ou cores partidárias, temos a satisfação moral, neste momento solene em que se defrontam as duas diretorias do Clube dos Oficiais, de transmitir a todos os presentes não só um sucinto relato das atividades desenvolvidas pela diretoria do biênio 1953-1954, como, e especialmente, externar os fundamentos mais profundos dessas atividades, e os objetivos mais longínquos e idealísticos que os originaram.

#### NOVOS ESTATUTOS DO CLUBE

Há muito que se fazia necessária uma revisão nos estatutos do antigo CLUBE MILITAR DA FORÇA PÚBLICA, a fim de colocar a entidade associativa em condições de melhor representar a oficialidade que congrega.

Podemos dizer, em linhas gerais, que o CLUBE passou por três fases distintas:

- a) recreativa;
- b) a anterior, acumulada à de assistência social;
- c) as duas anteriores, acumuladas à de representação da oficiali-

dade, especialmente no que respeita às atividades funcionais.

Esta última fase, que se acha em pleno desenvolvimento, encontrava embaraços em sua libertação, no âmbito do Clube, devido à omissão do assunto, nos antigos estatutos.

É evidente que esse estado de cousas não deveria perdurar em face, principalmente, dos graves e já antigos problemas, não resolvidos, dentro dos quais a centenária Força Pública vai consumindo o belíssimo patrimônio de suas tradições, acumulado em seu longo, histórico e glorioso passado.

Em muitas e reiteradas manifestações, mesmo em reuniões ou assembléias do Clube, ficou patente o desejo dos associados de possuir uma entidade em que pudessem, com segura orientação e com base em regulamentos ou estatutos, dedicar-se ao estudo e aos debates dos problemas da Corporação, livres das peias burocráticas ou de formalismos improdutivos e, geralmente, apenas protelatórios.

Ao mesmo tempo, era mister que a Milícia contasse com um porta-voz que, sem as limitações a que está sujeita a palavra oficial, pudesse, nos momentos oportunos, e com a cautela e medida necessárias, constituir-se em eficaz instrumento de relações com o público.

#### CONGRESSO BRASILEIRO DAS POLÍCIAS MILITARES

Um dos empreendimentos em que mais se empenhou o Clube, durante o transcorrer do biênio 1953-1954, foi o relativo à realização do CONGRESSO BRASILEIRO DAS POLÍCIAS MILITARES.

Artigos na revista «MILITIA», entrevistas, e entendimentos com o antigo Comandante Geral da Força Pública, em 1953, faziam supor que o Congresso Brasileiro das Polícias Militares viesse a ter ampla repercussão em São Paulo e no Brasil, com seguro apóio das autoridades, especialmente em face do transcorrer do ano do IV Centenário de São Paulo, e de a Capital vir assistindo a cerca de uma centena de Congressos de toda a natureza. De ressaltar-se, ainda, que a Força Pública, com seu longo passado, está vinculada à história de São Paulo, e, mesmo, do Brasil.

Em documento encaminhado ao antigo Comandante Geral da Força Pública, foram relatadas, pormenorizadamente, as providências desenvolvidas na Capital Federal, junto aos Ministros da Guerra e da Justiça, Chefe de Polícia e Comandante da Polícia Militar do Distrito Federal e, em São Paulo, junto ao Comandante da Zona Centro, a fim de serem esclarecidos todos os objetivos do Congresso Brasileiro das Polícias Militares, os quais mereceram integral e confortador apóio.

Como um sintoma bem definido e marcante do estado de espirito dos oficiais das Polícias Militares, basta ressaltar que de todos os recantos do Brasil foi unânime a opinião recolhida, de que a Lei Federal 192 está anacrônica, e de há muito superada. Assim, o temário do Congresso espelhou com fidelidade e segurança, o ponto crucial das Polícias Militares: DEFINIÇÃO DE FUNÇÕES, em face dos dispositivos constitucionais.



O ante-projeto de lei resultante das atividades do Congresso é a síntese perfeita dos trabalhos desenvolvidos e um coroamento feliz e promissor dos esforços dispendidos



Ten. Cel. Rubens Teixeira Branco, novo presidente do Clube d'os Officiais

desinteressadamente, por oficiais de 11 (onze) policias militares do Brasil.

Os obstáculos oferecidos à realização do Congresso, que se realizou sem nenhum apóio oficial ou officioso, constam, minuciosamente, do relatório de prestação de contas da Diretoria, aprovado por unanimidade em Assembléa Geral do Clube, em janeiro do corrente ano. Nesse documento, a verdade histórica é espelhada com inteira realidade, com os imprescindíveis comprovantes, sendo definida claramente a posição assumida pela Diretoria do Clube, no período máximo de sua

gestão, que correspondeu à realização do magnífico, necessário e vitorioso certame.

A coesão da oficialidade e o apóio entusiástico, recebido pela Diretoria, nessa época, significaram um anseio, como estávamos certos ao planejar o conclave ora focalizado. Os resultados obtidos, como expressão do pensamento da oficialidade falam por si, resistindo a quaisquer análises.

Até hoje chegam de tôdas as regiões do país, manifestações de apóio dos policiais-militares de nossas co-irmãs, aos resultados obtidos pelo Congresso Brasileiro das Policias Militares. Verifica-se, por essas manifestações, o grande interesse com que os Milicianos do Brasil aguardam as comissões mistas, constituídas de oficiais de nossa e de outras Policias Militares, que irão complementar os trabalhos realizados durante o Congresso ora focalizado.

Os recursos necessários a essa empresa estão sendo mobilizados, por meio de contribuições da oficialidade, e de entendimentos já realizados com as altas autoridades da Aeronáutica, visando facilidades de transporte aéreo, já previstos para os próximos meses de março ou abril.

#### PROJETOS DE LEI E REGULAMENTOS RELATIVOS A FORÇA PÚBLICA

A DIRETORIA DO CLUBE DOS OFICIAIS acompanhou de perto, e com o máximo empenho, o andamento de projetos de lei e regulamentos relativos à Corporação, visando sempre cooperar com as autoridades

des constituídas na defesa dos interesses da Milícia, especialmente no que respeita às conquistas fundamentais que a estruturam, não perdendo de vista, jamais, o interesse público e, máxime, a eficiência e a evolução funcional da oficialidade.

Como esforço maior pode ser apontado o desenvolvido com relação ao projeto 115-54, verdadeiro cavalo de Troia que trazia em seu bojo a destruição de todas as garantias de rejuvenescimento dos quadros da Força Pública, um dos princípios básicos da estruturação moderna de todas as organizações militares ou policiais-militares. Ao mesmo tempo, esse projeto, a pretêxto de propiciar economias para o Estado, retirava as mais elementares garantias de assistência social, aos policiais-militares de menor graduação, especialmente cabos e soldados, garantias essas já consagradas na legislação da Força, a todos os seus componentes. Mas o que era até de contristar no projeto, é que ele não esquecia de carrear polpudas vantagens aos postos maiores do oficialato, num contraste chocante com o rigorismo exagerado e deshumano aplicado aos subalternos.

Cumprindo verdadeiro dever de consciência, foi tomada pela Diretoria do Clube dos Oficiais, franca desaprovação ao projeto 115, nos termos em que o mesmo se encontrava redigido.

Outro projeto de lei que mereceu cuidadosa atenção da Diretoria do Clube dos Oficiais, foi o de nº. 838-53, relativo à situação funcional dos componentes da Força Pública, em relação aos integrantes da Polícia Civil. O problema abordado pe-

lo projeto, sendo por demais complexo e difícil, a Diretoria, de início, manifestou-se sobre ele, sem entrar no mérito da questão, apenas apoiando a idéia de se levantar o assunto, vital para a Corporação, qual seja o das relações funcionais entre policiais-militares e policiais-civis. Com o emprêgo cada vez maior da Força Pública, nas missões de policiamento, em trabalho conjunto com a Polícia civil, é evidente ser curial a solução do problema focalizado, a fim de serem evitados os atritos e desharmonias que se originam, tendo como causa a situação confusa e vexatória, por não definida, da posição funcional dos componentes da Milícia.

Infelizmente o projeto 838 não teve o prosseguimento necessário, e assunto de tão grande interesse nem chegou a entrar em pauta. Não há negar, entretanto, que todos os esforços que forem dispendidos visando a solução de tão delicado assunto, reverterão em benéficos resultados para o Estado, pela possibilidade de maior rendimento funcional de seus servidores policiais, civis e militares. A ressonância que tão magno problema encontrou na Força Pública, ecoou no Clube dos Oficiais sob a forma de vivo entusiasmo e ardentes apêlos para que não fosse deixado de lado, malgrado as dificuldades de toda natureza, questão de interesse tão relevante. No entanto, como o projeto 838, por motivos desconhecidos, deixou de ter andamento, não tivemos a felicidade de conhecer os debates por certo interessantes, que forçosamente dele se originariam.

No que respeita à lei básica das Polícias Militares, já nos referimos, quando tratamos do Congresso das Polícias Militares.

## O OFICIAL DA FORÇA PÚBLICA COMO SÓCIO DO CLUBE

O máximo empenho desenvolveu, também, a Diretoria do Clube, visando consolidar e desenvolver, cada vez mais, na entidade, um ambiente em que a personalidade dos oficiais pudesse se desenvolver, em toda sua plenitude, especialmente no que respeita às suas responsabilidades como cidadão.

Nesta oportunidade desejamos expressar os nossos agradecimentos mais sinceros aos oficiais em geral e, mais particularmente, àqueles que conosco mais diretamente colaboraram, na tarefa ingente e grandiosa de reerguimento material e espiritual do Clube. Jamais em dependências do Clube enveredou-se pelo campo da política partidária, sendo os estatutos da entidade obedecidos religiosamente, com o máximo rigor, também nesse capítulo. No entanto, foram respeitadas, com especial cuidado, as opiniões pessoais dos oficiais, na certeza de que a melhor defesa da democracia é, justamente, garantir a cada um a definição de suas idéias, dentro dos quadros políticos que a legislação brasileira prevê.

Congregando várias centenas de oficiais, todos eles formando um conjunto intelectualmente cada vez mais homogêneo, graças à própria evolução da Força Pública, é evidente que ao Clube compete missão complexa e difícil, porém bela e elevada, de expressar o pensamento, o sentir dessa coletividade, naquilo

que há de comum, que seja a média, o condensado dos sentimentos da maioria.

Essa missão, temo-la cumprido nestes dois anos, desfazendo muitas e muitas dificuldades e sérias incompreensões. Mas podemos afirmar com satisfação, que vale a pena sofrer êsses espinhos, pois que as rosas dos bons resultados, as benesses dêsses sacrifícios fazem-se sentir em grande número, e com promessas de maiores e melhores resultados ainda, tudo em prol de nossa querida e gloriosa FORÇA PÚBLICA, acima de quaisquer partidos políticos ou pessoas, acima de quaisquer rancores ou paixões, afastadas quaisquer idéias subalternas!

A revista MILITIA, órgão do Clube, já com oito anos de existência, impôs-se à admiração e ao respeito de nossos camaradas de todo o Brasil, pela linha rígida e inflexível que sempre se traçou, de completo alheamento de quaisquer assuntos que pudessem, mesmo de longe, provocar desharmonias ou paixões políticas na família policial-militar.

A serenidade e a segurança com que MILITIA trata dos problemas de interesse da Corporação, atraíram para o Clube a confiança cada vez mais profunda dos associados, impondo-se a organização, pelas suas credenciais já bem definidas e consolidadas, como expressão de alto valor moral e de representação da oficialidade.

Isso tudo faz-nos prever, para o futuro, importância cada vez maior a ser atribuída ao Clube dos Oficiais, pela totalidade de seus associados, do serviço ativo, da reserva

e reformados! Esse é o nosso sonho, essas são as nossas maiores aspirações.

Ao entregarmos a direção do Clube, nossa satisfação se redobra, por sabermos que os oficiais que compõem a nova diretoria representam o pensamento de renovação e de evolução da família policial-militar, significando essa circunstância o penhor de que a orientação até nossos dias seguida pela entidade, não sofrerá solução de continuidade, prosseguindo ainda com maior realce e eficiência!

Assim, com a aspiração de ver a Fôrça Pública integrada plenamente nas suas funções policiais, na posição de destaque a que faz jus, entregamos ao ten. cel. RUBENS TEIXEIRA BRANCO e à sua denotada equipe de companheiros, esse barco que tem navegado por mares

muitas vêzes agitados pelas procelas desencadeadas. Temos plena confiança, no entanto, e fé em Deus, que tudo será conduzido a pôrto bonançoso, tendo em vista as altas qualidades morais, intelectuais e técnicas dos prezados companheiros que nos substituem!

Para que pleno êxito seja garantido à nova Diretoria, apelo ainda, às altas autoridades do Estado, e ao novo Comandante Geral da Fôrça Pública, para que se dignem assistir, com o maior carinho, os problemas do Clube, a fim de que sua missão, em proveito da própria segurança do Estado, seja facilitada e cada vez melhor cumprida!

Ao ten. coronel Rubens e aos seus companheiros, a Diretoria substituída deseja os mais sinceros e calorosos votos de felicidades, na direção da entidade associativa.

#### Oração do Ten. Cel. Rubens Teixeira Branco, ao receber a presidência do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública

Pesado e difícil encargo, o que nos legou a confiança e a amizade de nossos companheiros da Fôrça Pública! Nesta época de incertezas, de falta de rumos, de permanente perigo para as instituições democráticas, o Clube dos Oficiais não poderia deixar de sentir os efeitos perigosos e insistentes dos entrechoques e das paixões de toda natureza que borbulham em tôdas as camadas sociais de nosso país!

Esse encargo mais difícil se torna, quando nos lembramos da responsabilidade maior ainda que assume a Diretoria do biênio 1955-1956, ao substituir uma administração chefiada pelo dinâmico coronel Odilon Aquino de Oliveira, espírito empre-

endedor e amante das boas e grandes iniciativas, qualidades com que pôde alçar o Clube dos Oficiais, da situação acanhada de há 15 anos atrás, à posição privilegiada que hoje desfruta, impar entre tôdas as associações de classe, de quaisquer naturezas, do nosso e de outros Estados.

Após 12 anos de lutas ininterruptas à frente da entidade, o coronel Odilon revelando mais uma vez elevado descortino e acendrado amor à Fôrça Pública, procurou colaborar para, nas últimas eleições associativas, ser conseguida a melhor composição possível de oficiais, tendo em vista o momento angustioso e indefinível que atravessamos.

e a fim de que a Diretoria do Clube pudesse contar com o apóio da unanimidade da Corporação, abrangendo oficiais da ativa, da reserva e reformados. E adotou essa solução, conscientemente, sacrificando quaisquer vaidades mesmo justas, ou egoísmos pessoais.

Assim, os exemplos legados pelo coronel Odilon, ao mesmo tempo que nos avultam as responsabilidades, constituem um estímulo que nos animará a tudo fazer, a tudo suportar, com confiança e fé inquebrantável, pela evolução e pelo progresso do órgão associativo.

Ao coronel Odilon Aquino de Oliveira, pois, a par dos agradecimentos, pelas bondosas referências feitas, as nossas homenagens mais sinceras e calorosas, e o apéio para que o artífice máximo da grandeza material e espiritual do Clube continue a zelar pela associação, especialmente no períodos das mais graves decisões.

Não nos move, neste instante, o desejo de enumerar os planos da nova Diretoria. Os encargos que recebemos, se continuados, por si só constituirão um programa dos mais difíceis e penosos.

O critério que presidiu à orientação da Diretoria substituída deverá ser adotado com o mesmo rigor, de forma a serem perfeitamente obedecidas as disposições contidas nos estatutos da entidade, especialmente os que se referem à representação funcional da oficialidade da Fôrça Pública!

Os laços de fraternidade que nos unem aos camaradas do Exército, da Aeronáutica e da Marinha con-

tinuarão a ser cada vez mais desenvolvidos com o objetivo de ser cada vez melhor consolidada a harmonia e a compreensão entre os componentes das Fôrças Armadas e os das Fôrças Auxiliares.

Serão desenvolvidos todos os esforços visando estimular cada vez mais, entre os oficiais, o conhecimento do Direito, por intermédio dos cursos das nossas Universidades.

Tôdas as iniciativas, partam de onde partirem, que visarem o melhor aproveitamento de oficiais e graduados da Fôrça Pública, nos serviços policiais, pela atribuição de missões de maior responsabilidade, à altura do preparo técnico, intelectual, moral e físico que eles possuem, encontrarão da Diretoria do Clube o mais caloroso e franco apóio. Não constitui segredo nenhum a afirmativa de que se os oficiais e graduados da Milícia têm atualmente, em sua maioria, o tempo integral dedicado ao Estado, essa dedicação é empregada apenas nas tarefas menos nobres e mais primárias do policiamento. Essa dedicação é quase somente exigida em esforço material, físico. É evidente que os oficiais e mesmo os graduados, poderão dar muito mais de si, desde que recebam tarefas de policiamento, em que suas responsabilidades e capacidades sejam postas à prova. Assim, repetimos, tudo o que se fizer para o aperfeiçoamento da Corporação, encontrará no Clube acolhida simpática e calorosa.

A Fôrça Pública tem um passado riquíssimo de belas tradições, e possui vultos eminentes em sua longa história, toda ela impregnada de dedicação ao Estado e ao Brasil.

No entanto, ante o impacto formidável e acelerado do progresso, nestas últimas décadas, não há negar que a Corporação se defronta, faz muito tempo, com problemas sérios cuja solução se torna cada vez mais premente, a fim de se ajustar melhor à realidade de nossos dias!

Lembramo-nos aqui, dos princípios da revolução permanente do MOVIMENTO D'ECULLY, citados pelo padre LEBRET:

«Estamos decididos a transformar a sociedade pela nossa transformação e pela transformação dos agrupamentos humanos nos quais estamos integrados.

Portanto queremos:

1.º) — Poder dizer «NÃO» a muita coisa da sociedade contemporânea;

2.º) .— Contribuir de maneira coordenada e eficaz na construção de um mundo humano e cristão».

Esses princípios, adaptados à nossa Corporação e à nossa entidade associativa, constituirão critério seguro de ação.

Além disso, no que tange às nossas relações com o público, sob o ângulo do exercício de nossas funções policiais, é ainda em LEBRET

que buscaremos duas orientações fundamentais:

1.º) Não se trata de obter ou de conservar considerações e privilégios, trata-se de servir;

2.º) Não se trata de preocupações em fazer carreira, mas em encher a vida em plenitude.

O CLUBE DOS OFICIAIS, conduzido em rigorosa observância aos estatutos, constituirá, sempre, e cada vez mais, obedecidos esses princípios enumerados, um centro de apóio poderoso e dinâmico, atuante e decidido, em defesa das autoridades constituídas do Estado e do Brasil, sendo de todo possível e desejável a colaboração valiosa e direta com o Comando Geral da Força Pública.

No desenvolvimento de tão amplo programa de ação que recebemos, esperamos contar com o apóio decidido da oficialidade da Força Pública, da ativa, da reserva e reformados, e com a simpatia e a compreensão do govêrno do Estado, no encaminhamento dos problemas com que o Clube se defronta, a fim de que seja propiciado à associação, cada vez mais, um clima de perfeita harmonia, que possibilite úteis realizações e ambiente de plena lealdade e confiança!.

---

**NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS**

**— PELA GRAVARTE LTDA. —**

CONFERÊNCIA DO

# PROF. HERALDO BARBUY



Atendendo ao convite que lhe fez o Comandante Geral da Fôrça Pública, o professor Heraldo Barbuy pronunciou, em outubro último, no Auditório "Major Antão", a sua tão esperada conferência "A Sociologia Como Ciência da História". Nome altamente conceituado nos meios culturais de São Paulo, sociólogo, professor da Faculda-

de de Filosofia de "São Bento" (Escola de Jornalismo "Casper Libero") e da Faculdade de Ciências Econômicas, o conferencista proporcionou aos oficiais da Fôrça Pública, naquela oportunidade, ensinamentos de alta valia.

No clichê, o professor Heraldo Barbuy e parte da assistência.

## CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º. andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

# O Curso "Militia" e os novos Alunos - Oficiais

Nova turma de alunos acaba de ingressar no Curso Preparatório da Escola de Oficiais. Vinte e sete jovens, vibrantes do ideal de servir ao laborioso povo paulista, são como que injeção de sangue novo no centenário organismo da milícia criada pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

São adolescentes oriundos da Capital e do Interior, alguns de outros Estados da Federação provinidos de famílias cujos chefes exercem profissões as mais diversas, num atestado eloquente de que o oficialato da Fôrça Pública bandeirante está, democraticamente, aberto a todos que, pelo esforço próprio, ambicionam a conquista do seus dignos e respeitáveis galões.

Daqui há cinco anos, estarão eles no primeiro degrau da escala hierárquica, sempre idealistas e sonhadores, tentando, no âmbito restrito das suas atribuições, dar novos rumos na execução do serviço policial, por parte da tropa. Compreendidos por alguns dos mais antigos, incompreendidos por outros, eles continuarão a lutar, porque a luta é própria dos moços e a vitória sempre lhes sorri, como sua eterna enamorada.

Daqui há três lustros, também nós estaremos de partida, cõscios do dever cumprido para com a sociedade e certos de que a mocidade que nos suceder só poderá acrescentar novas glórias àquelas recebidas dos antepassados.

Sêde benvindos, novos alunos oficiais, futuros comandantes e chefes da Corporação que é muito nossa pelo tempo de serviço que lhe consagramos, mas que vos pertence também, pelo muito que a vossa inteligência e o vosso esforço poderão proporcionar-lhe em futuro próximo.

## CURSO «MILITIA»

Apraz-nos noticiar que, ainda este ano, o Curso «Militia» agora patrocinado pelo Clube dos Oficiais da Fôrça Pública, foi o curso preparatório que conseguiu maior número de candidatos aprovados nos exames de seleção, apresentando o apreciável índice de 60% de aproveitamento.

Outro fato significativo é que os candidatos: Nilton Silva Calciolari, Geraldo Gomes Menezes e Nilauril Pinto da Silva, colocados respectivamente em 1.º, 2.º e 3.º lugares nos exames de admissão, fizeram seus preparatórios no «CURSO MILITIA».





Aspecto da visita feita pelo cel. Sadoek de Sá ao nosso Corpo de Bombeiros.  
(Gentileza de "A Gazeta")

VISITOU O CORPO DE BOMBEIROS O

## CORONEL SADOCK DE SA'

A fim de melhor conhecer os veículos ultimamente adquiridos pelo nosso Corpo de Bombeiros, esteve em nossa Capital, em companhia do major Schneider, chefe do material do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, o coronel Sadock de Sá, comandante daquela Corporação. O major Armínio de Melo Gaia Filho, então comandante interino do C.B., acompanhado de seu Estado Maior, proporcionou ao ilustre visitante a mais carinhosa recepção dando-lhe, de outra forma, todas as informações técnicas a respeito

dos modernos carros de incêndios recém-adquiridos na Europa. Após observar o funcionamento de todos os veículos, o coronel Sadock fez sentir a sua admiração especial pelas autobombas "Kidde" e "Kroneburg", bem como pelos carros "Metz", de fabricação alemã.

O coronel Sadock, conforme declarações prestadas à imprensa, pretende adquirir uma frota de veículos modernos a fim de melhor dotar o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal.

# Caixa Beneficente da Fôrça Pública

A Diretoria da Caixa Beneficente em sua sessão ordinária realizada a 28 de janeiro, despachou os seguintes processos:

**Concedendo Pensões** — De Cr\$. . . . 7.700,40 à D. Odete de Carvalho Caieli, filha e única beneficiária do cel. Antônio de Carvalho Sobrinho; 2.700,00 à D. Luzia Cesarana Tigani, genitora e única beneficiária do 3.º sgt. músico Domingos Tigani; 2.379,60 à D. Maria Oliveira dos Santos Silva com os menores Milton, Daisy, Terezinha e Antônio, viúva e filhos, respectivamente, do 3.º sgt. rfm. Israel Silva; 2.239,20 à D. Maria Rita Mendes com os menores Rui e Izaura Mendes, viúva e filhos, respectivamente, do 2.º sgt. rfm. Américo Mendes; 1.800,00 à D. Maria Xavier Geraldo com a menor Maria José Geraldo, viúva e filha, respectivamente, do Sd. José Geraldo, do 4.º B.C.; 1.600,00 à D. Luzia Diniz Império com os menores Amaro, Rosa, Maria e Nicomedes Adriano Império, viúva e filhos, respectivamente, do cabo rfm. Amaro Império; 1.260,00 aos menores Inez, Leni e Francisco Alves de Araujo, filhos e únicos beneficiários do cabo rfm. Manoel Alcino de Araujo; 1.152,00 à D. Izaltina de Moraes com as senhoritas Pedrina e Beatriz Friedmann, menores Luís Gonzaga e Izabel Friedmann, viúva e filhos, respectivamente, do 3.º sgt. rfm. João Maurício Friedmann; 705,60 aos menores Elza Pinheiro Cardoso e Sebastião Martins Cardoso, filhos e únicos beneficiários do cabo rfm. Benedito Pinheiro Cardoso; 633,00 à D. Sebastiana de Assis Demori com a menor Irani Aparecida Demori, viúva e filha, respectivamente, do Sd. Joaquim Demori, da 4.a Cia. Ind.

**Concedendo Empréstimos Imobiliários** — de Cr.\$ 523.000,00 ao major Augusto de Abreu; 564.600,00 ao capitão João José de Moura; 396.000,00 ao 1.º ten. Thiago Vilaverde Prior; 286.000,00 ao 1.º ten. Helio Cardoso Fernandes; 264.000,00 ao 1.º ten. Agnaldo Ribeiro de Miranda; 240.000,00 ao cap. Mário

Gonçalves Teixeira Filho; 160.000,00 ao 1.º ten. Diomar de Melo Torquato; . . . 185.000,00 ao subten. Ramiro Silva Santos Junior; 92.000,00 ao 1.º sgt. Jorge de Souza Azevedo; 73.000,00 ao 1.º sgt. Sebastião do Nascimento; 180.000,00 ao subten. Othoniel Ferreira; 187.400,00 ao 1.º sgt. Amadeu Artur Vulcanis; 90.000,00 ao 2.º sgt. José Luís Malheiros; 120.000,00 ao 3.º sgt. José Ciriaco Pereira; . . . . . 150.000,00 ao 1.º ten. Pedro Soares de Freitas.

**Requerimentos Despachados** — Dos cap. Francisco Antônio Bianco Junior e 2.º ten. José Militão Lemes Coura, solicitando autorização para vender imóveis dos quais são compromissários para com esta Caixa Beneficente: "I — Indeferido. II — Proceda, se lhe convier, nos termos da informação"; das ex-praças Silvio C. de Abreu e Orlindo Moura, solicitando restituição de documentos: "Deferido, Restituam-se mediante recibo"; da pensionista D. Maria Barbosa dos Reis Horta, solicitando retificação de sua pensão: "Indeferido por falta de amparo legal"; de José Rodolfo da Silva, procurador do 3.º sgt. rfm. José Joaquim, solicitando majoração da contribuição do referido sargento: "Deferido, uma vez pagas as contribuições em atraso"; dos cap. Antônio Luís de Sá e Dr. Sebastião Eugênio de Camargo, contribuintes facultativos, solicitando majoração de contribuição: "Deferido, uma vez pagas as contribuições em atraso"; de donas Helena Augusta Rodrigues e Helena Rosa Rebechi, ambas solicitando restituição de documentos: "Deferido, Restituam-se mediante recibo".

**Comparecimentos de Beneficiários de Contribuintes** — São convidados a comparecer a esta Caixa Beneficente (3.a Secção), dentro do prazo de 15 dias, por si ou por seus respectivos procuradores, os seguintes beneficiários de contribuintes falecidos: Maria Cândida Ramos, Acrísio Alves, Benedita de Souza C. Barbosa, Maria Joana Morgado dos Santos, Maria Augusta do Nascimento, José

J. Almeida Filho e parentes beneficiários do falecido tenente coronel José Ferreira Lameirão, a fim de tratarem de negócios de seus interesses.

**Balancete da "Receita e Despesa" —** Devidamente examinado e tendo em vista o parecer da Comissão Fiscal, foi aprovado o balancete da "Receita e Despesa" do mês de novembro de 1954, p. findo, cujo resumo abaixo se transcreve "Recebimentos — Contribuições mensais — 2.133.977,40; Joias, 799.352,30; Caixa Econômica Estadual 5.063.100,00; outros recebimentos, 2.061.379,30; saldo do mês anterior, 148.598,90; SOMA 10.206.407,90; importâncias não recebidas: Subvenção do Estado, de julho a novembro de 1954, 2.100.000,00; Pensões do Estado em atraso, dos anos de 1949 a 1953, 103.072,10; dos meses de julho a novembro de 1954, 1.060.750,00; I.P.E.S.P. de agosto a novembro de 1954, 49.396,00; SOMA GERAL, 13.519.626. PAGAMENTOS — Pensões... 1.656.894,60; Carteira Imobiliária, ..... 3.139.800,00; Empréstimos Simples, ..... 1.224.600,00; Caixa Econômica Estadual, 3.500.000,00; outras despesas, 208.835,00; saldo que passa para o mês seguinte... 476.078,30; SOMA 10.206.407,90; rendas a receber: importâncias lançadas nesta conta, 3.313.219,10; SOMA GERAL,..... 13.519.626,00".

— :: —

A Diretoria da Caixa Beneficente, em sua reunião ordinária realizada a 30 de dezembro último, despachou os seguintes processos:—

**Concedendo Pensões —** De 4.899,60 à dona Rosa Facipieri da Silva e filhas; 2.239,20 à dona Alzira Pádua Bitencourt; 2.100,60 à dona Maria Ozória Nogueira; 2.100,60 à dona Ana Rita de Azevedo e filha; 1.980,00 à dona Izaura Lopes Martins; 1.920,60 à dona Ludovina Venga Vieira; 1.800,00 à dona Marcimília Maria do Carmo e filhos; 1.260,00 à dona Eulina Gomes Rodrigues; 1.000,00 ao menor Luís Carlos Pereira da Silva; 1.000,00 à dona Hermenegilda Taffarelo Figueiredo e filhos; 1.000,00 à dona Maria Augusta Pereira do Prado; 1.000,00 à dona Marina Matias Pereira e filhos; 840,00 à dona Lazarina Martins de Oliveira e filhos; 735,30 à dona Maria José Lorena.

**Concedendo empréstimos imobiliários —** de 530.000,00 ao ten. cel. Antônio Alambert; 340.000,00 ao major Antônio Joaquim Martins Navarro; 337.800,00 ao 1.º ten. Carlos Alberto de Faria; ..... 300.000,00 ao 1.º Ten. Carolino Xavier de Oliveira; 352.000,00 ao 2.º ten. José Ferreira; 385.000,00 ao 1.º sgt. Renato de Oliveira Melo; 170.000,00 ao 1.º sgt. Ulysses Joaquim da Silva; 160.000,00 ao cap. Milton Ciriaco de Carvalho; 60.000,00 ao ten. cel. Paulo Soares de Moura; .... 83.800,00 ao 1.º ten. Salvador de Cico.

**Requerimentos Despachados —** Do Subten. Otávio Dias Nunes, pedindo autorização para vender o imóvel do qual é compromissário para com esta Caixa: "I — Indeferido. II — Proceda, caso lhe convenha, nos termos da informação"; da pensionista dona Antônia Guedes dos Santos, pedindo reversão para si e sua filha Edith, da pensão que vinha fruindo a pensionista dona Elza Guedes dos Santos; "I — Indeferido por falta de amparo legal"; de dona Genoveva Ricci, viúva do ex-1.º sgt. Alberto Ricci, pedindo o benefício de pensão: "Indeferido por falta de amparo legal"; dos major Armindo de Melo Gaya Filho e 1.º ten. Sebastião Lopes, sobre empréstimos hipotecários: "Face à expressa desistência do vendedor, archive-se"; dos capitães Olegário Álvés de Carvalho e Durval de Castro Silva e 3.º sgt. Mário Lanowitz, sobre empréstimos imobiliários: "Face à expressa desistência dos compradores, archive-se"; do dr. Rodolfo de Melo Barros, médico veterinário civil, do R.C., solicitando sua inclusão como contribuinte facultativo desta Entidade: "Indeferido por falta de amparo legal"; de dona Dirce Gonçalves de Figueiredo, por seu advogado dr. Carlos Caniato, pedindo pagamento de pensão a que se julga com direito a partir de agosto de 1950: "Indeferido nos termos do parecer do sr. Assistente Jurídico"; dos civil Davi João dos Santos e ex-praça Carlos Hailton Nogueira, pedindo restituição de documentos: "I — Deferido. II — Restituam-se mediante recibo"; dos 2.º sgt. Sebastião de Oliveira Santos e cabo João Belmiro Lino da Silva, solicitando concessão de empréstimo imobiliário: "Indeferido por falta de amparo legal"; dos

major José Luís de Faria e ex-sgt. Renato Soares Pinheiro, solicitando majoração de contribuição: "Deferido, uma vez pagas as diferenças de contribuições e jóias atrasadas"; do 1.º sgt. Roberto José Nogueira, curador da pensionista Maria Ozória Nogueira, solicitando a remessa da pensão de sua curatelada para a cidade de Itapira: "I — Deferido. II — Remeta-se a pensão, correndo as despesas e riscos por conta da pensionista"; de dona Margarida Goonçalves da Costa, pensionista, solicitando retificação de sua pensão: "I — Nada há o que deferir ou retificar, de vez que a pensão que vem fruindo é superior à que de direito lhe caberia"; do major Otávio Castro de Freitas Costa, solicitando redução de prazo para resgate de dívida imobiliária: "Deferido".

**Balancete da "Receita e Despesa"** — Devidamente examinado e tendo em vista pareceres da Comissão Fiscal, foram aprovados os balancetes da "Receita e Despesa" dos meses de setembro e outubro do corrente ano, cujos resumos abaixo se transcrevem: "**Setembro — Recebimentos** — Contribuições mensais, 1.533.874,10; Jóias, 282.938,40; outros recebimentos, 2.115.713,70; Caixa Econômica Estadual, 1.404.839,00; saldo do mês anterior, 141.785,90 **SOMA**, ..... 5.479.151,10; importâncias não recebidas: Subvenção do Estado, de julho a setembro de 1954, 1.260.000,00; Pensões do Es-

tado em atraso, dos anos de 1949 a 1953, 121.532,10; dos meses de julho a setembro de 1954, 636.450,00; I.P.E.S.P., de julho a setembro de 1954, 47.590,00; **SOMA GERAL**, 7.544.723,20. **PAGAMENTOS** — Pensões, 1.602.835,10; Carteira Imobiliária, 1.183.800,00; Empréstimos Simples, 670.750,00; Caixa Econômica Estadual, 1.500.307,00; outras despesas, ... 181.821,50; saldo que passa para o mês seguinte, 339.637,50; **SOMA**, 5.479.151,10; rendas a receber: importâncias lançadas nesta conta, 2.065.572,10; **SOMA GERAL**, 7.544.723,20. **Outubro — Recebimentos** — Contribuições mensais, 3.013.760,50; Jóias 755.518,40; outros recebimentos, ..... 2.285.189,20; Caixa Econômica Estadual, 1.800.000,00; Saldo do mês anterior, ... 339.637,50; **SOMA**, 8.194.105,60; importâncias não recebidas: Subvenção do Estado, de julho a outubro de 1954, ..... 1.680.000,00; Pensões do Estado em atraso dos anos de 1949 a 1953, 103.072,10; dos meses de julho a outubro de 1954, 848.600,00; I.P.E.S.P. de agosto a outubro de 1954, 37.047,00; **SOMA GERAL**, 10.862.824,70. **Pagamentos** — Pensões, 1.649.438,00; Carteira Imobiliária, ... 1.754.225,90; Empréstimos Simples, ... 1.019.600,00; Caixa Econômica Estadual, 3.452.157,50; outras despesas, 169.885,30; saldo que passa para o mês seguinte: 148.598,90; **SOMA**, 8.194.105,60; rendas a receber: importâncias lançadas nesta conta, 2.668.719,10; **SOMA GERAL** ... 10.862.824,70".



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
**MAIS BARATO!**



## NOVO SECRETARIO DA SEGURANÇA PÚBLICA

Por ato de 31 de janeiro do corrente ano, do Poder Executivo, foi nomeado Secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública, o general de divisão Honorato Pradel.

A solenidade, que se realizou no Salão Nobre da Secretaria da Segurança Pública, no dia 1.º de fevereiro, estiveram presentes os srs. José Adriano Marrey Junior, secretário da Justiça, dr. Raimundo Cruz Martins, secretário da Agricultura, coronel Oscar de Melo Gaiá, comandante geral da Fôrça Pública, representantes dos srs. govenador do Estado, presidente da Assembléia Legislativa, comandantes da Zona Centro e 2.ª Região Militar, altas autoridades ci-

vis e militares, e elementos da nossa sociedade.

Logo após ser o general Pradel empossado nas altas funções pelo secretário da Justiça, sr. José Adriano Marrey Junior, efetivou-se o ato de transmissão do cargo.

Falando, na oportunidade, o novo secretário da Segurança Pública tornou claro o seu desejo de trabalhar, sem desfalecimentos, para que a Policia de São Paulo, tão discutida, se imponha, como merece, ao maior respeito das autoridades e do povo em geral.

Os clichês fixam aspectos da solenidade.



---

O novo governador do Estado de São Paulo, dr. Jânio Quadros, ao pronunciar, no Palácio dos Campos Eliseos, o seu discurso de posse.

---

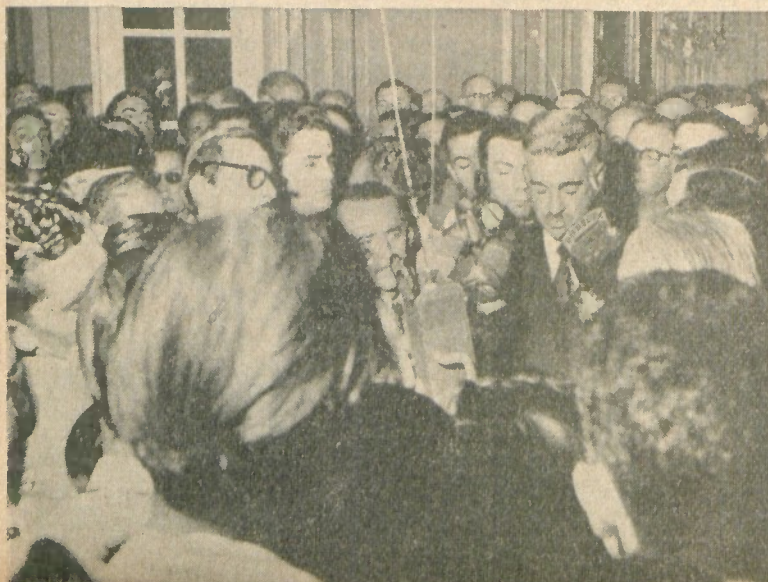


EMPOSSADO SOLENEMENTE O NOVO

# Governador do Estado de São Paulo

Eleito governador de São Paulo em 3 de outubro do ano findo, tomou posse do cargo em solenidade realizada na Assembléia Legislativa, no dia 31 de janeiro do corrente ano, o sr. Jânio da Silva Quadros.

Conforme programa estabelecido, compareceu s. excia. ao Tribunal de Justiça do Estado, onde foi diplomado pelo presidente daquela Côrte de Justiça. Em seguida, dirigiu-se ao Palácio "9 de Julho" onde, perante os srs. de-



---

O professor Nogueira Carneiro governador, ao pronunciar a oração com o sr. Jânio da Silva Quadros, em 31 de janeiro, o novo governador do nosso Estado.

---



putados e grande assistência, foi empossado nas altas funções de Chefe do Poder Executivo do nosso Estado, pelo deputado Vicente Botta, então presidente da Assembléia Legislativa. Finda a cerimônia, rumou s. excia. ao Palácio dos Campos Eliseos, ali chegando às 10 horas, aproximadamente, sob vivos aplausos da grande massa popular que, desde o alvorecer, já o aguardava em tôda a extensão da quadra onde se situa o Palácio do Governô.

Recebido pelo professor Lucas Nogueira Gacez, que se fazia acompanhar de todo o seu secretariado e membros das Casas Civil e Militar, dirigiu-se s. excia. ao Salão Vermelho a fim de que se efetivasse a transmissão do cargo. Inicialmente falou o professor Lucas Nogueira Garcez que, em longo discurso, disse das realizações do seu governô nos vários setores da administração pública. Finalmente, em oração incisiva, onde delineou os seus propósitos de governar com o objetivo único de

satisfazer às aspirações verdadeiras do povo paulista, discursou o sr. Jânio Quadros.

O primeiro ato de s. excia. foi nomear o sr. José Adriano Marrey Junior secretário da Justiça e, posteriormente, os demais membros do seu secretariado, que ficou assim constituído: Professor Carlos Alberto Carvalho Pinto — Fazenda; dr. Raimundo Cruz Martins — Agricultura; engenheiro João Caetano Alvares — Viação e Obras Públicas; professora Carolina Ribeiro — Educação; general Honorato Pradel — Segurança Pública; dr. Antônio Silvio Cunha Bueno — Governô; dr. Carlos Castilho Cabral — Trabalho, e dr. Francisco Scalamandrê Sobrinho — Saúde e Assistência Social.

Após nomear, finalmente, os elementos constitutivos de suas Casas Civil e Militar, o novo governador dos paulistas passou o receber cumprimentos do povo que, em longa fila, desfilou deante de s. excia. por mais de duas horas, sob sol causticante.

## CONHEÇA A CRUZ AZUL

A contribuição de um cabo ou soldado para a Cruz Azul, durante os três últimos anos, importou em apenas Cr\$ 1.052,50, quando:

- a) a despesa média de uma operação de apendicite, em qualquer organização hospitalar de São Paulo, é de Cr\$ 5.000,00;
- b) foram atendidos pela Cruz Azul, em 1954, somente na Capital, 106.135 clientes;
- c) a despesa com internações de sócios no Hospital da Cruz Azul, durante o mês de março último, importou em Cr\$ 930.796,50.

### DO REGULAMENTO

Art. 14.º — Terão direito aos benefícios da Instituição os seguintes membros da família:

.....  
d) — Pai e mãe, quando inválidos e mantidos pelo filho;

§ 3.º — A invalidez será comprovada por junta médica da Cruz Azul, ficando dispensado dessa exigência os maiores de 60 anos.





**Coronel José Canavó Filho**  
Cmt. Genal da Fôrça Pública

# Cel. JOSÉ CANAVÓ FILHO

Por ato do sr. Governador do Estado, publicado no Diário Oficial de 3 de fevereiro do corrente ano, foi nomeado Comandante Geral da nossa Corporação o cel. José Canavó Filho. A solenidade de posse que se realizou no Salão Nobre do Quartel General, às 10 horas do dia citado, compareceram os srs. general Honorato Pradel, secretário da Segurança Pública, dr. Mário Severo de Albuquerque Maranhão, presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado, ten. cel. Nabor Nogueira dos Santos, chefe da Casa Militar e representante do snr. Governador do Estado, representantes do sr. General Comandante da Zona Centro e de Secretários de Estado, autoridades civis, Comandantes de Corpo, Chefes de Estabelecimento, elementos representativos da nossa sociedade e grande número de oficiais da Corporação.

Em resposta ao discurso proferido pelo cel. Oscar de Melo Gaia, que lhe transmitiu o comando, o cel. José Canavó Filho leu expressiva oração em que, com clareza e alto descortino, precisou normas de direção, auscultou problemas, manifestou, enfim, consciência plena das responsabilidades maiores que, a partir daquele instante, mais lhe pesariam face aos destinos da Corporação a que vem servindo com real devotamento.

Capaz, sob todos os aspectos, possuidor de uma personalidade que só o tem elevado no conceito geral, o cel. José Canavó Filho bem merece a con-

fiança que lhe deposita a Fôrça Pública.

Nascido a 16 de março de 1902, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, alistou-se na Fôrça Pública em 5 de junho de 1920.

Foi promovido ao primeiro pôsto da carreira, após freqüentar com aproveitamento o Pelotão de Alunos-Cabos, em 18 de fevereiro de 1922. A 21 de julho de 1926, já no pôsto de 2.º sargento, partiu para o Estado de Goiás integrando o I Regimento de Cavalaria, em operações de guerra, a fim de dar combate aos rebeldes remanescentes da revolução de 1924. Matriculado em março de 1927, no Curso Especial Militar, foi declarado aspirante a oficial em dezembro desse mesmo ano, e classificado no I Regimento de Cavalaria.

A 10 de abril de 1928 foi promovido ao pôsto de 2.º Tenente (estudus) e, a 13 de junho, conforme requereu, matriculado no Curso de Instrução Geral (Literário).

Em setembro de 1930 concluiu o Curso de Aperfeiçoamento (Curso Médico) no C.I.M., em que se matriculou em fevereiro.

Em outubro desse mesmo ano, com o Regimento de Cavalaria, seguiu para Itararé (Revolução de 1930). Em junho de 1931, transferido para o Centro de Instrução Militar, nas funções de instrutor de Cavalaria, passou a lecionar Hipologia, na Escola de Oficiais, e Armaamento, Noções de Balística, Portu-

guês e Aritmética, na Escola de Cabos. Em agosto de 1932 seguiu para o "front" onde permaneceu, servindo no Regimento de Cavalaria, até o fim das hostilidades. Recebeu expressivo elogio, em 22 de setembro, "pelos relevantes serviços que prestou à causa, e destacada atuação e modo brilhante com que se houve durante um forte ataque de artilharia desencadeado pelo adversário, em consequência do qual teve a sua Companhia graves perdas". Promovido ao posto de 1.º Tenente, por merecimento, a 5 de setembro de 1934, foi em 1935 designado para comandar a Guarda do Palácio e a Polícia Especial. Em 1940 concluiu o Curso de Equitação, no Regimento de Cavalaria, tendo sido promovido ao posto de Capitão a 7 de novembro desse ano. Passando à disposição do Governo do Paraná a 14 de fevereiro de 1941, como instrutor de Cavalaria da Polícia Militar, regressou a 2 de janeiro de 1942 após merecer do então governador daquele Estado, o seguinte elogio:

"Capitão José Canavó Filho. Uma das expressões lídimas da F.P. bandeirante, aqui empregou e ainda emprega o máximo de seu esforço e da sua dedicação desinteressada para o levantamento — moral e prático — da equitação, que iniciou com brilho invulgar nesta Corporação. Faz jus, portanto, aos meus agradecimentos, que os confesso ao deixar o Comando da Força, espontaneamente, grangeando, por isso mesmo, a veneração dos seus subordinados, a admiração dos seus pares e a estima dos seus superiores. Determino que se solicite ao ilustre Cmt. Geral da F.P. de São Paulo, a que pertence, para mandar averbar em sua fé de ofício, este modesto louvor muito a quem dos seus reais méritos".

Em 1942, servindo no 7.º Batalhão de Caçadores, em Sorocaba, exerceu as funções de instrutor da Sociedade Hípica Sorocabana, sem prejuízo das suas funções normais. Em 6 de maio desse ano assumiu, no Regimento de Cavalaria, as funções de Diretor do Departamento de Equitação que, com devotamento, exerceu até 18 de setembro de 1944 quando, transferido para o Quartel General, passou a prestar serviços à Diretoria Geral de Instrução. Voltou ao Centro de Instrução Militar como instrutor, em março de 1945 e, em dezembro de 1946, é elogiado pelo Comandante Geral por ter, de forma brilhante, traduzido a obra "Equitation Raisonné" onde, "sobre evidenciar espírito operoso e empreendedor, patenteia elevado amor à Corporação a que pertence". A 16 de dezembro de 1947, por merecimento, foi promovido ao posto de major e, a 28 de junho de 1949, também por merecimento, ao de Tenente Coronel. Transferido a 12 de dezembro de 1950 do 7.º B.C., onde servia, para o 1.º B.C., teve a oportunidade de prestar merecida homenagem ao fundador da nossa Corporação, eis que conseguiu dar àquela unidade a denominação de Batalhão "Tobias de Aguiar".

A 4 de julho de 1954, finalmente, foi promovido ao posto de Coronel, por merecimento, tendo sido a 14 de dezembro, desse ano, agraciado pelo governo do Estado com a Medalha "Valor Militar" (ouro).

Há a frizar, finalmente, que além dos louvores citados, muitos outros, honrosos, definem a personalidade de escol do cel. José Canavó Filho que é, como bem acentou o cel. Oscar de Melo Gaia em seu elogio de despedida, "um verdadeiro chefe, com vontade própria, enérgico e entusiasta".



Em cima — 1) o governador Lucas Nogueira Garcez e outras altas autoridades assistem ao desfile — 2) o cmt. José Gladiador, comandante do Batalhão Policial. Em baixo: 1) o coronel José Canavó Filho, por ocasião da apresentação do "carrousel" — 2) tropa do B.G. que participou das festividades.

## 123 ANOS DE BONS E LEAIS SERVIÇOS PRESTADOS A S. PAULO

Foi com o maior brilhantismo que se realizaram em nossa Capital, nos dias 13, 14 e 15 de dezembro último, as festividades que assinalaram o transcurso do 123.º aniversário da nossa Força Pública.

Em cumprimento ao programa estabelecido pelo Comando Geral, as solenidades, que contaram com a presença das mais altas autoridades civis e militares do nosso Estado, bem como de elementos os mais re-

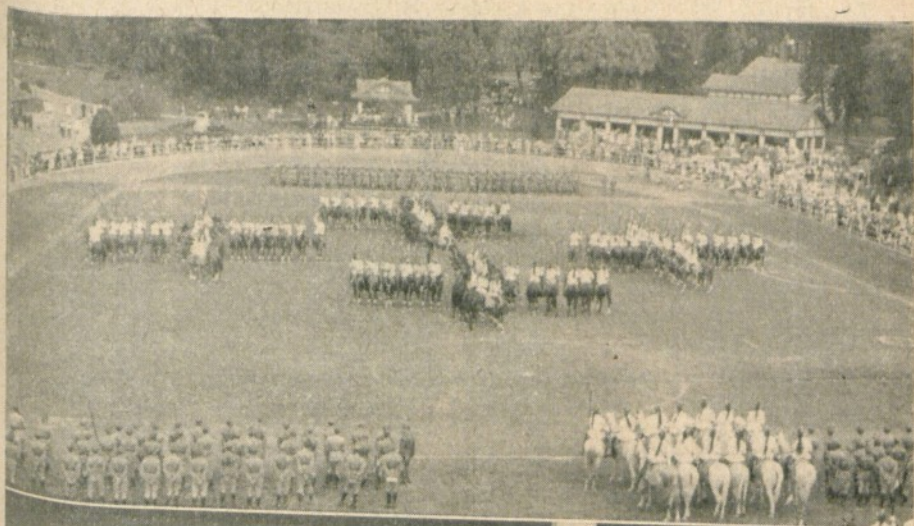
presentativos da nossa sociedade, tiveram início no dia 13 quando, às 9 horas, foi rezada missa junto ao túmulo do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, fundador da Corporação, localizado na Igreja Venerável Ordem Terceira de São Francisco (Largo de São Francisco); às 15 horas, no picadeiro do Regimento de Cavalaria, foram apresentados, em demonstrações que provocaram vivos aplausos da grande assistência, a

Escola de Volteio e os cães pastores amestrados, ora empregados no serviço de policiamento da Capital; às 21 horas, no Clube Homs, o Conjunto Musical homenageou o Corpo Consular de São Paulo, com interessante concerto sinfônico.

No dia 14, às 9 horas, realizou-se a cerimônia de entrega de medalhas a oficiais e praças e, posteriormente, a de compromisso à Bandeira Nacional, pelos recrutas, no

campo da Escola de Educação Física; às 14 horas processou-se o encerramento dos cursos da Escola de Educação Física, de Enfermeiros de Saúde, do Serviço de Transmissões e do Serviço de Transportes e Manutenção, no ginásio da Escola de Educação Física; às 20 horas, também no ginásio da E.E.F., defrontaram-se as equipes de voleibol (oficiais) da Polícia Militar do Distrito Federal e da nossa Corpora-

Em cima, flagrante expressivo do "carrousel" apresentado ao povo de São Paulo; em baixo, parte da assistência.







---

Dois expressivos flagrantes. No alto, a professora Ivone Ferraz Rocha agradece, em nome de suas colegas, as homenagens de que são alvo. Em baixo, as novas bombeiras-auxiliares, em forma, ouvem atentamente a oração pronunciada pelo capitão Simpliciano Silveira Machado, do Corpo de Bombeiros da Capital.

---

EM SÃO CARLOS

## 15 BOMBEIRAS-AUXILIARES

Sob a presidência dos capitães Simpliciano Silveira Machado e Dagoberito Veltri, do Corpo de Bombeiros desta Capital, procedeu-se no dia 5 de dezembro, na cidade de São Carlos, à entrega de certificados de bombeiras-

auxiliares a uma turma de 15 professoras primárias. Usando da palavra, inicialmente, os capitães Simpliciano e Dagoberito saudaram as intrépidas "mulheres do fogo". Agradecendo, falou a professora Ivone Ferraz Rocha que, e-

xaltando a iniciativa, frizou a importância do curso.

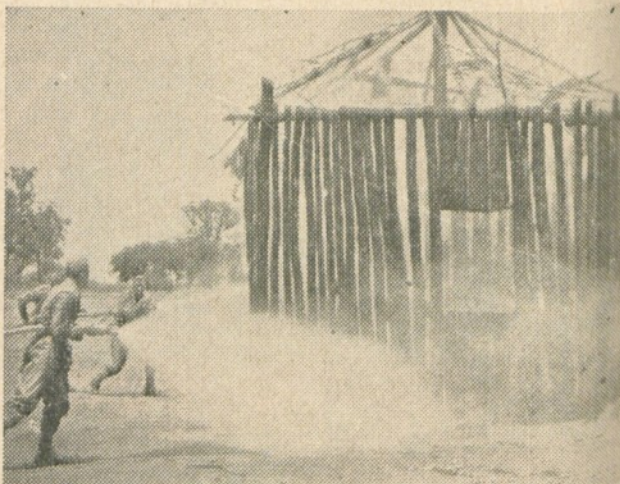
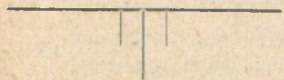
Em seguida, sob a direção do subtenente Osvaldo de Souza, diretor do curso, as "mulheres do fogo" fizeram uma demonstração de extinção de incêndio e serviço de salvamento. Encerrando as solenidades, um almôço foi oferecido às autoridades presentes, no Hotel Acácio, de que participaram, entre outros: o prefeito local, sr. Antônio Massei; deputado Vicente Bota; capitão Urbano Lopes da Fonseca, comandante da 4.ª Cia. Independente, sedia-

da em Araraquara; dr. Arlindo de Toledo, delegado de polícia local, e dr. Adelino V. Perdigão, presidente da Câmara Municipal

Receberam o certificado de conclusão do curso, as seguintes professoras: Eunice dos Santos, Nair Salomão, Idalina Araujo, Zulimar Maria Nuno, Nancy Eli Moço, Ivone Ferraz Rocha, Ivone Pegoraro, Heidi Gasporotti, Ercília de Oliveira, Ana Maria Braga Paraguaçu, Jurema Buglian, Terezinha da Silva, Eurides Silvato, Ozória do Carmo Silveira e Maria de Lourdes Baptiston.



Mais dois aspectos das solenidades realizadas em São Carlos. Em cima, as intrépidas bombeiras dão combate ao fogo. Em baixo, o capitão Dagoberto Veltri dirige-se aos presentes e, especialmente, às jovens bombeiras-auxiliares.







## BAHIA

### 130.º ANIVERSARIO DA POLICIA MILITAR

As solenidades que assinalaram o transcurso do 130.º aniversário da Polícia Militar, a 17 de fevereiro, além das do estilo militar, constaram da inauguração, bênção e consagração da capela Nossa Senhora das Graças, na Vila Militar do Bonfim, por s.ª eminência d. Augusto Cardeal da Silva, arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, que também, no local, celebrou a missa festiva do dia, com a presença dos representantes do governador do Estado, do comandante da 6.ª R.M., general Eduardo Chaves, do comandante Borges Fortes, de secretários de Estado, parlamentares e de pessoas da sociedade baiana.

Na parte da tarde, teve lugar a posse da nova Diretoria do Clube dos Oficiais, no auditório do Centro

de Instrução, oportunidade em que falaram o ex-presidente, major Demóstenes Paranhos, o presidente empossado, capitão Genival de Freitas, o cap. Carvalho Melo, empossado Diretor Cultural, o cap. Lourildo Barreto e, para encerrar a sessão, o cel. José Isidro de Souza presidente de honra da já vitoriosa agremiação.

Em seguida, realizaram-se, na Praça dos Esportes da Vila Militar, competições esportivas entre equipes de oficiais, de sargentos e praças.

### GRATIFICAÇÃO DE 30% PARA OFICIAIS E PRAÇAS

Mais um gesto de atenção do governador Régis Pacheco para com a Polícia Militar vem de se concretizar com o seu decreto n.º 16.777, pelo qual assegurou aos oficiais e praças da Polícia Militar os benefícios da Lei n.º 668, de 26 de agosto de 1954, isto é, que garante uma gratificação de 30% aos servidores do Estado cuja função importe em perigo de vida ou da saúde.

Com esta medida, os elementos da Polícia Militar obtêm mais um substancial aumento nos seus estipêndios.

### POLICIAMENTO METROPOLITANO

Continua provando bem, na Capital, o policiamento feito pela Polícia Militar, através do seu Grupamento Metropolitano, dirigido pela eficiência do capitão Lourildo Lima Barreto, e sob os auspícios do secretário da Segurança Pública, bel. Manoel Ribeiro, e do cel. José Isidro de Souza, comandante geral, auto-

ridades que vêm dando todo apóio àquele serviço já tão admirado e louvado pela população soteropolitana.

«O Diário da Bahia», publicou um artigo do Capitão Edson Franklin de Queiroz, sugerindo às autoridades a criação do Batalhão de Guardas Metropolitanos, na Polícia Militar, com a absorção da Guarda Civil, inclusive, cujo pessoal passaria a ser subordinado ao regime disciplinar adotado na milícia estadual; tudo isso porque a experiência tem provado que o policiamento ostensivo da Capital, conquanto povoada de policiais de diversas corporações, o simples lançamento de pouco mais de 100 homens do Grupamento Metropolitano, bem instruído e disciplinado, transformou-lhe bastante o aspecto, proporcionando maior segurança e mais ordem na cidade. O autor ainda sugere a incorporação, à Polícia Militar, da Polícia de Trânsito e Rodoviária.

#### **EFETIVO DA POLÍCIA MILITAR PARA 1955**

A Lei nº. 703, de 31 de dezembro de 1954, fixou este efetivo da Polícia Militar para 1955: — 152 oficiais de diferentes quadros e postos; 20 alunos do Curso de Formação de Oficiais (2.º ano); 39 subtenentes; 524 sargentos de diferentes graduações, das fileiras e especialistas; 380 cabos; 40 soldados tamborres-corneteiros; 1.981 soldados.

#### **AUTORIDADES POLICIAIS**

Foram nomeados pelo governo do Estado:— delegado regional de polícia, com sede em Juazeiro, o cap. Salafel Pereira de Queiroz; delegado regional de polícia, com sede

em Caldas de Cipó, o cap. Argemiro Gomes Barbosa; delegado especial em S. Inês, o cap. Durval Tavares Carneiro, com a missão de apurar fatos relacionados com uma série de contrabandos de café operados na zona; e, delegado de polícia de Jequié, o cap. João Adolfo da Silva, que se demitira do cargo de gestor municipal de Ibicarai.

## **CEARÁ**

### **REVISTA «ALVORADA»**

Esta publicação, que é órgão do Clube dos Oficiais da Polícia Militar, vem de ter alterada a sua direção, por sessão realizada pelos seus associados, em data de 31 de dezembro p. findo, ficando assim constituída: diretor, cap. Gerardo Farias de Paiva; redator-chefe, 1.º ten. Raimundo de Paula Pessoa; técnico, 2.º ten. Antônio Gervásio Colares; secretário, 1.º ten. Francisco Pedro da Cunha; diretor comercial, 1.º ten. Francisco A. Rodrigues de Lima; e tesoureiro, 1.º ten. Gerardo Fragoso de Vasconcelos.

### **REFORMA DO APARELHAMENTO POLICIAL DO ESTADO**

O aparelhamento policial do Estado vai sofrer substanciais modificações, de acôrdo com as sugestões feitas pela Secretaria de Polícia, ao governador Stênio Gomes. Será encaminhada mensagem a respeito, à Assembléa Legislativa.

### **NOVO SECRETARIO DE POLÍCIA**

O deputado estadual Edson Correia, foi convidado pelo governador Paulo Sarasate para ocupar a pasta da Segurança Pública, tendo aceito o convite em aprêço.

## **DISTRITO FEDERAL** (POLICIA MILITAR)

### **VINTE NOVOS ASPIRANTES**

No dia 2 de janeiro, no estádio Fluminense Futebol Clube, em expressiva solenidade, foram declarados aspirantes mais vinte alunos do Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal. Ao ato compareceram o ministro da Justiça, desembargador Seabra Fagundes, representando o presidente da República; representantes dos ministros da Guerra e da Marinha; o coronel Meneses Cortes; o representante do prefeito Alim Pedro, major Edson Moura; representantes dos ministros do Trabalho e da Saúde; o coronel João Unaraí de Magalhães, comandante da Polícia Militar; autoridades civis e militares, parlamentares e grande público.

### **Demonstração da Escola de Recrutas**

A primeira parte da solenidade, realizada imediatamente após o desfile de praxe em continência às autoridades presentes, constou de uma demonstração de ordem unida, feita por quarenta recrutas da Polícia Militar. Essa demonstração, variada e precisa, empolgou a assistência. Os recrutas, com apenas três meses de treinamento na Escola de Recrutas, realizaram, com auxílio de banda e sem vozes de comando, as mais complexas figuras de ordem unida, inicialmente desarmados e, a seguir, empunhando fuzis.

### **Quadros vivos**

Dando prosseguimento às demonstrações, que foram orientadas pessoalmente pelo capitão Geraldo

de Magalhães, instrutor-chefe da Escola de Recrutas, fez-se a apresentação dos tenentes, sargentos e cabos instrutores e monitores da E.R., ato seguido da apresentação de quadros vivos demonstrativos das diversas etapas de instrução por que passa um recruta da Polícia Militar.

### **Os Aspirantes recebem suas espadas e prestam juramento**

O sr. ministro Seabra Fagundes e os representantes dos srs. ministros da Marinha e da Guerra entregaram as espadas aos três primeiros colocados na turma, aspirantes Jorge Fernandes Marques, Ubirajara Pereira Roseti e Nagib Read Rostum. Os outros receberam o sabre das mãos de suas madrinhas.

Realizou-se, em seguida, o juramento à Bandeira, a que se seguiu um desfile, de que participaram os vinte novos aspirantes a oficial. São eles os seguintes: Acir Leite Pereira, Airton de Oliveira Pinto, Alcir Cardoso da Cruz, Anilcio Teixeira Pinto Teles, Ciro Eduardo Konig da Silva, Darcy Bitencourt Costa, Gabriel de Oliveira, Jorge Alcidor de Souza, Jorie Fernandes Marques, João Zacarias da Costa Soares, Luís Dias, Nagib Raad Rostum, Hildo Fragnano, Paulo Cardoso dos Santos, Pedro dos Santos Cunha, Ronaldo Costa da Silva, Renato Novoa da Costa, Sebastião da Rocha Ribeiro, Silas de Lima e Ubirajara Pereira Roseti.

## **DISTRITO FEDERAL** (CORPO DE BOMBEIROS)

### **VISITA DO MINISTRO DA JUSTIÇA**

No dia 2 de fevereiro, durante o almoço que o comandante da Cor-

poração ofereceu ao ministro Seabra Fagundes, por ocasião de sua visita ao Corpo de Bombeiros, o cel. Sadok de Sá, depois de adentuar o que já foi feito para a melhoria das condições de trabalho dos seus comandados e do melhor aparelhamento da milícia do fogo carloca, soltoou ao desembargador Seabra Fagundes os seus bons officios no sentido de ser o Corpo de Bombeiros suprido de algumas deficiências de ordem material, bem como atendidas certas reivindicações de ordem pessoal da corporação. Entre essas medidas, frisou o coronel Saddock de Sá a necessidade de reorganização do serviço de saúde, a oficialização do serviço de assistência social mantido pelos seus officiais, sargentos e soldados, o financiamento para a aquisição da casa própria, a necessidade de uma reorganização geral da corporação, descentralização maior dos serviços, mediante a criação de novos postos de socorro, bem como uma reforma radical do ensino técnico-profissional.

#### Ginásio Major Gabriel

Acompanharam o ministro da Justiça na sua visita à corporação, entre outras autoridades, o coronel Geraldo de Meneses Côrtes, chefe de Polícia, e o coronel João Ururahy de Magalhães, comandante da Polícia Militar. Antes do ágape, foi o ministro convidado para descerrar a fita simbólica de inauguração de uma quadra de esportes instalada no quartel-general da Praça da República, quadra essa que recebeu o nome de «Major Gabriel», em homenagem ao valoroso official trágicamente morto na explosão da ilha do Braço Forte.

## ESPÍRITO SANTO

### MORALIZANDO A POLÍCIA CA-PIXABA

Continuam os protestos dos que vinham explorando as casas de jôgo que funcionavam clandestinamente em vários pontos do Estado. Como temos noticiado o novo governador, sr. Francisco Lacerda de Aguiar, determinou, como uma de suas primeiras providências, o fechamento imediato de todos os locais em que se praticassem jogos de azar.

Em memorial enviado ao governador, alegaram os «concessionários» das casas de jôgo que centenas de famílias ficaram ao desamparo, surgindo no Estado o problema do desemprego.

Sabe-se, também, que o governador já respondeu ao memorial declarando que, em absoluto, não permitirá a prática de jogos, adenturando que nada mais fez do que cumprir uma lei federal, que proíbe taxativamente a jogatina em todo o Brasil. E, paralelamente, determinou ao cap. Harry Barcelos, novo delegado de Costumes, que estabelecesse rigorosa fiscalização para evitar a reabertura dos «cassinos».

Depois de acabar com a jogatina em todo o Espírito Santo o atual delegado de costumes, cap. Harry Barcelos, iniciou nova campanha moralizadora, desta vez contra o lenocínio. O primeiro infrator a ser prêso como explorador do lenocínio, foi justamente um comissário de polícia, Pedro Sá, ficando apurado que recebia êle das casas situadas na planície 200 cruzeiros por semana, e das casas «de cima», 400 cruzeiros, auferindo renda fabulosa. Imediatamente foi êle expulso da polícia.

Determinou o cap. Harry Barcelos a localização do meretricio em local afastado da cidade, próximo a Caratuíra, estabelecendo rigoroso sistema de fiscalização, inclusive de saúde.

## MARANHÃO

### PRELIMINAR DA S. SILVESTRE

Patrocinada pela «Gazeta Esportiva», da capital bandeirante, teve lugar, no dia 12 de dezembro p. findo, a preliminar da Corrida de S. Silvestre, tendo sido vencedor individual o 3.º Sgt. Laurindo Boaventura Farias, da Polícia Militar, que conquistou o direito de seguir para São Paulo, a fim de tomar parte na grande prova da noite de S. Silvestre.

A equipe vencedora também foi a da Polícia Militar, ficando em segundo a dos Estivadores e em terceiro a equipe Indígena, composta de índios canelas e guajajaras, constituindo-se esta última na maior atração da preliminar em apreço.

## MATO GROSSO

### ASSOCIAÇÃO DOS REFORMADOS DA P.M.

Esta entidade, declarada legalmente como de utilidade pública, em assembleia geral ordinária, realizada a 12 de dezembro p. findo, elegeu a seguinte diretoria, para reger-lhe os destinos no corrente ano:

**Diretoria:** — presidente, ten. cel. Temistocles Aristeu de Carvalho; presidente de honra, cel. Daniel de Queiroz; vice-presidente, ten. cel. João Geraldo Xavier; 1.º secretário,

major João Nunes da Cunha; 2.º secretário, 1.º sgt. Alexandre Dias de Oliveira Campos; 1.º tesoureiro, cap. Cid Teodoro do Espírito Santo; 2.º tes., 1.º ten. Sérgio Xavier de Matos; procurador-relator, cap. José Antônio da Costa; vogais, subten. Benedito Fabiano de Aruda e 3.º Sgt. Manuel Francisco de Oliveira.

**Conselho Fiscal:**— presidente, major Arnaldo de Matos Cabral; secretário, cap. João Valentim do Nascimento; membros efetivos: cap. Antônio Pinto do Amorim, cap. Alcebiades Cicero de Sá e 1.º ten. Benedito Avelino Teixeira.

A diretoria em apreço foi empossada solenemente a 2 de janeiro do ano em curso.

## MINAS GERAIS

### PROMOÇÃO DE OFICIAIS

O governo estadual, por decreto de 3 de fevereiro, promoveu os seguintes oficiais: — por merecimento: a coronel, os tens. ceis. Afonso Heleodoro dos Santos, José Meira Júnior, Osvaldo Heleodoro dos Santos e Manuel de Assunção e Souza; a cel. médico, o ten. cel. médico Brás Pelegrino; a ten. cel. os majores Randolpho Silva, Ademar Viana de Albuquerque, Manuel de Araújo Porto, Mário Norbert Lindemberg e Waston Mesquita; a major os caps. Adolfo Drubsky, Geraldo Esteves da Silva, Tompson Scafuto, Wilson Antelmo Rodrigues, Jofre Lelis, Pantaleão Fagundes e Raul Chaves Mendes; a major maestro, o cap. maestro Sebastião Vianna; a capitão, os 1.ºs. tens. Alvaro Pereira da Silva, Milton Campos, Geraldo Tito Silveira, Washington Leônio Corné-

lio e Daniel Noronha Neto; a cap. de adm. os 1.ºs. tens. de adm. Hélio Milagres de Matos e José Otaviano da Silva; a 1.º ten. os 2.ºs. tens. Vicente Gomes da Mota, Urano Nunes de Queiroz, Antônio Soares da Cruz, Cristiano Martins da Silva, Heimar Matos, José Aleixo da Silva, Iedo Miranda e Jair Faria de Souza; a 2.º ten., (merecimento intelectual), os asp. a oficial Vanderlin Tiradentes de Azevedo, Abel Magalhães, Mário de Assis Carvalho, João Victor de Andrade, Ildeu da Costa Pereira, Francisco Cândido de Miranda Filho, Mauro Mauricio Ferreira, Cícero Magalhães, Fulgêncio dos Santos Neto, Hélio Dias de Almeida, Carmo Dias Rolim, Raimundo Vanderlei Dias, Antonio de Paula, João Lopes Vieira e Floro Ramos de Vasconcelos; a 2.º ten., os subtens. Nelson Augusto dos Santos e Walter Gotelipe.

— por antiguidade: a ten. cel. os maiores Derly Oscar de Miranda, Ewerton Mesquita e médico Osvaldo Gonçalves da Costa; a major, os caps. Geraldo Gomes de Carvalho, Júpiter Vieira e Eurico de Alvarenga Mafra; a cap., os 1.ºs. tens. Jair Corrêa da Paixão, Ademar Estrêla, Trajano de Araújo Viana Neto, Geraldino Teles Montenegro, João Soares de Sousa e Geraldo Rodrigues do Vale; a cap. de adm. os 1.ºs. tens. de adm. João Evangelista da Silva (2.º) e José Agnelo de Freitas; a 1.º ten., os 2.ºs. tens. José Saraiva, José Cardoso de Campos, Valter de Oliveira Perdigão Sobrinho, Abner Peters dos Santos, Pedro Raquel Júnior e José Augusto de Oliveira (5.º) e Carlos Bernardes da Silva; a 1.º ten. adm., o 2.º ten. adm. Fe-

lix de Sena e Souza; e ainda por merecimento, a 2.º ten., regente de música os subtenentes José Faustino Pereira e Salvador Vila.

Foram ainda renovados os seguintes contratos: no posto de cap. farm. o do 1.º ten. farm. Moacir de Souza Ameno; no de major médico o do cap. médico Ismael de Oliveira Coimbra; para o lugar de 1.º ten. médico o dr. Antônio Araújo Cançado.

#### NOVOS ASPIRANTES DA P.M.

Teve lugar, no dia 10 de dezembro p. findo, no Teatro Francisco Nunes, a solenidade de declaração dos novos aspirantes da P.M., seguida de entrega das espaldas pelas respectivas madrinhas.

Os aspirantes de 1954 escolheram para patrono da turma, o 1.º ten. José Rubim Soares instrutor daquele estabelecimento, e para patroninho o ten. cel. Manuel Assunção e Souza, chefe do Estado Maior da Polícia Militar e ex-comandante do D.I..

São os seguintes os novos aspirantes da Polícia Militar de Minas: Abrão Magalhães — Carlos Acácio de Alcântara — Célio Ferreira Guimarães — Décio Pereira da Silva — Elizeu Brasil — Enir Pereira Guimarães — Eudes Batista de Almeida — Geraldo Magela Lauria — Jair Lourenço — José de Abreu Soares — Laurentino de Andrade Filocres — Marcos Baffa — Newton Oliveira — Robson Zamprogno — Silas Rodrigues — Vicente R. dos Santos — Walter R. Bitar — Zideley A. Pereira.

## PERNAMBUCO

### EXCLUIDOS DA PM

O ten. cel. Sidrack de Oliveira Correa, chefe do Gabinete do Comando Geral da milícia pernambucana encaminhou à imprensa o seguinte comunicado:

«Em dias do mês de novembro findo, este comando teve conhecimento de que soldados desta Corporação, comprometendo o conceito público da Polícia Militar, agiam na cidade, de parceria com ladrões e recebiam propinas de proprietários de casas de jogos de azar.

Em face da gravidade da denúncia e em salvaguarda do nome desta Corporação, foi instaurado, sob sigilo, rigoroso inquérito durante cujas diligências se não ficou inteiramente evidenciada a culpa dos denunciados pelo menos não apresentaram defesa convincente de sua inocência, ficando provados outros fatos, não constantes da denúncia, mas igualmente comprometedoras da sua reputação funcional e moral.

Conseqüentemente, como não podem continuar a merecer a confiança indispensável à permanência nas fileiras da Corporação, o comando resolveu excluí-los e entregá-los à Polícia Civil, nos termos do Regulamento Disciplinar.

São os seguintes os soldados a que se refere esta nota: Francisco Martins da Silva 2.º, José Francisco da Silva 6.º, Arnaldo Pereira da Silva, João Leberalino dos Santos, Mário Nepomuceno da Silva e Edvaldo de Sousa Lima»

## RIO GRANDE DO NORTE

### PROMOVIDO O REPRESENTANTE DE «MILITIA»

— Homenageado pelo Comando e Oficiais da P.M.

Por motivo de sua promoção, a major, Antônio de Moraes Neto, nosso eficiente e dedicado representante junto à PM potiguar, vem de ser homenageado pelos seus camaradas, através de um jantar que teve lugar na Peixada da Praça Pio X.

A manifestação contou com a presença do comandante da PM, cel. Luciano Veras Saldanha, de tô-



Major Antônio de Moraes Neto

da a oficialidade da Polícia Militar, numerosos oficiais da reserva e jornalistas.

Inicialmente, o major José Reinaldo Cavalcanti interpretou o pensamento dos presentes oferecendo o jantar ao homenageado, dizendo, enfaticamente, da satisfação de que todos se achavam possuídos, por aquela oportunidade de manifestar publicamente a sua admiração e apre-

ço ao seu colega Antônio de Moraes Neto.

«Influenciado por êste clima de sadia camaradagem — disse o major Reinaldo — e coerente com o meu feitiço moral é que aqui estou para a missão que me foi confiada, para interpretar não só a minha satisfação como a todos os oficiais que aqui se encontram, a qual aumenta dia a dia. Tanto assim é que escudados na nossa alta compreensão, estamos aqui reunidos, neste momento, para homenagear, com muita justiça, um companheiro que acaba de obter promoção ao posto de major, prêmio que é fruto dos seus próprios esforços, consubstanciados na sua linha de conduta de soldado que tem sabido conduzir-se no setor de suas atividades funcionais atestando o seu procedimento, as suas atitudes, o seu alto grau de disciplina, de honestidade e de amor ao trabalho».

Falaram, posteriormente, o sr. Newton Navarro, em nome da Imprensa, e o comandante Luciano Veras Saldanha, que disse da satisfação em comparecer àquela manifestação ao major Antônio de Moraes Neto. Destacou as qualidades de soldado e de cidadão do recém-promovido, afirmando que o mesmo era um dos seus maiores colaboradores na administração que atualmente realiza na Polícia Militar do Estado.

A seguir, o major Moraes Neto, visivelmente emocionado, agradeceu a todos aquela nova prova de camaradagem salientando, dentro da sua modéstia, que apenas tem procura do cumprir o seu dever.

Um brinde ao cel. Saldanha

Aproveitando o ensejo do aniversário, na mesma data, do cel. Luciano Veras Saldanha, o ten. cel. Altino Cordeiro de Paula ergueu um brinde pela saúde e prosperidade do comandante da PM, o qual, através do grande zelo e alta compreensão dos seus deveres, vem conquistando o apreço e a simpatia de todos os norte-riograndenses. Sob a sua gestão, a milícia potiguar vive nova época de elevação moral e administrativa, através de uma direção infensa à política e inteiramente voltada para os seus deveres profissionais, além de muito cuidar dos problemas sociais dos seus comandados.

Falou, por último o poeta Evaristo de Souza saudando a Polícia Militar.

### PROMOÇÃO DE OFICIAIS

Por ato recente do governo estadual, foram promovidos os seguintes oficiais: a capitão, os primeiros tenentes José Antônio da Silva, Pedro Nunes de Souza, e Geraldo Gonzaga da Costa; a primeiro tenente, os segundos José Medeiros de Aguiar, Sebastião Medeiros de Aguiar e Hilpólito Corsino do Nascimento.

### RIO GRANDE DO SUL

#### A «LEI DA PRAIA» NA BRIGADA MILITAR

Por lei n.º 2558, de 20.12.54, os oficiais e praças da BM que serviram na zona de guerra, definida e delimitada pelo Dec. Federal n.º 10490-A, de 25.9.42, terão direito, para fins de reforma ou transferên-



para a reserva, a contagem em dôbro dêsse tempo de serviço, e serão, à data em que se inativarem, promovidos ao posto ou graduação imediatos, com direito a vencimentos e vantagens integrais.

É considerado período de guerra, para os efeitos da lei em apreço, o compreendido entre a data em que foi determinada a mobilização do Exército Brasileiro (31 de agosto de 1942) e a em que cessou o estado de guerra (8 de maio de 1945).

### Promoção de Oficiais

Foram promovidos por ato do governo estadual, no mês de janeiro, os seguintes oficiais:

**Quadro de combatentes** — Por merecimento: a ten. cel., os majores Dorival Mun'z dos Reis e Brasilino Rodrigues da Silva; a major, os caps. Liberalino Paim de Andrade, Jandir Bica Fernandes e Júlio Martins Coimbra; a cap., os 1.ºs. tens. Alexandre Marcinkus, Tomás Pereira de Vasconcelos, Apio Pereira de Vasconcelos, Nelson Galant e Adil Müller Quites; a 1.º ten, os 2.ºs. tens. Ademar de Oliveira, Pedro Celeny Simões Pires Garcia, Darcy Paivo Ethur, Adão Natalício Machado e Domingos Gonçalves Lérias; a 2.º ten., os asp. oficial Hélio Chaves Osmar Máximo da Costa, Paulo Nadir Fernandes, Aristides Capelani dos Santos Sobrinho, João Morais Palma, João Spadaro Filho, Genésio Lemos de Almeida, Valter Ferraz Denz e Durval Funk Tubino. Por antiguidade: a ten. cel., o major João Lúcio Marques; a major, os caps. Alísio Grafulha e João Artur da Fonseca; a cap., os 1.ºs. tens. Messias Gurgel Nogueira, Antônio

Luzzi Esperança, Isolino Leite Fernandes, Antônio Carlos de Castilhos e José Guimarães Tavares; a 1.º ten., os 2.ºs. tens. Francisco Quiumento Filho, Dastro de Moraes Dutra, Viriato Natividade Duarte, José de Oliveira Macedo e Benjamim D'Avila Prado. **Quadro do SSV:**— Por merecimento: a ten. cel. médico o major médico Alberto Schins; a major médico os caps. médicos Rui Gaspar Martins e Ari da Costa Mariante. Por antiguidade: a ten. cel. méd. o major méd. Mário Marques Fernandes.

### NOVO COMANDO PARA A BRIGADA

Por ato governamental de 31 de janeiro próximo findo, foi designado para comandar a Brigada Militar o cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, do quadro da milícia gaúcha.

O cel. Vanâncio Batista, ao transmitir o comando da corporação ao seu sucessor, disse da confiança com que o fazia, por passar o comando às mãos experimentadas de um de seus mais brilhantes oficiais, possuidor de uma larga folha de assinalados serviços em suas fileiras.

«Tenho a certeza — disse êle — de que o seu novo comandante tudo fará para que a Brigada Militar continue, como até agora, a gozar do mais alto conceito dentro e fora das fronteiras do Rio Grande».

### Fala o novo comandante

O cel. Ildefonso de Albuquerque, em ordem do dia sucinta e objetiva, assim se expressou:

“Grande é a honra de comandar a Força a quem dediquei os melhores

anos de minha vida, mas, também, compreendo a enorme responsabilidade que assumo para o futuro, responsabilidade esta, entretanto, amenizada pela certeza que tenho do espírito de compreensão e de disciplina de oficiais e praças — qualidades tradicionais dos nossos camaradas de todos os postos e de todas as graduações.

Ao assumir, assim, o comando máximo da Força, faço um apêlo a todos os elementos que compõem a Brigada, para que continuem, como até aqui, animados do mesmo espírito de despreendimento, abnegação e, principalmente, de disciplina, pedestais em que assentaram todas as nossas conquistas.

De minha parte, também, vou procurar a trilha de meus antecessores, com relação ao bem-estar da Tropa e animado do propósito de errar o menos possível.

Desejo que todos compreendam o período de transição que estamos vivendo e conseqüente situação delicada que atravessa nossa Pátria, que mais do que nunca necessita e confia nas forças morais que fizeram sua grandeza.

Sei que não haverá por parte dos nossos elementos nenhuma restrição ao cumprimento do dever, seja qual for a circunstância. Nosso devotamento à causa pública sempre esteve em plano superior aos nossos interesses particulares ou individuais.

Como sempre procedi noutras funções, desejo e faço questão que todos contribuam visando o bem comum e para os variados e complexos problemas administrativos que forem surgindo, bem como para os de ordem geral, aceitarei sugestões dos srs. oficiais.

E, concluindo:

Cumprindo-me representar a Força junto ao Poder Público, pleitearei tudo que for proveitoso para a Brigada e para seus elementos, estribado no maior número possível de dados positivos, jamais permitindo, entretanto, que isto seja feito por estranhos ou mesmo pelos elementos da Força não credenciados, num desrespeito flagrante às normas regulamentares.

## SANTA CATARINA

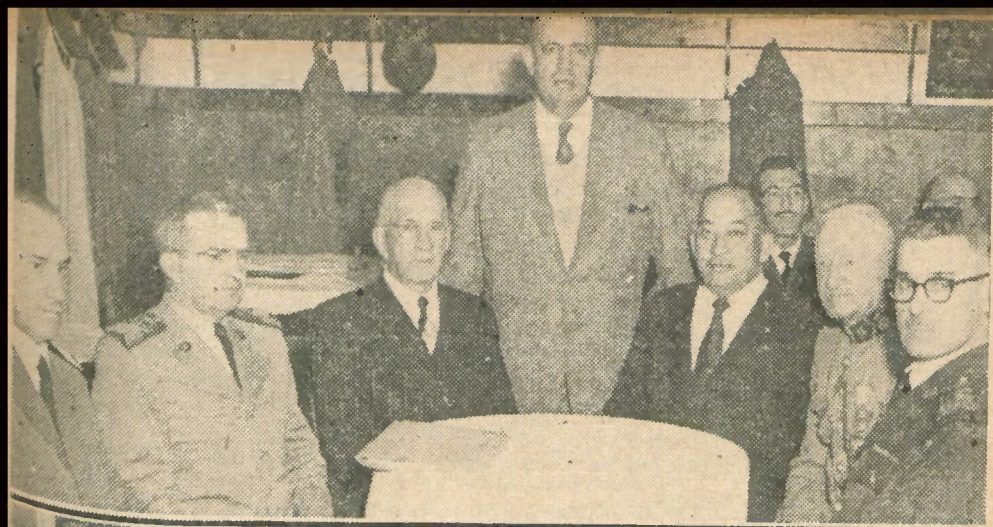
A «LEI DA PRAIA» E A P.M.

A chamada «Lei da Praia», que ao seu tempo beneficiou, com justiça, os elementos das Forças Armadas, quando transferidos para a reserva remunerada, após a II Grande Guerra, tem sido, paulatinamente, estendida às Polícias Militares, como inteligência do diploma legal federal.

Assim é que a PM do visinho Estado do Paraná, a penúltima a receber a legislação estadual sobre o assunto, pela Lei nº. 2.032, de 9 de Julho do ano transato, resolveu satisfatoriamente o assunto, o qual abrangeu o período de 25 de setembro de 1942 a 8 de maio de 1945.

Por sua vez, a co-irmã do visinho Estado do sul, a Brigada Militar do Rio Grande, desde dezembro último passou a gozar daqueles benefícios.

A PM catarinense, que durante o período da guerra, também prestou relevantes serviços à Nação, dada a grande atenção que exigiu o seu extenso litoral, está ansiosa por ver concretizada a sua aspiração, através de idêntica lei estadual.



ECOS DO

## I CONGRESSO BRASILEIRO DAS POLÍCIAS MILITARES

Conforme noticiário inserto no número anterior, o Clube dos Oficiais da Força Pública ofereceu no dia 22 de dezembro último, no Restaurante Franciscano, um coquetel às representações das Polícias Militares junto ao nosso I Congresso.

Apresentamos, agora, dois flagrantes dessa homenagem, onde se vêem: em cima, a partir da esquerda, os srs. cel. Cândido Bravo, cel. Francisco Alves Mata, general Miguel Costa, cel. Agenor de Almeida Castro (em pé), cel. João de Quadros, cap. do Exército Francês Frederico Statmuller e cel. juiz José Anchieta Torres, nosso diretor. Em baixo, congressistas e oficiais presentes ao coquetel.

# NOSSOS REPRESENTANTES

## Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

### BOLIVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

### CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — capitán Moysés Suty Castro

— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.

### ACRE (Guarda Terretorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

### ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

— Destacamento Policial (São Brás) — 3.º Sgt. José Pereira da Silva.

### AMAPA (Guarda Territorial)

— Séde (Macapá) — Ten. Uadih Charone

### AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— cap. José Silva

### BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — cap. Edson Franklin de Queiroz

— 3.º B.C. (Juazeiro) — 1.º ten. Salatiel Pereira de Queiroz.

— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

### CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

### DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Jason Marcondes.

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Herani Alves de Brito Melo.

— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis

— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — 1.º ten. Fernando Carlos Machado.

### ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

### JOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 1.º ten. Antônio Bonfim dos Santos

— Agência Distribuidora de Jornais e Revistas— R. Nilo Poçanha, 1 — Rio Verde.

### MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luís) — 1.º ten. Eurípedes Bernardino Bezerra

### MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º BC (Cuiabá) — cap. Domingos Santana de Miranda

— 2.º B.C. (Campo Grande) — 2.º ten. cont. André Bastos Jorge.

— 2.ª Cia. do 2.º B.C. (Ponta Porã) — cap. Luiz Zaramela.

### MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) — 2.º ten. Carlos Augusto da Costa

— 3.º B.I. (Diamantina) — 1.º ten. Geraldo Francisco Marques

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — cap. José Guilherme Ferreira

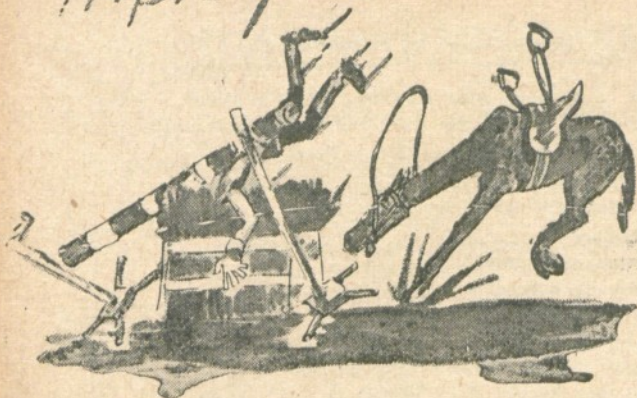
— 8.º B.I. (Lavras) — 1.º ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro

— 9.º B.I. (Barbacena) — 2.º ten. Manoel Tavares Corrêa.

- PARA (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Belém) — cap. José Barbosa de Vasconcelos.
- PARAIBA (Polícia Militar)  
 — Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.
- PARANA (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Curitiba) — major Washington Moura Brasil.
- PIAUI (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Teresina) — ten. Oswaldo Duarte Carvalho.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)  
 — Q. G. — Cap. Ademar Guilherme
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Natal) — major Antônio Moraes Neto.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)  
 — Q.G. (Porto Alegre) — 2.º ten. Julio Soveral da Rosa  
 — 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.  
 — 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Florianópolis) — Cap. Elvidio Petters.
- SÃO PAULO (Força Pública)  
 — Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.  
 — C.F.A. (Capital) — cap. Ari José Mercadante.  
 — B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima  
 — Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — asp. Eugênio Augusto Sarmiento  
 — R.C. (Capital) — 1.º ten. José Gominho da Costa.  
 — C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.  
 — B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaicuru de Carvalho.  
 — 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.  
 — 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.  
 — 4.º B.C. (Bauru) — 1.º ten. Antônio Braga  
 — 5.º B.C. (Taubaté) — 1.º ten. Mário Ferreira.  
 — 6.º B.C. (Santos) — Cap. Luis Nobrega e Silva.  
 — 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.  
 — 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Oswaldo Teixeira Pinto.  
 — S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.  
 — S.E. (Capital) — José de Campos Montes.  
 — S.I. (Capital) — 2.º ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann.  
 — S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.  
 — S. Trns. (Capital) — 1.º ten. Godofredo Silveira Bueno.  
 — S. Subs. (Capital) — 2.º ten. Pedro Barros de Moura.  
 — E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.  
 — S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.  
 — S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.  
 — 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — cap. Nelson Simões Sheffer  
 — 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godol.  
 — 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.  
 — 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — 1.º ten. Abel Raposo Faria.  
 — 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.  
 — Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.  
 — Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Flávio Capeletti.  
 — Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.
- SERGIPE (Polícia Militar)  
 — Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em todas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

# HIPISMO



Capitão

Plínio

Desbrouses

Monteiro.

## PROVAS DE OUTUBRO

No domingo, 10 de outubro, realizou-se sob o patrocínio da F.P.H., o «Cross-Country Morumbí», em cujo resultado final apareceram, como quase sempre acontece, dois oficiais do Regimento de Cavalaria: conquistou o 3.º lugar o ten. Bráulio Guimarães, conduzindo «Artilheiro», e obteve o 4.º posto, montando, com segurança, «Kid», o ten. Alselmo Peres.

Dia 11, comemorando a data máxima do Regimento de Cavalaria, fez parte da festa de aniversário da Unidade da R. Jorge Miranda, uma prova hípica interna, com resultados técnicos regulares e boa demonstração de combatividade esportiva.

Aos cavaleiros novos, ofereceu-se-lhes uma ótima oportunidade — um «handicap» de 29 cms. sobre todos os obstáculos.

Denominou-se esta prova «Regimento de Cavalaria».

A vitória na disputa coube ao 1.º ten. Amadeu José Faustino, que a obteve conduzindo magnificamente «Bolero». Em 2.º lugar ficou o 2.º ten. José Gominho da Costa, conduzindo «Borracha». A 3.ª colocação foi do 1.º ten. Raul Humaitá Vila Nova, sobre «Marambaia»; obteve a 4.ª classificação o 1.º ten.

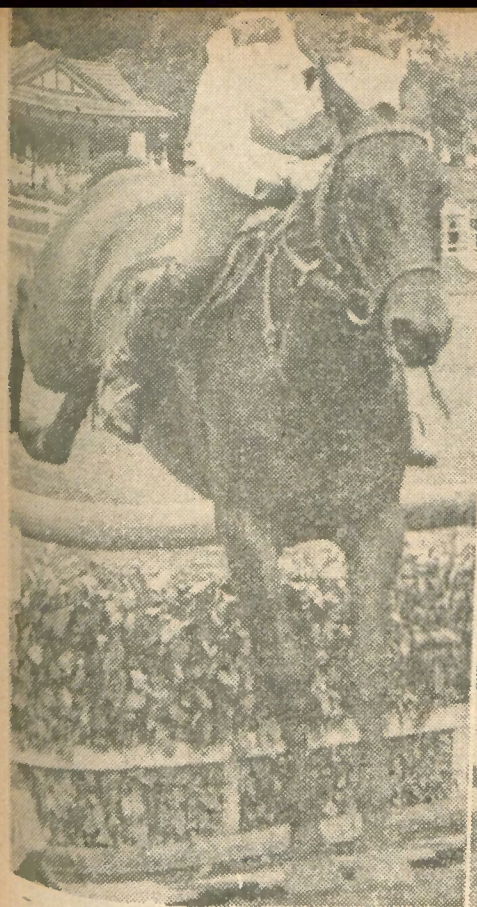
Roldão Nogueira de Lima, pilotando «Almirante».

### ÚLTIMA ETAPA OFICIAL

Na pitoresca sede de campo da S.H.P., no Brooklyn Paulista, teve início às 14 hs., do dia 6-XI, as provas da derradeira fase do Calendário Oficial organizado pela F.P.H. para o ano de 1954. As disputas des-

Ten. Amadeu José Faustino





Flagrantes das competições

ta última temporada tomaram os nomes das entidades filiadas à Federação; somente a prova das amazonas tomou o nome especial de «Dr. Raul Vargas Cavalheiro», como homenagem póstuma a este saúdoso batalhador do hipismo bandeirante.

Os concorrentes representaram a S.H. de Campinas, o C.H.S.A., a S.H.P. e a Fôrça Pública, e o número de cavalos inscritos atingiu a 50.

Dia 6 (Sábado) — A 1.ª prova corrida foi a denominada «Fôrça Pública», de classe «A». Coube o 1.º lugar ao representante da Sociedade Hípica Paulista «Durval Moura

Araújo» conduzindo, sem faltas, «Chimango». Cobriu o percurso em 52" e 1/5.

O Regimento de Cavalaria obteve as demais classificações.

Bela façanha do ten. Bráulio Guimarães, que conduzindo, respectivamente, «Campineiro» em 56" e 1/5 e «Artilheiro» e 56" e 2/5, ambas as pistas com zero faltas, conquistou, em elogiável atuação, os 2.º e 3.º postos.

O 4.º lugar o 2.º ten. Ari Tôrres alcançou em 60" com 4 faltas de «Ringo». Este cavaleiro nos traz esperanças de bons dias esportivos para o futuro.

Na 2.a prova, «Clube Hípico de Sto. Amaro», de classe «B», foi vencedor Gianì Samaja, na condução de «Beau Blummel». Pista limpa.

Dia 7-IX (domingo), agora no Clube da Av. João Dias, 2030, em Sto. Amaro, correram-se 3 disputas, com o seguinte resultado:—

A «Prova Dr. Raul Vargas Cavalheiro» (para amazonas), teve como conclusão o quadro abaixo:—

1.º e 3.º lugares — Marika Lindenhayn, C.H.S.A., com zero faltas, montando «Café», em 40" e 1/5, e «Corisco» com 4 faltas, em 38".

2.º lugar — Arline Givandau, S.H.P., sem faltas em 43" e 2/5. Para isso conduziu «Mineral».

Prova «S.H.P.» (percurso à americana).

Liderança da S.H.P., por intermédio de José Luís Guimarães, que em 1' 29 e 2/5, transpôs 18 obstáculos. O 2.º lugar coube, ainda, à «Hípica», por intervenção de João Rubens Leite, montando «Cristal» e vencendo 17 obstáculos. Tempo 1,30".

Prova «S.H. de Campinas», classe «C-D», com desempate em altura.

1.º lugar — José Luís, S.H.P., com zero pontos, sobre «Meteor»;

2.º e 3.º lugares (empatados) — José Luís Guimarães com «Maipú», e Gianì Samaja sobre «Bois de Rose». Quatro pontos por faltas foi o registro de ambos os cavaleiros.

4.º lugar (empatados) — Gianì com «Gato Prêto» e Arcílio Martins com «Lohengreen». — 8 pontos perdidos para cada ginete.

Dia 13-IX (Sábado) — Como fecho da temporada realizaram-se, na S.H.P., as:—



Ten. Augusto Santos Cordeiro, montando

#### Prova «2.a Região Militar»

Vencedor — com zero pontos perdidos, Gianì Samaja, para as côres da Hípica, conduzindo «Real», no tempo de 47" e 1/5. O mesmo cavaleiro conquistou com «Lucky», em 49" e 2/5 o segundo pôsto, ainda com pista limpa.

Montando «Galan», e fazendo zero faltas, em 51" e 4/5, o ten. Roldão Nogueira de Lima, da F.P.S.P., empatou a 3.a e 4.a colocações com João Rubens Leite, da S.H.P., na condução de «Cristal».

#### Prova «C.H. de Santos».

Pilotando «Meteor», com 8 faltas, José Luís Guimarães assegurou para a S.H.P. os louros da vitória nesta pugna, em cujos 2.º, 3.º e 4.º lugares ficaram empatados, Gianì Samaja com «Real» e «Gato Prêto», e Arcílio Martins com «Lohengreen».

Encerrada desta forma a temporada oficial, nos resta, agora, aguardar as provas «extras» programadas pelo R.C. para dezembro próximo, e que deverão ser as duas provas tradicionais da Fôrça Pública — «Gen. Júlio Marcondes Salgado» e «Cap. Rocha Marques».



# Charadista!

# Cruzadista!

*Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).*

*Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sôbre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.*

*O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tódas as definições e sinônimos dos términos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmás Desenhados e Palavras Cruzadas.*



*Adquira o seu exemplar, à venda em tódas as Livrarias ou pedindo pelo reembólso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.  
SÃO PAULO — BRASIL.*



## REGULAMENTO

O primeiro torneio de 1955 abrangerá o primeiro semestre do ano e constará de, aproximadamente, 60 pontos, correspondentes a cada trabalho decidido.

Os trabalhos deverão ser organizados rigorosamente de acordo com as definições encontradas nos seguintes dicionários: PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA, de H. Lima e G. Barroso e ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO, de Ed. Lirial Jr. São, também, adotados, os livros de provérbios de Lamenza e dr.

Lavrud e o Dicionário Antroponímico de Lidaci.

Aceitamos as seguintes espécies charadísticas: Charadas sintéticas, haplológicas, encadeadas, intercaladas, sincopadas, apocopadas, aferéticas, em quadro, em termo e metamorfosecadas. Enigmas, desenhados (figurados e pitorescos) e logogrifos. Serão também publicadas palavras cruzadas.

O prazo para remessa das soluções, que poderão vir numa lista só, terminará em 31 de dezembro próximo vindouro.

### 1955 — 1.º TORNEIO

#### CHARADAS SINTÉTICAS

1 — Café ruim só na maloca do quilombo. 2-1

Paulista Velho (S. Paulo)

2 — Passa além a mulher morena cheia de lábia. 1-2

Co Yntra (S. Paulo)

3 — Na beira da estrada mandei fazer uma resistente cercadura. 2-2

C. Bento (S. Paulo)

4 — É lucrativo, seguro, mesmo, o fabrico de bala confeitada. 1-1

Chilon (S. Paulo)

5 — Após a rebelião houve tristeza em casa do principal revoltoso, que sofreu severa punição. 5-1

Lia Quartim Nessi (S. Paulo)

6 — Não é sincera a revista quando publica grande quantidade de notícias sem interesse a respeito do fantoche. 2-2

Serrot (S. Paulo)

7 — O médico livra da morte o doente e observa a marcha da doença com cautela. 2-2

Zequinha Barbosa (S. Paulo)

### CHARADAS SINCOPADAS

- 8 — Indivíduo tolo é motivo de troca, 3-2  
Sérgio Patrício (S. Paulo)
- 9 — Calor forte após muitos dias chuvosos não é nada agradável. 3-2  
Pompeu Júnior (Botucatu)
- 10 — A qualidade do homem exfmo em algum mister vem logo à superfície. 3-2  
Plínio D. Monteiro (S. Paulo)
- 11 — ... sobretudo evite a destruição.  
— 3-2.  
Paulista Velho (S. Paulo)
- 12 — A cauda de vestido hoje em dia é pouco vulgar. 3-2  
X.P.T.O. (S. Paulo)
- 13 — Hesito em dar a mão ao homem falso. 3-2  
Henrico & Bezerra (S. Paulo)
- 14 — Qualquer associação de malfiteiros não me é querida. 3-2  
K.D.T. (S. Paulo)

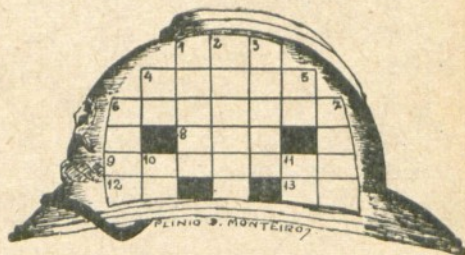
### CHARADAS METAMORFOSEADAS

- 15 — A variedade de fandango é de passo arrevezado. 9 (9)  
C. Bento (S. Paulo)
- 16 — O relógio de sol deve obedecer determinado plano. 9 (9)  
Braguinha (S. Paulo)
- 17 — Não me prejudica o que diz êsse tolo. 5 (4)  
Pachá (S. Paulo)
- 18 — O que é perito numa arte ou ciência, é aquêlê que dela tem prática.  
— 7 (7)  
Veterano (S. Paulo)
- 19 — A série de transformações por que passou o charadismo, impõe, aos charadistas que se afastaram das lides, ser inevitável a sua readatação às novas regras. 5 (4)  
Pompeu Júnior (Botucatu)
- 20 — Além de filante é amigo da mentira. 6 (4)  
Serrot (S. Paulo)

### PALAVRAS CRUZADAS N.º 1

**HORIZONTAIS:** 1 — Rebordo de chapéu; 4 — Praça de taba; 6 — nome de uma árvore cuja madeira é própria para construção; 8 — Espécie de taberna; 9 — Nortista; 12 — "Tristeza"; 13 — Terra natal.

**VERTICAIS:** 1 — Conclui; 2 Batedeira de manteiga; 3 — Mentira, balela; 4 — Rio da Tartária; 5 — Medida da Suécia, para líquidos; 6 — Ligar; 7 — Escolher; 10 — O Sol; 11 — A mim.



### NOVA NOMENCLATURA CHARADISTICA

Conforme antecipamos, a partir do presente número passamos a adotar a nova nomenclatura charadística.

Aos que a desconhecem, daremos as explicações sobre as charadas que, com outro nome aparecem neste número, e assim iremos procedendo à medida que formos apresentando novas espécies.

**Charada sintética.** É a nova denominação das charadas antiga e novíssima,

reunidas numa só. O modo de decifrar é o mesmo.

**Charada metamorfoseada.** Sobre essa espécie transcrevemos o que se encontra no "Vade-mecum do Enigmista", de autoria do nosso colega Lidaci:

"Como o próprio nome está dizendo, esta espécie implica em metamorfose ou mudança de letra numa palavra que constitui a 1.ª chave, em qualquer altu-

ra, resultando em consequência a 2.<sup>a</sup> chave

Nessa espécie de charada incluem-se a *cásal* e a *antiga bifont*. (Vêr êsses nomes).

As *metamorfoseadas* chamavam-se antigamente *metagramas* (variação de uma determinada letra) e também *metamórficas* e *metamorfoses*.

Exemplo.

Tôda velha tem ruga na cara. — 5 (4).

El Príncipe — Uberaba

Temos aí uma *charada metamorfoseada* em que as chaves são *velha* e *ruga na cara*, por estarem grifadas. Os algarismos à direita indicam; o primeiro, que os sinônimos ou equivalentes das duas chaves devem ter 5 letras; o segundo, que a segunda chave deve ter trocada a sua 4.<sup>a</sup> letra. A solução é obtida, procurando-se um sinônimo de *velha* de 5 letras que é *gelfa* e trocando-se a 4.<sup>a</sup> letra (f por h) para termos *gelha* que é equivalente a *ruga na cara*.

A decifração é pois *Gelfa* — *Gelha*  
Outro exemplo:

*Mentira* em tôda a parte é *mentira*. — 6 (3).

Dr. Barreto Cardoso — Maceió

As chaves são ambas *mentira* com 6 letras, sendo que a 3.<sup>a</sup> letra deve ser trocada na segunda chave. A solução é *Poçoca* — *Potoca*; a 3.<sup>a</sup> letra e da 1.<sup>a</sup> chave. foi trocada por *t* para formar a 2.<sup>a</sup> chave.

Ainda outro exemplo:

Fiquei tonto com a dança negra de origem africana. — 7 (7).

Alguém — Lisboa

A 1.<sup>a</sup> chave que deve ter 7 letras para sinônimo *Sorongo*, mudando a última letra, a 7.<sup>a</sup>, temos *Sorongá* para a 2.<sup>a</sup> chave".

#### NOTA

A partir do presente número, A ESSE deixa a "Secção de Edipo", a pédi-

Em consequência, assumo a direção da mesma, devendo a correspondência a ela referente ser dirigida para a redacção da revista e endereçada a

ANCHIETA



## NOSSA CAPA

Monumento a Anchieta, erigido na praça da Sé, na capital paulista, e inaugurado em janeiro último.

